

**ENSAIO**



**ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS**

# **ENSAIO**

**Vol. 1 – Nº 1**

**1ª. edição**  
**Milton Maciel**  
**JOINVILLE**  
**2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados para catalogação na Publicação (CIP)

L154o Letras, Academia Joinvilense, 1969

ENSAIO – Vol. 1

Academia Joinvilense de Letras

Joinville, Milton Maciel, 2016-11-24

224 pg.: 21 cm

ISBN 978-85-908782-6-1

1. Literatura 2. Coletânea 3. Publicação  
4 – Romance 5. Conto.6. Crônica 7. Ensaio

Letras, Academia Joinvilense I Título

CDU 33-39

CDD-330.2

Para

Adolfo Bernardo Schneider – *in memoriam*

## Apresentação

**ENSAIO** é a voz da Academia Joinvilense de Letras, comunicando-se por escrito com leitores de todo o mundo lusófono. Em suas páginas, periodicamente, seus acadêmicos mostrarão trechos importantes de sua produção literária.

Aqui teremos uma agradável mistura de ficção e não-ficção: romance, conto, poesia, crônica, ensaio, memória, biografia.

Nas edições subsequentes, revezar-se-ão vários acadêmicos, sempre com a preocupação de proporcionar leituras acessíveis e agradáveis aos leitores em geral, evitando os laivos de 'academicismo' e os estilos pomposos, herméticos ou gongóricos.

Como diz nosso lema – *Domus amica, domus optima* = a casa amiga é a casa ótima – queremos que o leitor se sinta em casa com nossa publicação e que ENSAIO possa ser uma extensão literária amiga de seu próprio lar.

Joinville, novembro de 2016  
Milton Maciel - Presidente

# SUMÁRIO

Apresentação	<b>6</b>
Milton Maciel – <i>João Ramalho no Paraíso</i>	<b>11</b>
Herculano Vicenzi – <i>Lendas do Quiriri, Monte Pelado, Castelo dos Bugres e Monte Crista</i>	<b>29</b>
Carlos Aduino Vieira – <i>Jogos Olímpicos – Rescaldo de Campanha – Ao Pé da Letra</i>	<b>47</b>
Wilson Gelbcke - <i>Vindita do Historiador – O Catador de Papéis e o Rio</i>	<b>69</b>
Jura Arruda – <i>Sessão da Saudade</i>	<b>91</b>
Nelci Seibel – <i>Fábrica de Queijo</i>	<b>107</b>
Hilton Görresen - <i>Trabalhinho – Eles Não Deixam – Casaco de Peles</i>	<b>125</b>
Raquel S. Thiago – <i>Passeando Pela História; De Felicidade e Coisas Inúteis – De bondes e decibéis</i>	<b>147</b>
George P. de Souza – <i>O Conto do Aumente um Ponto</i>	<b>163</b>
Marcelo Harger – <i>Morrendo a Cada Dia – Deu Bobeira – Western Qualquer – Carnaval Tributário</i>	<b>181</b>
Irmã Cléa Fuck – <i>Discurso e Poesia</i>	<b>201</b>
Paulo R. da Silva – <i>A Academia Renasce (Maria C. Dias) Série Os Fundadores</i>	<b>213</b>







MILTON MACIEL

O acadêmico Milton Maciel, 73 anos, escritor, editor, consultor agrícola, conferencista internacional, pianista e compositor, é gaúcho da fronteira. Viveu 25 anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e consultor; e 4 anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para viver no ano de 2003. No período 2009-2014 residiu e trabalhou nos Estados Unidos como conferencista e escritor.

Tem, até o momento, 34 livros publicados em 3 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de astronomia, nutrição, etanol e agricultura orgânica.

É também membro da Associação das Letras e da Confraria do Escritor, ambas de Joinville, da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da Romance Writers of America.

É criador e titular do Curso de Formação de Escritores “O Escritor Publicável”

Atualmente é o presidente da Academia Joinvilense de Letras, para o triênio 2016-2019

BLOG: <http://miltonmaciel.blogspot.com.br>

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/milton.maciell>

<https://www.facebook.com/escritorpublicavel/?fref=ts>

# JOÃO RAMALHO NO PARAÍSO

## 1 - VAI, JOÃO, VAI CONQUISTAR O BRASIL!

VOUZELA, Portugal, 1512

– Não vais, não vais e não vais! Está decidido! Eu sou tua mãe e tu me deves obediência. Não vais! Eu não t’o permitirei ou não me chamo Catarina Afonso de Balbode. E não se fala mais nisso!

Catarina de Balbode estava realmente furiosa. Ora, ir-se o seu filhote para Lisboa! Aquele filho era mesmo cabeçudo como o pai. Na certa, se ela deixasse, iria meter os pés pelas mãos. Ah, que dois gajos mais parecidos aqueles! Não havia dois mais parecidos em Portugal, não podia haver! Tinha-se-lhes que trazer de rédea curta.

O marido, o velho João Vieira de Maldonado, até que tinha aprendido a se comportar, com o passar dos anos. Dera-lhe muito trabalho, é verdade. Mais moço, era dado a correr atrás das cachopas e a enrabichar-se por elas. Não que Catarina se importasse, os homens eram todos iguais, conhecia-se um, conheciam-se todos. João Maldonado não era nem um pouco diferente daquele bode velho sempre no cio – seu pai, Joaquim Balbode, que tantos bastardos tinha espalhado pelos arredores todos de Vouzela.

Já temendo por isso num filho tão parecido com o pai – e que, ainda por cima, poderia sair ao avô mulherengo – decidira casá-lo bem moço com uma rapariga séria e de boa família. E, acima de tudo, de cuja virgindade ninguém duvidasse por ali. Ora, essa Catarina Fernandes, baixota e gorducha, com um belo

buço preto maior que o da própria futura sogra, de respeitável cara feia também, não era exatamente o sonho dos rapazes do lugar. Muito menos de João Maldonado Filho. A penúltima coisa que um rapaz podia querer era casar aos dezoito anos. A última, é que fosse com Catarina Fernandes.

Mas acabou tendo que casar. Quando Catarina Afonso de Balbode botava uma coisa na cabeça, não havia cristo que pudesse tirar. Pressionou o marido e o filho por mais de seis meses. Por fim recorreu ao velho artifício de sempre: as pontadas! Caiu de cama com as célebres pontadas no coração, tão fortes que, às vezes, ela chegava a se enganar de lado, acusando-as do lado direito do peito. Queixava-se em altos brados, para que toda a vizinhança pudesse ouvir:

– Ai, que me morro! Que me morro! Mata-me este filho ingrato. Vou-me desta sem ter o gosto de segurar um netinho ao colo. Ai, que morro de pesar!

E redobrava os gritos, os ais, os gemidos. O velho Maldonado, por mais que soubesse que aquilo era manha, era teatro, acabava cedendo. Uma, porque não suportava escândalos e gritarias. Outra porque, por mais que desacreditasse das cenas de Catarina, acabava sempre ficando na dúvida: e se dessa vez fosse verdade? E se a mulher morresse mesmo, se o ataque desta vez fosse verdadeiro? Sempre havia uma primeira vez. E o pobre João Maldonado acabava cedendo.

Quando a pressão do pai veio somar-se à da mãe, já por si irresistível, João Maldonado Filho capitulou. Estava bem, casava-se com aquela moça sem graça, pela qual não sentia nada, absolutamente nada. Ao menos, também não lhe tinha antipatia. E quando soube o valor do dote da moça, ficou

entusiasmadíssimo. Valia a pena, sem dúvida. Deitava-se com a rapariga, fazia-lhe o filho que a mãe tanto queria para neto e ficava livre. Inventava uma viagem ou um trabalho bem longe, em Lisboa, se conseguisse. E aí ia ficando por lá, gozando a vida.

A vida de casado não caiu nada bem ao rapaz. Não só perdeu sua liberdade de ir e vir à hora que quisesse, como também ganhou uma segunda Catarina em tudo igual à primeira. A esposa era em tudo uma cópia de Catarina Balbode. Sempre de cara fechada, sempre reclamando de algo, sempre achando defeitos para colocar em tudo e em todos. E mandona! Mandona como a Catarina velha! Que desastre, onde fora amarrar seu burro!

Na cama era uma verdadeira negação. Não no sentido que se negasse. Mas não participava de nada. Era como um pedaço de pau. Logo o rapaz perdeu o pouco de desejo que, nessa idade, um homem sente até por buraco de fechadura. Foi parando de procurá-la e ela nunca se queixou disso. Talvez por isso, ou talvez por outra causa, nunca tinha engravidado. A velha Catarina vivia atormentando o filho por esse motivo:

– Me sais um frouxo, nem trepar em cima de uma mulher sabes, para emprenhá-la. Que negação! Me fazes morrer sem ter um neto. Me fazes morrer. Ai, as pontadas!

Num dia de sábado, em que as duas mulheres foram cedo para a missa das seis, pai e filho tiveram uma conversa decisiva.

– Meu pai, diz-me tu, como aguentas viver com uma esposa como essa, por todos esses anos? Eu estou começando a ver as mesmas coisas na minha e já não suporto mais. Decidi: vou-me embora de Vouzela.

– Ah, pois que estás certo, meu filho. Teu pai te compreende e te diz: vai-te logo enquanto é tempo. Se ficares tempo demais, como eu fiquei, acabas te acostumando e nunca mais consegues te libertar.

– Ora, meu pai, cá me vejo eu surpreso! Não pensei que me apoiasses nisso. Achei que considerarias loucura minha.

– Loucura será se, podendo partir, ficares. Aproveita que és jovem e forte, já vais fazer dezenove anos e já tens essa barba ramalhuda, toda crespa e esparramada. Ela te faz parecer mais velho do que és, ajuda a impor respeito à tua figura.

– Isso é verdade, meu pai. Há uns gajos, lá na Quinta, que, para diferenciar-me de meu pai, porque somos os dois João Maldonado, estão a chamar-me de João Ramalhudo. E uma cachopinha, filha do tanoeiro, em quem ando dando uns apertos lá no meio das oliveiras, chama-me agora Joãozinho Ramalho.

– Ora, ora, isso é divertido, mas até que te vai bem. João Ramalhudo. Ou João Ramalho, fica até melhor. Um nome novo para uma vida nova! Não está mal, não está mal. Mas dize-me tu, como e quando pretendes partir?

– Espero meu aniversário de dezenove anos, no mês que vem. E aí vou-me a pretexto de que consegui um grande emprego em Lisboa. Meu amigo Pedro Farias irá apresentar uma carta de um tio seu, que vive na capital, propondo-nos trabalho com uma paga muito elevada. É mentira, é claro. Mas a carta é verdadeira, já a recebemos pelo mensageiro. De qualquer forma, é na casa desse tio de Pedro Farias que iremos ficar nos primeiros tempos. Até que eu possa embarcar como grumete num navio que parta para as novas terras que Pedro Álvares Cabral descobriu para nós, as terras onde há o pau vermelho

que vale como ouro para os que tingem tecidos, o pau-brasil.

– Ah, com que então estás de olho nas riquezas da nova colônia, hein, malandrote! Pois fazes muito bem, tivesse eu tua idade e coragem, ia-me embora para essas terras de futuro também. Mas dize-me, como te vais arranjar em Lisboa? Com que dinheiro vais viver e comer, até que arranjes lugar num navio?

– Ah, meu pai, andei escondendo algumas moedas de Catarina, vou vender meu cavalo e os arreios e me arranjo com isso. Não preciso comer todos os dias, estou bem forte e lustroso, posso aguentar um pouco de fome, a causa é nobre.

– Não, não! Não criei filho meu para passar fome. Fica tranquilo, teu pai te ajudará. Tenho também muitas moedas e outros valores, que venho escondendo da Catarina, tua mãe, também, desde muito tempo. Sabes, sempre alimentei a esperança de que um dia eu teria coragem de dizer adeus a essa tua mãe e aventurar-me pelo mundo. Para isso fui ocultando algumas posses. Mas o tempo pegou-me, a saúde das juntas também, enferrujei de corpo e de alma. Mas agora, ao saber da tua aventura, tu me enches de novo ânimo e entusiasmo. Já estou velho demais para escapar-me daqui, mas viverei a tua empreitada como se fosse minha. E esse dinheiro, que guardei para minha fuga do cativoiro, dou-to todo a ti.

– Meu pai, quanta generosidade! Vais me fazer um grande bem. Mas não é justo que gastes todo teu patrimônio comigo. Dá-me menos, terei eu de arranjar-me, já ia fazê-lo com uns poucos trocados mesmo.

– És um bom menino, meu João Ramalho. Sempre foste muito amigo de teu pai. Pois agora é a hora de teu pai mostrar

que é teu grande amigo. Vamo-nos à casa, enquanto aquelas duas carolas bigodudas não chegam. Vou abrir um bom vinho, que tenho escondido também, e vou mostrar-te – ou melhor, já vou dar-te – o dinheiro que vai garantir o sucesso de tua aventura. Vem, vamo-nos já.

Dois meses tinham-se passado desde aquele sábado memorável para João filho. Ou João Ramalho, como o próprio pai passara a chamá-lo daquele dia em diante. Até que era bom, se as pessoas se acostumassem com esse nome, nunca iriam confundi-lo com o do pai. Gostava: João Ramalho, João barbudo, João da barba crespa e arreganhada!

Pois agora Catarina-mãe estava tendo um dos seus velhos ataques de pontada, entremeado de terríveis momentos de falta de ar e dor de estômago. Como se tonta estivesse, a gorda mulher se escorava nas paredes e gritava:

– Ah, mais tu não vais, não, senhor João Ramalho! Então porque tens uma barba ramalhuda já te consideras um homem capaz de desobedecer teu pai?

– Mas meu pai nunca que me disse para eu não partir para Lisboa! Ele sabe que é uma oportunidade de ouro para mim.

– Ora, não disse porque é um frouxo igual a ti! Vocês são dois gajos que não têm coragem de nada. E, muito menos, terão coragem de me desobedecer. João, ó João, onde estás, infeliz? Onde estás que não vens dar uns tabefes na cara desse teu ramalhudo de meia-tigela. E olha que, se tu não dás, acabo-os dando eu mesma, sim senhor!

E Catarina mãe arrancou o avental da grossa cintura e ameaçou bater com ele, enrolado, na cabeça do filho, que se



retirou rindo. Passou por Catarina-esposa, que assistia a tudo atentamente da entrada da casa. João encarou-a com um sorriso estranho e ela o olhou com deboche, dando toda razão à sogra, evidentemente.

João voltou-se para a casa e encarou as duas Catarinas. A moça, roliça e feia, do lado de fora; a velha, feia e roliça, na soleira da porta. E João, o ramalhudo, sentindo-se um grande homem, falou bem baixinho:

– Até nunca mais, suas rolhas-de-poço de maus bofes! Quedem-se por aí a retorcer seus bigodes!

Minutos depois estava com o pai e com Pedro Farias na bodega de Aristides Manco. O pai já tinha trazido mais cedo a pequena trouxa do filho, sem que as Catarinas o tivessem percebido. Pedro Farias já estava com a sua também. A despedida foi rápida e cheia de emoção, mas os dois Joãos souberam disfarçá-la. Dando um longo e apertado abraço no filho, João Vieira de Maldonado despediu-se com lágrimas fugazes nos olhos e falou-lhe, quase ao ouvido:

– Vai, meu filho. Sei que nunca mais meus olhos haverão de te ver. Mas tu hás de desbravar as novas terras para ti. Vai, cumpre teu destino, conquista esses Brasis e faz-te um homem rico e importante. Eu sei que tu podes, tu hás de triunfar!

No minuto final, ainda tirou do dedo seu anel de família e o colocou no dedo do filho. Depois, dando-lhe um puxão na barba arrepiada, falou pela última vez:

– Vai-te, João Ramalho, vai conquistar o Brasil!

E, dando as costas aos dois rapazes, afundou-se para a parte de

trás da bodega, onde podia chorar sem ser percebido pelos outros homens.

João Maldonado filho, o João Ramalho, e seu amigo Pedro Farias correram a encarapitar-se na carroça de Antonio Tanoeiro, que partiu para dar início à etapa inicial da viagem que levaria os dois rapazes para Lisboa. De trás de uma árvore próxima, surgiu a filha do tanoeiro, que gritou uma despedida ao pai e cochichou depois consigo mesma:

– Adeus, João Ramalho, vai com Deus.

Era ainda o ano da graça de 1512.

## 2 - Ratinhas!

Muito, muitíssimo mais fácil do que imaginara! Como fora fácil engajar-se como grumete numa caravela que fazia parte de um grupo a partir para o Brasil. No fim, não havia passado nem um mês na boa hospitalidade de tio Farias e já estava cortando o Oceano Atlântico no rumo sudoeste.

Se fácil havia sido engajar-se, difícil foi habituar-se à nova profissão de homem do mar. Isso pela óbvia razão de que o mar nunca ficava quieto! Aquele balouçar ritmado dava-lhe nas entranhas e João quase que as vomitava inteiras nos primeiros dias. Aprender a escalar os mastros fora-lhe agradável, até o dia em que o capitão mandou-o encarapitar-se no alto do cesto da gávea: *“Anda, avia-te, hoje tu vais para o caralho!”*

Visto e sentido ali do alto do caralho, o balouçar das águas era muito mais intenso e o efeito sobre suas entranhas o pior possível. E havia a cruel disposição do imediato de castigá-lo

com 20 bastonadas caso vomitasse lá de cima sobre os marinheiros embaixo. O medo das bastonadas fazia-o vomitar no balde que havia levado para lá escondido.

Mas acaba-se o homem acostumado com tudo, basta que se lhe dê tempo ou que a isso o obrigue o destino. João Ramalho teve tempo para acostumar-se e depois de duas semanas de embarcado já não tinha mais os mesmos enjoos colossais. Aos poucos foi-se tornando senhor da situação e deixou de ser motivo de chacota dos outros marinheiros...

Até que veio aquela terrível tormenta ao largo dos Açores, a primeira tempestade de João Ramalho! O medo foi tanto que ele não parava de ouvir sem parar a praga de sua mãe Catarina, quando ele manifestara, todo entusiasmado, seu desejo de ir para Lisboa e engajar-se na tripulação de um barco que demandasse rumo dos Brasis.

Pois a mãe ficou uma fera e, esgotado o recurso das célebres pontadas, ela o ameaçou com uma terrível praga:

– Como engajar-te, ó gajo sem juízo?! Tu nunca entraste num barco grande; o dia que fizeres isso, vais dar-te muito mal. Não foste talhado para ser homem do mar, criatura. Tu és bicho da terra, como teu pai e meu pai. E bichos da terra o mar não os aceita de bom alvitre. Eu t’o proíbo, ouviste bem? T’o proíbo! E, se um dia me desobedeceres, então hás de encontrar que o mar vai engolir-te, perecerás numa tempestade. É assim que o mar castiga filhos desobedientes e cabeçudos como tu. Se me desobedeceres, perecerás numa tempestade.

Por isso, quando a tormenta colheu a pequena flotilha ao largo dos Açores, João Ramalho encheu-se de medo de morrer afogado, pois havia desobedecido sua mãe e o mar o castigaria,

tal qual ela havia prometido.

Mas a tempestade acabou passando e nenhum navio foi a pique. João perdeu o medo de que a praga da mãe fosse um mal inevitável. Viu-se sereno pelo resto dos dias de navegação, adorando sua nova condição de marinheiro.

Então o momento tão esperado chegou: sinais de terra começaram a aparecer: aves e sargaços, detritos e galharias, disseram a todos que logo veriam no horizonte os Brasis. E de fato, no dia seguinte, do meio da névoa desse horizonte, surgiu uma elevação de terra que deixou a todos na maior excitação. Mais algumas horas de navegação e poderiam lançar ferros ao largo da costa da nova terra lusitana. Então desceriam nos escaleres e João Ramalho cairia no mundo das terras dos Brasis. Desertaria da tripulação e haveria de começar a ganhar sua fortuna pessoal.

Mas, ao invés de navegarem placidamente rumo à costa já visível, o que aconteceu foi que os navios foram recebidos por outra tremenda tempestade, muito mais forte do que a que enfrentaram nos Açores. Os ventos chegaram rápidos e rápidos cresceram, surpreendendo mesmo os mais experientes marinheiros e comandantes. Com os ventos vieram as nuvens carregadas e das nuvens carregadas desabou o dilúvio. Relâmpagos iluminavam a escuridão que se fez em pleno dia e as ondas subiram agigantando-se muito mais altas que o convés das caravelas. E justamente aquela em que João Ramalho estava foi a única que não resistiu ao empuxo das ondas. A caravela foi a pique, afundando às vistas da costa brasileira.

Então João Ramalho teve certeza que a praga de Catarina se cumpriria. “*Filho desobediente e cabeçudo, bicho da terra, o mar castiga!*” Ainda assim decidiu que não entregaria a carcaça

facilmente à morte. Agarrado a um pedaço de trave, conseguiu manter-se boiando e foi nadando com um esforço sobre-humano em direção à costa que avistava, iluminada pelos coriscos. Quando estava quase chegando, no entanto, as forças se lhe esvaíram e João Ramalho aceitou o inevitável. Era o fim. Não conseguia mais manter os olhos abertos, os músculos lhe doíam como se tivessem agulhas por toda a extensão do corpo. João largou a trave e fez uma última arremetida desesperada em direção à areia branca. Tarde demais, no entanto: a exaustão dominou-o e ele começou a afundar, engolindo água e não conseguindo mais respirar. Tudo ficou totalmente escuro.

João Ramalho teve a sensação que estava despertando de um longo sonho. Então aquilo é que era morrer! Havia morrido afogado e agora estava deitado de barriga para cima em algum lugar que não sabia o que fosse. Estava completamente seco e um calor agradável tomava conta de todo seu corpo. Que delícia para quem, momentos antes, lutava como um louco contra aquela água gelada. Que calor gostoso, que chegava a lhe dar quentura até nos ossos! E uma ardência diferente na pele.

Ah, se morrer era assim, então morrer era bom! A praga de sua mãe se cumprira, mas ele não estava infeliz. Fechou os olhos novamente e continuou desfrutando do calor amigo, que parecia vir de um sol sobrenatural. Então pareceu-lhe ouvir algo como cochichos e risadas leves de pessoas e uma sombra toldou-lhe a visão da luz avermelhada, que se infiltrava através de suas pálpebras fechadas.

João Ramalho abriu os olhos e o que viu deixou-o extasiado. Sim senhor, estava morto e bem morto, mas estava no Paraíso!!! Pois além daquele calor maravilhoso, além daquele sol dourado, o que ele viu logo acima de sua cabeça lhe deu

essa certeza:

*Uma ratinha!*

Sim, não havia dúvida. Era mesmo uma ratinha, aquela mimosa rachinha que as mulheres têm no meio das pernas, só que essa não tinha aquele tufo de pelos negros e crespos, tão ramalhudos quanto sua barba. Era uma ratinha sem pelos. Aí mesmo é que João Ramalho teve certeza que estava no Paraíso, pois essa era sua concepção de Paraíso há muito tempo: um lugar onde um homem chega e encontra uma mulher maravilhosa e jovem a esperá-lo. Uma só? Não, o que João via agora, a pairar sobre ele, era uma nuvem de ratinhas, todas peladinhas, todas do Paraíso. Muitas mulheres muito jovens andavam ao redor dele, conversavam e riam.

Uma delas, mais decidida, ajoelhou-se ao lado dele e começou a puxar a sua barba. Logo muitas outras fizeram a mesma coisa. E João viu que elas estavam todas entusiasmadas com sua barba ramalhuda.

Que sorte que tivera de morrer! Será que era verdadeira a história que o tio Xavier lhes havia contado, numa noite de chuva e bebedeira? Era uma história que dizia que os árabes que morrem em batalha vão direto para o paraíso e lá recebem pelo menos vinte jovens virgens para amar, mulheres que nunca envelhecem, nunca engordam e não têm umbigo.

Mas as donas daquelas lindas ratinhas sem pelos tinham umbigo! Então o que queria dizer aquilo tudo?

No instante seguinte, quando as mocinhas o tomaram pelos braços e o fizeram erguer-se, João Ramalho compreendeu a verdade: ele *não tinha morrido!* Estava vivo, vivíssimo e no

meio de um grupo de indiazinhas tagarelas e totalmente peladas. Que raparigas formosas! Que cor maravilhosa de gente saudável, sem aquelas brancuras flácidas de sua mulher Catarina. E sem aquele monte despropositado de pentelhos a tudo atrapalhar. Estas aqui andavam nuinhas em pelo, quer dizer, nuinhas sem pelo, coisas mais formosas nunca lhe fora dado observar em vida. E como, vistas e sentidas tão de perto, delas não se exalavam aqueles cheiros azedos que vinham de sua mulher descuidosa e pouco dada às higiênes?

As indígenas cheiravam à pele! Exalavam um aroma sutil e adocicado de pele limpa e saudável de jovem fêmea. E, hom'essa, que gente mais bem-humorada, pois se é! Onde, em todo Portugal, poderia ele imaginar gente assim tão amistosa, sorridente, e dada por demais ao rir e ao brincar?

As moças o foram puxando pelas duas mãos e empurrando-o suavemente pelos ombros, até que ele entendeu que queriam que caminhasse com elas em uma certa direção. João seguiu com elas, enquanto as comia com os olhos, vendo aquele festival de corpos perfeitos e desnudos, algo com que jamais tinha sequer sonhado na vida. As indiazinhas percebiam claramente a excitação do português e o atiçavam ainda mais, parecendo divertir-se muito com aquilo tudo. Conversavam e riam às gargalhadas, estavam completamente à vontade, nuas daquele jeito na frente de um homem.

João compreendeu claramente que havia sobrevivido ao naufrágio, mas se isso tinha acontecido fora por um verdadeiro milagre, pois a última lembrança que tinha é que havia desistido de lutar e começara a afundar e beber daquela água salgada e fria. Então havia perdido os sentidos. E isso tudo teria acontecido no exato momento em que seu corpo havia dado à praia. A própria água o havia jogado na areia e depois,

com o recuar da maré, ficara ele ali exposto ao sol, que devia ter surgido logo depois da tempestade. Esta devia ter sumido tão rápido quanto aparecera. E ele tinha acordado seco e com aquela sensação maravilhosa de estar aquecido até à medula dos ossos.

Então aquele grupo de adolescentes índias o havia encontrado, puxado sua barba ramalhuda e, fazendo-o levantar-se, estavam agora tangendo-o em direção a um riacho próximo. João contou-as mais uma vez: eram dezesseis raparigas, cada uma mais formosa do que a outra. Esguias, de bom corpo, alegres, risonhas, gente de uma simpatia que ele nunca tinha visto em vida. E cheirosas, perfumadas. Todas faziam questão de tocar nele, de pegar seus braços e mãos, de tocar seus ombros e até suas pernas. Como estavam todas nuas, era difícil para o português esconder o estado de tremenda excitação em que se encontrava. Ainda bem que estava vestido!

Mas pior ficou sua situação quando chegaram ao riacho. A mocinha que parecia ser a líder de todas falou várias palavras que ele não entendeu, mas apontou para suas roupas e levou os dedinhos ao nariz diversas vezes. João Ramalho entendeu que suas roupas fediam; afinal, ele também tinha um nariz.

Um segundo depois, quando todas as moças caíram sobre ele e começaram a arrancar suas roupas, o português ficou encabulado. Como apontavam para a água, entendeu que elas queriam que ele tomasse banho. Quando a última peça, a mais íntima, foi arrancada, João tentou esconder o que ele aprendera em Portugal a chamar de “suas vergonhas”. Mas as indiazinhas foram implacáveis. Puxaram-lhe as mãos e os braços e o português foi obrigado a exhibir-se em estado de ferosa excitação sexual.



As meninas caíram na gargalhada, achando muito engraçado que um homem tivesse vergonha de aparecer como a natureza manda. *Esses brancos eram mesmo muito estranhos, além de muito sujos e mal-cheirosos!*

As garotas cercaram João e o empurraram para dentro do riacho, jogando-o do barranco na parte mais funda. Ele sentiu com agrado a água pouco fria no corpo e começou a nadar, mas viu que elas tinham pulado n'água também. Nadaram todas em sua direção, cercaram-no e começaram a passar a mão por todo o seu corpo, não se limitavam mais somente à barba e aos cabelos crespos e desgrenhados. Sentiu que várias delas o pegavam “lá” e morriam de rir.

Ao mesmo tempo, elas o esfregavam com força, umas duas ou três tinham umas espécies de pedras lisas na mão e passavam-nas pelo corpo dele, como se aquilo fosse um sabão europeu. Não faziam cerimônia, mãos e pedras passavam por todo e qualquer ponto do seu corpo.

Então o estado de excitação do rapaz chegou ao máximo que ele podia aguentar e o inevitável aconteceu. Ainda bem que ele estava dentro d'água! Uma das índias que o manipulavam lá, percebeu o fato e relatou isso às outras, rindo à gargalhada plena. E fazendo um sinal, aproximando as mãos uma da outra, como a mostrar que algo maior de repente ficara pequeno. Todas riram muito e João Ramalho não sabia o que fazer, totalmente vexado de vergonha, como jamais lembrava-se de ter estado na vida.

*(Excerto do romance histórico “JOÃO RAMALHO NO PARAÍSO”, primeiro volume da série “DE FRANÇA E BRASIL”, uma quadrilogia que abarca o início do período*

*colonial brasileiro, de 1532 a 1624, sob forte influência portuguesa, espanhola, francesa e holandesa:*

- 1 - *“João Ramalho no Paraíso”*;
- 2 - *“João Ramalho Fundador”*
- 3 - *“Villegaignon no Inferno”*
- 4 - *“Monsieur Le Prince Essomericq”*



HERCULANO VICENZI

Nascido em 1948 e criado no cabo da enxada em Taió, SC, Herculano chegou em Joinville nos anos 70 para fazer Faculdade de Letras. No mesmo ano começou suas atividades no jornalismo, nas quais permanece há mais de 40 anos.

Com sua raiz na roça, Herculano acabou se especializando em fazer um grande número de matérias jornalísticas sobre as atividades e as pessoas da área rural de Joinville e região. Sua grande afinidade com os colonos, sobre os quais escrevia, levou-o a receber de um colega jornalista o apelido de *Hercolono*.

Dele diz o Professor Vital Poffo: “Ex-agricultor, cultíssimo, discorre com facilidade sobre os mais variados temas, filosofando e contando casos e *causos*, sempre bem-humorado, bonachão, amigo de todos.”

Rodrigo Schwartz acrescenta: “Herculano soube explorar como ninguém as histórias da zona rural joinvilense. Um profissional da mais alta estirpe, que permanece tão vital e relevante quanto os fundões de Joinville.”

Herculano Vicenzi é autor dos livros:

”Alma Verde”

“Fundação Municipal 25 de Julho – 30 Anos a Serviço da Família Rural”

“Casos e causos”

“Legislativo de Joinville – Subsídios Para Sua História”

“Dona Francisca – Imperial Estrada da Serra”

“ Nos Fundões de Joinville”

## Lendas da Serra do Quiriri, Morro Pelado, Castelo dos Bugres e Monte Crista

Região montanhosa situada em sua maior parte no município de Campo Alegre, Serra do Quiriri reúne belezas fantásticas, dignas de produções cinematográficas como aquelas de John Huston, mestre na arte de explorar cenários grandiosos.

O local é um imenso campo natural com mais de 100 milhões de metros quadrados ainda em estado praticamente selvagem. A gleba, que ocupa também parte dos municípios de Garuva e Tijucas do Sul, apresenta altura média de 1.200 metros do nível do mar, pontilhada por mais de 20 picos, cujos topos alcançam de 1.300 a 1.580 metros.

De quase todas as elevações é possível divisar-se o mar e todas as cidades da faixa litorânea catarinense entre Garuva e Piçarras. Joinville pode ser descortinada em toda sua extensão e, em dias de céu lavado, até a movimentação de navios nos portos de Itapoá e São Francisco do Sul pode ser apreciada do alto dos picos. Outros pontos turísticos famosos dos arredores, como o Castelo dos Bugres, Morro Pelado e Monte Crista, podem ser facilmente identificados da Serra do Quiriri.

A paisagem é enriquecida por vales profundos, abismos, escarpas, paredões rochosos, arroios de água cristalina, além de furnas, cavernas e grutas, tudo escondido nas florestas que circundam os campos naturais.

As formações rochosas aguçam a imaginação. No alto de um platô, um colosso de rocha enegrecida parece um camelo deitado. Logo adiante, descobre-se um conjunto de pedras, que

à distância, imita as ruínas de um castelo medieval. Já na beirada de um abismo, um rochedo lembra a cabeça de um monstruoso lagarto.

No inverno o ambiente é varrido por vento gélido, que uiva nos contrafortes rochosos. A temperatura cai a vários graus abaixo de zero e são registradas fortes geadas, que afugentam os animais para as regiões mais baixas da serra.

Descobrir todos os encantos do lugar exigiria semanas de exploração intensa e ainda assim muita coisa ficaria para trás, garantem moradores nascidos nas cercanias da Serra do Quiriri.

Os nativos da região costumam dar um conselho a visitantes de primeira viagem: ninguém nessa condição deve se aventurar nos campos naturais sem um guia experiente. Segundo eles, um pequeno descuido é suficiente para ficar perdido na imensidão da gleba selvagem. O perigo aumenta em dias de cerração forte, que no lugar é chamada de *tapume*, por limitar a visibilidade a menos de 10 metros de distância. Nessas ocasiões, só pessoas com muita experiência conseguem movimentar-se com segurança.

Além das belezas naturais, a Serra do Quiriri é considerada um lugar místico, recheado de mistérios fantásticos. Discos voadores pousariam com frequência em paragens descampadas. Formações rochosas estranhas dão tal certeza a boa parte das pessoas que conhecem a montanha.

Em diversos pontos são encontradas pedras achatadas, de tamanho uniforme e distribuídas em posição simétrica. Parecem pátios de paralelepípedos gigantescos. Numa dessas formações, as pedras estão dispostas em fileiras perfeitas, intercaladas por blocos maiores e blocos menores, tudo com precisão de fazer o

queixo cair. A impressão é de que houve a intervenção do homem para formar tão harmonioso conjunto.

Corre na Serra do Quiriri a lenda que as formações rochosas foram deixadas por extraterrestres ou pelos Incas, que teriam passado pela área como uma ramificação do Peabiru, o famoso caminho que fazia ligação entre o Peru e o oceano Atlântico. Para alguns, as formações rochosas seriam campos de pouso de discos voadores. Para outros, marcos dos Incas a serem decifrados. A crença, em ambos os casos, é reforçada pela proximidade do Monte Crista, outra montanha repleta de histórias fantásticas.

Ninguém afirma ter se deparado com discos voadores. Mas são comuns relatos de fenômenos estranhos, como barulho de correntes, som de trombetas e canto coral. Nessas horas, os cães entrariam em pânico enroscando-se nas pernas de seus donos, tamanho o grau de pavor.

As lendas intensificaram-se nas últimas décadas em função do livro de ficção “A Terra Oca”, de Raymond Bernard, no qual o autor descreve os Atlantes, uma civilização remanescente da lendária Atlântida, que habitariam o centro da Terra e se comunicariam com o exterior através de canais. Um desses canais estaria no Monte Crista, vizinho da Serra do Quiriri. Era o que faltava para fustigar de vez a imaginação daqueles que acreditam em mistérios.

A lenda de extraterrestres não é a única, nem a mais popular na Serra do Quiriri. Existe uma outra e mais famosa ainda. É a de um tesouro escondido por padres jesuítas, que no século 18 passavam com frequência pela picada aberta através do Monte Crista e da Serra do Quiriri, estabelecendo ligação entre Três

Barras, no litoral norte de Santa Catarina, e São José dos Pinhais, nas proximidades de Curitiba. Barras de ouro e potes de pedras preciosas teriam sido escondidos em uma caverna da Serra do Quiriri, durante um ataque de índios ferozes. Os religiosos, antes de serem mortos a flechadas, teriam escondido o tesouro em uma caverna, só conhecida por eles.

Tais relatos tem atraído há décadas caçadores de tesouros sem nenhuma experiência no ramo. Por conta disso, algumas expedições acabaram depredando pontos de potencial turístico. O caso mais conhecido e lamentado pelos moradores dos arredores da Serra do Quiriri envolve uma caverna que tinha a entrada protegida com uma porta de ferro. Para derrubá-la, uma equipe de caçadores de tesouros usou dinamite. Resultado: toda a entrada desmoronou e não existe a menor possibilidade de acesso ao seu interior.

Os moradores da região lamentam o fato e carregam uma dúvida até hoje. Será que na caverna tinha um tesouro escondido, ou será que no passado ela servia de pousada para quem se locomovia entre Três Barras e São José dos Pinhais?

O caso mais espetacular sobre tesouros na Serra do Quiriri envolve três peões de gado. Eles teriam descoberto numa canhada um cocho de sal cheio de barras de ouro. No momento em que se preparavam para apanhar aquela fortuna, do nada surgiu um grupo de cavaleiros vestidos com armaduras medievais e brandindo reluzentes espadas. Apavorados e quase afrouxando a urina, eles fugiram. No dia seguinte, mesmo encagaçados, retornaram ao local. Não acharam mais nada, nem o cocho de sal.

Motivo de troça entre os companheiros, os três peões se fecharam, recusando-se a recontar a fantástica história. Trinta



anos mais tarde encontrei-me com Milton Rocha, um dos três envolvidos no episódio. Depois de muito insistir, com humildade e paciência tibetana, ele confirmou a história que eu tinha escutado de terceiros: “Moço, nós não tínhamos motivo para inventar uma história como essa. Aquilo foi visagem no duro. Que Deus me livre de passar por outra experiência desse calibre”, desabafou.

Esse foi, sem dúvida, o relato mais impressionante que eu já ouvi sobre a lendária Serra do Quiriri.

Outro caso que chama a atenção teria acontecido com Levino Sales, morador da região. Ele garantiu ter descoberto um monte de barras de ouro em uma gruta. Ficou combinado que três dias depois um grupo de companheiros iria ajudá-lo a buscar a fortuna. Acontece que, no dia seguinte, ele se envolveu numa briga e morreu assassinado.

São inúmeros os relatos envolvendo pessoas que procuraram ouro na Serra do Quiriri e no Monte Crista, e que acabaram morrendo de forma trágica. Na opinião dos caboclos do Quiriri essas pessoas foram castigadas por tentar se apossar de algo que não lhes pertencia. A afirmação é sempre feita em tom solene e temeroso.

Há muito tempo a Serra do Quiriri é alvo de caçadores de tesouros. Para boa parte, tudo não passa de lenda e fantasia. Outros acreditam que muito ouro já foi desenterrado do esconderijo dos jesuítas, mas que ainda resta alguma coisa para ser descoberta.

Na visão de Harley e Robson Duvoisin, de Campo Alegre, na Serra do Quiriri existe um tesouro grandioso que poucos enxergam. Trata-se, segundo os irmãos Duvoisin, do potencial

ecológico e turístico do local. “Aquele mundão de Deus é um verdadeiro paraíso que, bem explorado, poderia atrair milhares de visitantes”, assinala Harley.

Apesar de predominar uma única gramínea, a natureza apresenta rara beleza na montanha. De manhã, os campos naturais costumam apresentar coloração dourada. As nuvens, ao amanhecer e ao entardecer, surpreendem pela coloração ora violeta, ora rosa. Um espetáculo de se tirar chapéu de aba larga. Nas formações rochosas é comum a presença de orquídeas e bromélias.

Geograficamente a Serra do Quiriri está situada no lombo da Serra do Mar, constituindo-se em divisor de águas. Existem no local nascentes dos rios Negro e Quiriri. O rio Quiriri deságua no rio Cubatão, em Joinville. O rio Negro é afluente do rio Iguaçu, manancial que faz parte da grande bacia hidrográfica do Prata.

A Serra do Quiriri é habitada por onças, leões baio, lebres e tatus, entre outros animais. As aves são relativamente raras. Especialmente pássaros pequenos, que se mantêm longe devido à presença de aves de rapina de grande porte.

## **Morro Pelado**

Joinville dispõe de um soberbo conjunto de atrativos turísticos situados logo acima da Serra Dona Francisca. Ele é formado pelas comunidades de Rio do Júlio e Laranjeiras, ambas perto do limite com o município de Campo Alegre. Nos arredores dessas comunidades são encontrados pontos turísticos de fascinante beleza. Em área acidentada, a uma altitude média de 700 metros acima do nível do mar, destacam-se as quedas do

rio Cubatão – a maior delas com 369m de altura – o Castelo dos Bugres e o Morro Pelado, este, uma imponente formação rochosa monolítica com cerca de 800 metros de comprimento, 300 de largura e 200 de altura.

Situado atrás do Castelo dos Bugres, o Morro Pelado é alcançado em cerca de duas horas de caminhada a partir da SC-418, a antiga Imperial Estrada Dona Francisca.

A imponência do lugar impressiona. Circundado por exuberante mata atlântica, o Morro Pelado destaca-se por estar posicionado em área plana, levemente ondulada. De formação pluvio-glacial, em sua maior parte é coberto por vegetação rasteira rala, mostrando em diversos pontos a pedra nua, característica que originou seu nome, dado por antigos agricultores que costumavam caçar em suas redondezas.

Para escalar o colosso é preciso usar equipamentos especiais, pois seus paredões quase perpendiculares dificultam a subida. Mas existem duas fendas, só conhecidas por velhos caçadores, por onde é possível chegar ao topo do Pelado sem a ajuda de qualquer equipamento de escalada.

A face sul da formação rochosa é a mais impressionante. De longe tem a aparência de uma cabeça gigantesca, com olhos, boca e nariz bem definidos. Para a maioria dos visitantes a silhueta lembra a cabeça de um bisão.

Morro Pelado tem despertado a curiosidade de muita gente. Pessoas que visitam o Castelo dos Bugres têm, do alto daquela famosa formação rochosa, uma visão panorâmica do gigante coberto por vegetação rasteira.

A mata no entorno do Pelado é exuberante, destacando-se

canelas e perobas seculares. Existem também muitas figueiras velhas – algumas de tão velhas e já ocas, têm espaço suficiente para armar bom acampamento para até quatro pessoas.

A região do Pelado é banhada por três riachos de água cristalina e muito fria, inclusive em pleno verão. A fauna é abundante, principalmente de pássaros de pequeno porte. O silêncio da floresta é constantemente quebrado pelo berreiro de bandos de tucanos e estridentes marteladas de arapongas.

Ao longo da picada, em riachos que cruzam o caminho, são encontrados rastros de tatus, pacas, cotias, porcos do mato e até de onças. A proibição da caça tem contribuído para a recuperação da fauna nas cercanias do Morro Pelado.

No tempo de memoráveis caçadas ao redor da imponente formação rochosa poucos se aventuravam pernoitar no local. Tudo por conta da lenda de um assustador fenômeno noturno, que teria sido testemunhado por duas equipes de caçadores.

Numa noite de céu estrelado, três caçadores armaram acampamento rente ao Pelado. De súbito escutaram a zoadá de uma ventania violenta. Em seguida ouviram o barulho de galhos sendo quebrados e de árvores tombando de forma tão estrepitosa que chegava a estremecer o chão do acampamento. Acuados, os caçadores notaram que ao seu redor as árvores não se mexiam em nada. O violento vendaval passava ao lado, no máximo, segundo eles, a cerca de 200 metros de onde se encontravam.

De súbito parou tudo e a floresta voltou ao mais profundo silêncio. Na manhã seguinte os caçadores levantaram acampamento e antes de seguir a viagem foram dar uma espiada no estrago que a ventania tinha feito na floresta. Para

espanto do trio, que na hora da ventania chegou a sentir o chão estremecer, não encontraram nenhum galho partido e nenhuma árvore tombada. Assustados interromperam a caçada e saíram do mato correndo.

No dia seguinte ao contar o ocorrido a outro grupo de caçadores eles tiveram de suportar uma saraivada de caçadas. Não contentes, os caçadores resolveram na mesma hora que iriam pernoitar no Pelado uma semana mais tarde para provar que aquela história era pura fantasia de pessoas que se assustam por qualquer coisa.

Foram, e na manhã seguinte voltaram para casa com os cabelos ainda arrepiados. O fenômeno da ventania, dos galhos quebrados e das árvores tombadas repetiu-se por inteiro. De manhã não encontraram nenhum vestígio de estrago na mata. Em pânico, fugiram atabalhoados. De tão apavorado, um dos caçadores acabou perdendo até a espingarda na picada.

Desde então, pelo sim, pelo não, nenhuma equipe de caçadores atreveu-se a pernoitar nos arredores do Morro Pelado. A lenda da fantasmagórica ventania é contada até os dias atuais pelos mais antigos moradores dos fundões de Joinville.

## **Castelo dos Bugres**

O ponto turístico em estado selvagem mais visitado em Joinville é o Castelo dos Bugres. Situado na SC-418 (antiga Imperial Estrada Dona Francisca), o atrativo turístico é formado por gigantescas pedras sobrepostas, que despertam a curiosidade pelas belezas naturais e pelas lendas que envolvem o lugar. Mesmo sem estrutura, o castelo é muito visitado,

principalmente no inverno. Os visitantes aproveitam velha picada de caçadores para subir o morro onde se encontra a impressionante formação rochosa.

Dentre as inúmeras pedras, uma se destaca por apresentar o formato de uma bola e estar escorada por outra menor, que funciona como calço. Se o calço fosse tirado, a imensa bola mergulharia num abismo com cerca de 60 metros de profundidade.

Para chegar ao castelo é relativamente fácil. Da SC-418 é preciso percorrer a pé cerca de dois quilômetros para chegar ao cume da elevação, que está 980 metros acima do nível do mar.

Em média o percurso é coberto em uma hora. No começo da caminhada um riacho habitado por cardumes de lambaris precisa ser cruzado meia dúzia de vezes. Depois vem uma subida, que em alguns trechos é muito íngreme, obrigando o visitante a firmar as mãos em raízes para vencer obstáculos como pedras e troncos atravessados na picada. De tão frequentada, em algumas partes a picada apresenta profundidade de mais de 20 centímetros.

A vegetação do local é pródiga em árvores frondosas, a maioria emolduradas por orquídeas. A profusão de gravatás também impressiona. Da copa das árvores ouve-se o canto de muitos passarinhos de pequeno porte. Na picada existem sempre rastros de animais selvagens, entre outros, tatus, cotias e jaguatiricas. Até os anos 1970 eram comuns rastros de onças e antas. Com o aumento da circulação de pessoas, tais rastros não são mais encontrados nas redondezas do castelo.

Do alto dos grandes blocos de pedras sobrepostas a vista panorâmica é esplêndida. A zona sul de Joinville pode ser vista

em quase toda sua extensão. São também descortinados o Morro Pelado, o vale do rio Cubatão, parte dos campos naturais da Serra do Quiriri e até a Serra de Agudos, no Paraná.

Além das belezas naturais, Castelo dos Bugres atrai visitantes devido às lendas que mistificam o local. Há quem acredite que em algum ponto secreto existe uma entrada para o centro da Terra, onde viveria uma civilização mais adiantada do que a nossa. Antigos caçadores garantem que à noite são ouvidos sons estranhos, sobrenaturais, segundo eles.

A lenda mais fantástica do castelo surgiu no final do século 19. Em noites de lua cheia, um índio montado em um fogoso cavalo branco e brandindo uma lança flamejante teria surgido em mais de uma oportunidade no ponto mais alto do castelo.

Ninguém afirma ter visto o tal índio. Mesmo assim, é expressivo o número de pessoas que acreditam em sua existência. Mais que isso, acreditam ser ele o guardião de um fabuloso tesouro.

A lenda do índio da lança flamejante continua instigando a imaginação de muita gente. Outras histórias correm à solta sobre o castelo, como o rufar de tambores, o repicar de sinos e a queda de raios em noites estreladas.

Valdemar Meyer, vizinho do castelo, fez a primeira visita ao local há mais de 50 anos. Depois disso subiu a elevação outras centenas de vezes, sempre como guia de pessoas de perto e de longe. Já levou ao topo do morro joinvilenses, paulistas, cariocas e até alemães e suíços.

Bem-humorado, Meyer conta que nunca viu nada de fantástico no castelo, a não ser as estonteantes belezas naturais.

Dando risadas ele emenda: mesmo não encontrando nada de misterioso, os visitantes vão embora satisfeitos com a beleza do lugar.

Meyer não contesta as lendas que ajudam a visitação ao castelo. Mas numa coisa ele discorda de pronto: comenta-se que existem inscrições indecifráveis nas pedras. Tudo balela, o que tem por lá são duas ou três iniciais de nomes e sobrenomes de soldados do Exército, que costumava levar a tropa ao local para fazer manobras de sobrevivência na selva. Eu mesmo testemunhei um soldado fazendo uma dessas inscrições com a ponta de uma faca, assinala, sem conter uma boa risada.

Sobre uma possível entrada secreta para o centro da Terra, o mateiro do castelo informa que nunca encontrou qualquer vestígio da dita cuja. “Se existe, está muito bem escondida”, enfatiza.

## **Monte Crista**

Em Garuva, local de verdadeiras romarias é o Monte Crista, região da passagem da famosa picada que no século 18 fazia ligação entre a comunidade de Três Barras, em Garuva, e a cidade de São José dos Pinhais, perto de Curitiba.

Situado a quase mil metros do nível do mar, o topo do Crista oferece uma vista privilegiada. De lá é possível divisar a orla do mar e as cidades do extremo norte do litoral catarinense.

Atualmente a maioria dos visitantes contenta-se em apreciar a bela vista e a se deliciar com a imensidão da floresta por onde passa o caminho que estabelece ligação com o cume da montanha.



Subir o Monte Crista exige de quatro a cinco horas de caminhada. Mas compensa o esforço pela exuberância da floresta e por um detalhe histórico: parte do trajeto é feito através da antiga picada Três Barras-São José dos Pinhais, aberta pela Coroa de Portugal em meados do século 18. Por ser muito íngreme, dificultando até a circulação de mulas, ela deixou de ser usada como rota comercial poucos anos após sua conclusão. Nos trechos de subidas mais fortes o dito caminho foi revestido com pedras achatadas, que permanecem lá até hoje e são conhecidas como “Escadaria do Monte Crista”.

Num passado não muito distante, a picada do Monte Crista chegou a ser afundada por aventureiros em busca de um suposto tesouro. A lenda do tesouro é a mesma que corre na Serra do Quiriri. Padres jesuítas, que estariam passando pelo local com um carregamento de barras de ouro e pedras preciosas, ao serem atacados por uma tribo de índios ferozes tiveram tempo de esconder a preciosa carga em uma caverna antes de caírem mortos a flechadas.

Por conta dessa lenda transmitida oralmente de geração para geração, muito se fuçou, muito se esburacou em lugares de difícil acesso do Crista. Se alguém achou alguma coisa ninguém sabe dizer.

Hoje os caçadores de tesouros praticamente saíram de cena. Mas tanto nos arredores do Monte Crista, quanto na Serra do Quiriri, tem gente que acredita na existência do tesouro dos jesuítas e que ele ainda não foi encontrado.

Perto do ponto mais alto do Crista existe uma formação de pedras retangulares interessante. Na base, duas pedras estão posicionadas no sentido vertical. Em cima delas estão outras

duas, em posição horizontal. Uma quinta, novamente na posição vertical completa o conjunto.

A maioria dos visitantes impressiona-se com o capricho da natureza em ter formado conjunto rochoso tão perfeito. Mas nem todos acreditam que aquilo constitui-se em um capricho da natureza. Trata-se, segundo eles, de um marco deixado pelos Incas quando da suposta abertura de uma ramificação do Caminho Peabiru em direção ao litoral norte de Santa Catarina.

Partidários do “capricho da natureza” e do “Caminho do Peabiru” nunca se entenderam e nem vão se entender. Ninguém admite dar o braço a torcer e assim o conjunto de pedras é motivo para uma teima sem fim.

Outra lenda que envolve o Crista refere-se a aparições furtivas de figuras fantasmagóricas. Para muitos só podem ser almas penadas de jesuítas que teriam sido mortos a flechadas.

Lenda é lenda e por isso no começo dos anos 1960 aconteceu um fato que é lembrado até hoje. Alguns jovens de Joinville caminhavam rumo ao alto do Crista desconfiados com a possibilidade de topar com alguma visagem assombrosa.

Assim que se encontravam a poucos metros do cocuruto da montanha, eis que a suspeita materializou-se. Atônitos, de súbito avistaram algumas figuras vestidas de preto, com as cabeças cobertas por capuzes da mesma cor.

– Minha Nossa Senhora, me socorre, são fantasmas da Idade Média – gritou um dos excursionistas, pronto para descer a montanha em quatro pulos.

Nisso ouviram uma risada. Já assustados, os jovens sentiram o sangue gelar de vez nas veias. Para alívio de todos, em seguida soou uma voz tranquilizadora.

– Calma gente, não somos fantasmas coisa nenhuma. Somos padres capuchinhos – trombeteou a voz entre inevitáveis risadas.

Resultado: os apavorados trilheiros de Joinville, que por pouco não afrouxaram o esterco, tamanho foi o susto, se juntaram ao grupo de capuchinhos para explorar as belezas do místico Monte Crista.





CARLOS ADAUTO VIEIRA

Presidente da Academia Joinvilense de Letras de 2013 a 2016, o acadêmico Carlos Adauto Vieira é advogado e economista (Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Ciências Econômicas de SC e da FURJ).

Desde 1957 colabora em jornais: O Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Tribuna de Santos, A Notícia, Jornal de Joinville, O Município (Brusque), Sol de Camboriú, Folha Acadêmica, Folha do Litoral, Tribuna de Santa Catarina e Gazeta das Praias, de São Francisco do Sul - escrevendo artigos sobre direito, sociologia, política, economia, literatura e história. É colunista de *A Notícia* desde 1958.

Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura por várias vezes. Nesta condição, implementou os projetos de recuperação da Estação Ferroviária, da Shokoladenfest, do Festival da Canção de Cervejaria, do Memorial da Empresa Joinvilense; da edição de livros de Adolpho Bernardo Schneider, Elly Herkenhof, e Carl Julius Parucker; da reedição da ‘História de Joinville’ de Carlos Ficker’; e de “Às margens do Cachoeira”, de Augusto Sylvio.

Manteve colunas dominicais sob os pseudônimos de Charles D’Olangè e Heliodoro Luiz.

Publicou quatro livros – “Aos Domingos, crônicas”; “Saborosas Estórias Curtas de Charles D ‘Olangè’”; “Europa sem Programa”; e “Contos e Crônicas”.

Em 2012 a cidade prestou-lhe um grande tributo, com a instalação da *Ponte do Charlot*, sobre o Rio Cachoeira, pela Prefeitura de Joinville, homenagem secundada pela Câmara de Vereadores e pelo Poder Judiciário de Joinville.

# 1 - JOGOS OLÍMPICOS

Qualquer Olimpíada, cuja abertura seja notável pela beleza, técnica e, sobretudo, filosofia em favor da paz, me traz deliciosas lembranças daquelas três de que participei. A primeira, no Catarinense, quando ganhei um canivete de duas lâminas inox; a segunda, no Saco dos Limões, quando ganhei uma medalha de prata, cujo azinhavre, até hoje, não deixou de sair; a terceira, universitária, do Quarto Centenário de São Paulo, quando ganhei uma dependência em direito comercial, com o saudoso professor Henrique Rupp Jr.

No colégio Catarinense, todos os anos, por ocasião do aniversário do Santo Ignácio de Loyola, realizava-se uma. Havia, na nossa classe, um gaúcho, o Azambuja, que corria como um veado. Depois se verificou que a comparação era ao pé da letra e ele foi convidado a deixar o estabelecimento, para evitar a corrupção sexual da mocidade estudiosa.

Com ele, o De Luca, o Joaquim Bode, organizei uma equipe para disputar a prova de quatro por cem. Os três eram excelentes corredores, mas foram no meu pio.

Eu fiquei em segundo para passar o bastão. O Bode saiu, eu peguei, o De Luca adiantou e o Azambuja chegou em primeiro. Nosso prêmio – o que importava era competir! – foi um canivete de duas lâminas de aço inox, lembrança do Congresso Eucarístico de Porto Alegre.

Tendo uma namorada que dançava no Limoense, inscrevi-me para uma olimpíada a se realizar no campo desse clube, durante a qual – sem dúvidas – poderia exhibir-me para ela, conquistando-lhe certos favores somente concedidos aos campeões.

Não os conquistei, mas sim, uma medalha de prata, cujo azinhavre tisnou para sempre uma blusa gola rolê da Hering – o fino da bossa, então – para todo o sempre.

Aí, sendo o Paulinho Pirajá (Dr. Paulo Gonzaga Martins da Silva, ex-secretário do Tribunal de Justiça), presidente do centro acadêmico XI de fevereiro, da faculdade de direito da Rua Esteves Junior, de alcunha Alfaiataria do Didico, o próprio me perguntou se não queria ir a São Paulo.

– Fazer o quê?

– Participar da Olimpíada Universitária do Quarto Centenário da cidade.

– E as despesas?

– Tudo pago, viagem pelo Carl Hoepcke até Santos, alojamento em São Paulo.

Modestamente, pensei, é a minha fama de atleta que ultrapassa as fronteiras da ilha. Afinal eu andava, remava, boxeava (derrotei o Bainha do internato, que era o Tyson da época), jogava futebol, basquete, tênis de mesa, vôlei, fazia barra, cavalo-de-pau e halteres, enfim tudo que não me deixasse tempo para o estudo.

– Feito, vou. Mas no que vou concorrer?

– Por que não tentas no pentatlo?

– Taí o que faz meu gênero.

Quatro dias depois, descia, em frente ao Pacaembu, de uma



Kombi, pronto para conquistar mais algumas medalhas.

Apresentei-me à comissão e fiz minha inscrição para o pentatlo, cinco provas: dardo, disco, quatro por cem, peso e salto com vara.

No dia seguinte, uniformizado a capricho, até sapato *com* pregos se exige, cheguei cedo ao estádio para um aquecimento. Dei uma volta na pista, a trote, que no galope não ia aguentar, e cheguei com a língua um pouco de fora.

Pretextei a temperatura, outro clima. Acostumaria.

Logo ouvi a chamada para o desfile, e após ele – cansativo paca – fomos ao vestiário discutir algumas táticas a serem aplicadas. Foi lá, quando mudava de roupa, que descobrimos porque o Massolini era apelidado de tripé. Um aleijão, Deus meu!

Advertidos e orientados pelo nosso técnico, partimos para a vitória. Fui chamado à prova de dardo.

Peguei aquela lança e fiquei brincando com ela, pra me familiarizar com o peso, a textura, a flexibilidade – esclareci aos circunstantes, o que despertou, entre os rivais, enorme admiração pelos meus conhecimentos técnicos.

Brincando, atirei-a.

Não foi muito longe, claro. Mas, até hoje, ninguém explicou por que se partiu em dois, quase ferindo um competidor de outra prova, ali perto.

Desdenhei da qualidade e pedi um dardo bom, de preferência

inglês, buscando dar a entender que eu sabia das coisas. Vieram vários e eu examinei um a um. Escolhi, sopesei-o e disse:

– Com este não vejo ninguém a minha frente!

Teve início a disputa. Chamado, preparei-me, formei uma corridinha de banda e lancei o dardo, apenas temendo que pudesse ultrapassar os muros do estádio.

Como a natureza estava contra mim, certamente, o vento o impediu de pegar voo e, sem se cravar no solo pátrio, o derrubou a pouco mais de dois metros de onde eu estava. Duas outras tentativas não obtiveram melhor distância.

Fui desclassificado, mas sob protesto. Aquilo teria sido alguma sabotagem. Não me dei por achado e fui-me às demais quatro provas.

Achei o peso, uma bolona de ferro, pesadão e capaz de me provocar uma distensão muscular. Por isso, fiz pouca força, joguei a bolotona a dois passos e também fui desclassificado.

Restavam as três outras.

Não fui mais feliz. Anos mais tarde, refletindo sobre os acontecimentos desportivos de minha vida, cheguei à conclusão de que o Grande Arquiteto me reservara para as coisas do espírito, da cultura intelectual, mas nunca para aquelas cansativas práticas espartanas.

Por fim, foi na prova de salto com vara que a coisa teve lances curiosos. Cheguei e perguntei a um colega:

– É aqui que se pula com vara?

– Não, se salta.

A correção, imediatamente, lhe acentuou a antipatia nata de todo árbitro. Um prepotente, estava se vendo, que – na dura – ia fazer tudo para prejudicar o meu desempenho.

– O que tem pra ser saltado?

Apontou para uma vareta, que se equilibrava na ponta de dois preguinhos, pronta a cair ao menor sopro de vento. Encostei-me numa das traves que a suportava e medi, pela minha, a altura: dois metros e dez, no mínimo.

– Começa dali?

– Sim, dali pra cima.

O cara estava contra mim e fui direto ao assunto:

– O que é que tu tens contra mim? Venho aqui numa boa pra dar uma força, competindo, e tu já ficas causando embaraços. Não dá pra baixar um pouco, não? Um pouquinho, assim (fiz a distância com os dedos polegar e indicador), pra começar, parceiro.

– É dali mesmo que começa.

– Pombas, de dois e dez? Tás pirado, ó meu!

Nisto, veio um concorrente e firmou a ponta de aço da vara num chanfrado no chão, correu a mão por ela e, vupt, passou raspando.

– Tá vendo, tá vendo, quase que o cara se dana. Caísse de mau jeito, ia se ralar. Podia, até, quebrar a espinha, ficar aleijado. Que graça? Dá uma baixadinha pra mim, ta?

Orgulhoso, nem me ouviu. Paulista, de certo. Quatrocentão!

Apanhei uma vara, que, até então, apenas conhecia à distância, e pus-me a examiná-la.

– Onde é que é feita?

– No Japão, explicou alguém. Tem de ser resistente e flexível. Bambu especial.

Tomei-a nas mãos para uma análise detalhada.

– Pesadinha, hein? Parece bambu-açu, tentei demonstrar, outra vez, os meus conhecimentos de botânica tropical. Algo mais pesada.

– Não, açu não, de outra qualidade. Dá no Japão...

–...E na Tailândia – afirmei. E como é que se faz para manejá-la?

Ele veio, com uma injustificada cara de zombaria, e perguntou:

– O colega vai competir nessa modalidade?

– Depende.

– Depende do quê?

– De me adaptar à vara. Não pulo, digo, não salto, com qualquer uma, não.

Então, ele, a querer ensinar-me (inveioso do meu provável sucesso), manejou a vara, dando-me a entender como se fazia, quando se tinha prática e habilidade.

Em seguida, correu, espetou-a num triangulozinho de madeira, ela empinou; ele, rapidamente, foi trocando de mãos, chegou lá no alto, ultrapassou a vareta com folga, largou a vara pra traz e caiu como um paraquedista, em pezinho, sem revelar o menor esforço.

– Viu como é?

– Tem de correr a mão pra cima? Pra quê?

Veio uma explicação técnico-científica, que menosprezei com uma observação:

– Vai ser a primeira vez que trepo numa vara.

Tomei-a e, arrastando, fui novamente com o antipático árbitro para ver se lhe conquistara as graças, no que não obtive o menor êxito. Ou era incorruptível, ou estava contra mim: queria a minha desgraça. A minha vergonha!

Restava um caminho: tentar o salto.

Ainda assediei uma vez mais:

– Se eu passar, a vareta vai subir ou vai descer?

Pergunta tola. Ia subir ainda mais. Estava tudo contra mim. Nunca participara daquela modalidade de prova. E a única vara que eu já manejava não era daquelas.

Benzi-me, encomendando-me aos meus anjos e santos, pensei que seria tudo pelo amor à faculdade e parti.

Na primeira vez, por ligeiro erro de cálculo, não acertei o triângulo, e a ponta da vara foi espetar-se na areia, impedindo-me de alcançar voo e transpor aquele obstáculo.

Pressenti que a minha responsabilidade aumentara, porque dezenas de atletas se aproximaram para assistir-me. Acho que era inusitado o meu salto.

Tomei novamente a vara, e formei a corrida, mirei o vértice do triângulo, onde ela deveria firmar-se para permitir o giro pelo espaço até alcançar o vazio acima da vareta, de onde despencaria de queda livre, com meus 107 quilos, pra me afundar na areia da cancha.

Bem que eu insistira com o árbitro pra deixar a vareta mais baixa. Tentei, até, um pequeno suborno: “se baixares, te dou um canivete de estimação, que ganhei no tempo de Catarinense”. Nada! Um Robespierre de olimpíada!

Ganhei impulso com a corrida, firmei a vara no vértice do triângulo, corri as mãos para a ponta da vara, como tinha visto outros, antes de mim, fazerem; senti a vara vergar-se, ouvi uns sons da torcida (Boa! Boa! Vai! Vai! Agora!).

Depois, um longo e ensurdecedor silêncio: eu nem conseguira sair do chão.

## 2 - RESCALDO DE CAMPANHA

– Mas por que esta polichada aí, na frente da casa do cara?

– De certo, tá com medo do foguetório, o pessoal gosta de tripudiar sobre o vencido, isso ainda mais nas eleições para prefeito.

– Não acredito que o pessoal venha até aqui fazer isto. Tem mais candidatos derrotados.

Nisso, se aproximou um vizinho que conhecia o candidato e até tinha sido seu cabo eleitoral; e esclareceu à turma de curiosos:

– Nada. O homem, no dia véspera da eleição, chegou em casa à noite e prometeu para a mulher: “Amanhã tu vais dormir com o novo prefeito”.

– Agora, está com medo que o outro venha aqui.

Na quarta-feira, quando chegou em casa, após o resultado das eleições que não lhe deram a prefeitura, frustrando o que esperava – tantas foram as andanças e esperanças da campanha – encontrou a mulher com uma frasqueira.

– Que é isto?

Passou a mão e verificou o conteúdo:

Um jogo completo de peças íntimas Luiza Brunet, chinelinhos, pós para toaleta, batom carmim sensualíssimo, sais de banho.

– Onde é que pensas que vais com isto?

– Cumprir a tua promessa: dormir com o novo prefeito.

Escafedeu-se do estádio onde computavam os votos. Saiu de fininho, tamanha a vergonha que lhe causara a reduzida votação. Gastara montões, tivera a máquina administrativa ao seu lado, todo o esforço da sua vida destinado à conquista da prefeitura tinha ido por água abaixo.

– Povinho fia dumas unhas!

Recebera adesões, fora festejado nos bairros, seus programas de televisão eram realizados por equipes de comunicadores especializados em política. E agora, aquilo: derrotado! Entrou no carro e resolveu dar umas voltas pela cidade, amaldiçoando cada um que encontrava. Não reparara a propaganda grudada no carro e, por onde passava, sempre havia manifestações, ora de gozação ora de apoio.

Ficou mais pês da cara, ainda. Parou o carro e arrancou tudo, riscando a pintura.

– F...-se!

Quando chegou em casa, a mulher estava no portão. Viu abrir-se um sorriso:

– Vais me levar lá na casa dele ou ele vem aqui, mesmo?

Se os meus adversários forem de palavra, vou ter de tomar Catuaba do Laboratório hoje – pensou o candidato eleito.



### 3 - AO PÉ DA LETRA

*Aos urbanistas e conselheiros da cidade, para que se atenham à preservação dos aspectos citadinos.*

Desde quando vim para Joinville, há mais de 40 anos, agora noto, com tristeza, o desaparecimento paulatino, mas constante, de locais de estabelecimentos que seriam referenciais da cidade, especialmente para quem nasceu ou viveu aqui sua infância, adolescência ou juventude.

A começar pelo Rio Cachoeira, a maior vergonha municipal joinvilense e cuja despoluição deveria ser ponto de honra da cidadania local.

Psicólogos, sociólogos, urbanistas se empenham na conservação destes pontos referenciais, porque fazem parte da memória, não só da comuna, mas, principalmente, da comunidade, de cada cidadão.

Ah, “era ali, me lembro...”. Verdade que há bens comuns, semelhante aos dinossauros, que não se adaptam e desaparecem.

A tristeza dos nostálgicos, dos passadistas, dos românticos – iguais a mim – está ganhando bases científicas, pois a destruição destes pontos referenciais influi negativamente sobre o comportamento psicossomático.

Nestes 40 anos, conheci o bife do Ravache; a feijoada do Ian; o sorvete do Mirko; o especial da Polar; a costela do Zé Gordo e do Ernesto; o chope do Victor Hart; o café do Brunkow; os doces do Dietrich; o filé da Rex; o serviço econômico do Bitsch; a hotelaria e culinária do velho Schmidt no Trocadero.

Só em culinária e locais onde se podia ir, então...Desapareceram!

Havia trens que nos levaram às audiências em São Francisco do Sul, Guaramirim, Jaraguá do Sul, São Bento do Sul. As marias-fumaças da maravilhosa crônica de Borges de Garuva em 15-5-96, no “Anexo” e, anteriormente, da Urda Klueger.

Partiam daquela estação que, antes de ser tombada, ainda vai tombar definitivamente, pela falta de cultura e vontade política dos sobas.

Muita compra fizemos no Jorge Mayerle, amigo e cliente, e no Alfredinho Boehm, cuja família foi uma das criadoras do supermercado, com lojas espalhadas por toda a Manchester.

Restam alguns destes curiosos supermercados provincianos, onde se poderia encontrar quase de tudo em mercadoria. Sem dúvida, o mais famoso, mais folclórico, talvez pelos seus donos, fosse aquele da rua Doutor João Colin.

Era até ponto turístico pela tradição, pela variedade de produtos à disposição dos milhares de fregueses. Ali, se encontrava desde mel (mel puro!) até camisetas de malha cinzenta; desde setra (funda, schleud?) até prego sem cabeça; desde fogos juninos até finíssima renda de Bruges.

Levei ali um ministro do Tribunal do Trabalho que, encantado, adquiriu um tamanco de madeira, procurado há tempo, para calçar quando lava seu veleiro.

Ainda hoje me pergunta pela loja e pelo seu proprietário, a quem fiz questão de apresentar, porque era uma figura. Nunca tive coragem de lhe dizer que desapareceram ambos.

Sua loja – fazia questão de que fosse conhecida assim – só não tinha “self-service”, porque ele sabia de cor e salteado o preço e o lugar de cada mercadoria e adorava uma prosa com os fregueses.

O lema da loja poderia ser: “Se aqui não encontrar, nem adianta procurar”. Verdade indiscutível. Orgulho de todos os joinvilenses. Houve, à época, discussões acaloradas sobre qual seria mais completo: ela ou o Makro.

Ponto referencial, virou tema de estórias. Particularmente, pelas observações do seu proprietário. Vamos a algumas delas.

Certo dia, um colono entrou correndo na loja e, se dirigindo ao dono, Fernando Tilp, velhos conhecidos que eram, gritou:

– Seu Fernando, me dá uma ratoeira que preciso pegar o ônibus de Pirabeiraba...

– Tesculpa, teste tamanho só por encomenda. Maior é pros ratazanas.

Advogado, desportista náutico, recém-chegado à comarca, orientado pelos companheiros do Iate, foi lá fazer compras.

– Que tezecha?

–Nove metros de corda.

–Pra quê?

–Para amarrar a minha lancha.

– Enton, zer cabo. E cabo zó vendemos a quilo.

– E, agora, como faço?

– Zimples, medimos nove metros e peçamos.

Jovem senhora, recém-casada, para aumentar a renda familiar resolveu criar galinhas no enorme quintal. E verificou, horrorizada, que a galinha quebrava os ovos no choco com o bico.

Alguém, mais experiente, disse-lhe que deveria colocar ovos de chumbo no ninho. Ela bicando, sentiria dor e não quebraria mais os ovos. Pavlov puro!

– Onde acho?

Recebeu a explicação para ir lá.

De tarde, foi atrás dos tais ovos de metal.

– Zim, minha Zenhorra, posso ajudar? – perguntou-lhe um senhor, simpático, olhos glaucos, curiosos e vivos, meio curvado.

– O senhor tem ovos de chumbo?

– Non, minha zenhora – e, passando a mão esquerda pelas costas, esclareceu – é do coluna mesmo.

## 4 - POTENCIALIDADES TURÍSTICAS

Joinville sempre aproveitou mal as suas potencialidades turísticas.

Município que começa à beira do mar e termina a cerca de 800 metros de altitude, em plena serra, jamais traçou roteiro no sentido de os visitantes desembarcarem nos Espinheiros ou na Transamazônica, indo até lá em cima, percorrendo os caminhos da zona colonial. Outro desperdício é a chuva, tendo como referência o ponto de vista econômico e turístico. Quase todo mundo reclama dela. Pura ingratidão. Flagrante falta de imaginação. Já pensaram em como ela serve aos fabricantes de fios, tecidos e produtos afins?

Devido à chuva e à umidade, um metro em Joinville só tem 83 centímetros em Belo Horizonte, por exemplo. Vale dizer, ganhamos 17 centímetros em metro. O que não é pouco. Nas confecções, então? O visitante compra a camisa nº 41. No Rio vai vesti-la para mostrar aos amigos. Não serve. Encolheu, mas ele se desculpa:

- Engordei nas férias, ficava uma luva quando comprei.

Logo, a chuva e a umidade constituem-se uma bênção. E para o turismo?

Já imaginaram cartazes espalhados por todo o Nordeste:

Conheça Joinville, a cidade onde mais chove no Brasil! O 2º índice pluviométrico do mundo. A Oslo brasileira. Conheça Joinville, antes que a chuva acabe.

Viria cabeça-chata aos montões.

Tenho ou não razão? Aproveitamos mal nossas potencialidades.

Situemo-nos no caso do borrachudo.

Porque não alardear ao mundo a tremenda produção destes insetos, no município? Obter, por marketing, a sua colocação no mercado. Instituir uma campanha publicitária em torno.

“Não mate seu inimigo, mande-lhe caixas de legítimos borrachudos joinvilenses neste verão.”

“O melhor presente para as sogras neste Natal. Caixas de 50 e 100 unidades. Peça pelo Sedex! ”

E, como apoteose da campanha, nesta época do ano, coincidindo com a tradicional festa de flores e artes, a Fenaflor, nos mesmos moldes desta, a FENABOR, Festa Nacional do Borrachudo.

## **5 - FRASES**

A Universidade de Stratford-On-Avon, aquela criada para consagrar Shakespeare, resolveu contratar um grupo de pesquisadores em diferentes áreas para levantar a autoria e a veracidade de certas frases, atribuídas a personagens famosas.

Como aquela de Leônidas nas Termópilas, quando, advertido por Xerxes de que os seus guerreiros eram tantos que encobriram, com as suas setas, o sol: “Melhor – disse o grego – combateremos à sombra”.

Ou de Júlio César, ferido, olhando para seu filho adotivo:

– “Até tu, Brutus?”

Ou a de Floriano, ante a pergunta do Almirante inglês sobre a possibilidade de desembarcar para proteger os súditos de S. Majestade, residentes no Brasil, sem hostilidade, como seriam recebidos:

– À bala !

Ou a do almirante holandês, derrotado na Baía da Guanabara: “Só o oceano é o túmulo digno de um almirante batavo”.

Ou ainda:

Morre um democrata, mas não a Democracia! Alemão, alemão, até a quinta geração. Depois de mim, o dilúvio. Pelo cavalgar se conhece o cavaleiro ou o cavaliço. Se todos os gostos fossem iguais, o que seria do amarelo? Poder? Até sobre uma ponta de gado é bom. Pois quem dorme com cães, amanhece com pulgas. Meu reino por um cavalo. Mais vale uma pomba na mão do que duas voando. Etc...

Vão-se atribuindo a este ou aquele as frases, as mais das vezes inventadas e escritas por cronistas ou biógrafos, interessados em endeusar ou incensar o herói ou o morto.

A comissão da universidade inglesa chegou a uma curiosa constatação:

Quase todas as frases ou eram da Bíblia ou do D. Quixote. Pouquíssimas eram dos personagens tidos como seus autores. Disso tive prova outro dia.

Numa roda, lá no Iate, conversava-se para passar o tempo, quando o Heinz perguntou de chofre:

– Quem foi mesmo que disse aquela célebre frase: “O sonho acabou”?

Imediatamente o Karl, dando uma risadinha de desdém pela ignorância do colega de náutica, foi categórico:

– John Lennon, quem não sabe?

Heinz teve a vez de, rindo zombeteiramente, replicar:

– Não foi não, sabidinho. Foi o balconista da antiga Padaria e Confeitaria Brunkow, quando lhe perguntaram:

– Tem sonho?

E ele respondeu:

– O sonho acabou. Só tem schneck.

## **6 - PUBLICIDADE**

D’Olangèr

Joinville já teve alguns bons restaurantes, de categoria. Desde os tempos do Mascote, do Wenck, com a família Landmann fazendo a música ambiente; *do Colon, do Chico, da Lyra, do Bitsch*, passando pelo primitivo Tannenhof, na antiga casa de



*Inge Colin*, até o *La Belle Fourchette*, que foi o mais sofisticado de todos, houve um sem-número deles.

Mas o joinvilense gosta, mesmo, é de uma boa churrascaria, simples, serviço com exagero.

Impossível resistir, não só à preferência joinvilense por assados comerciais ou domésticos, como aos bufês, aos *fast foods*, às pizzarias, aos *Mcdonald's*, às recreativas, às praças de alimentação.

Houve um excelente restaurante, ali no começo da Doutor João Colin, de frente ao Stein, e no térreo do prédio dos Boehm/Klug. Pouco importa o seu nome. Foi tão famoso quanto temporário.

Seu proprietário, apelidado de Pombo, pela semelhança com a ave, era simpático, prestativo, bom cozinheiro. Aliás, uma marca de família.

Com bem aprontado *marketing*, lançou o estabelecimento, que se tornou coqueluche e grande sucesso, abarrotando-se, particularmente aos sábados e domingos.

No sábado, pela feijoada. No domingo, pelas massas.

Foi lá que aconteceu. Em domingo, com a casa apinhada, gente em fila à espera de mesa. A família, tendo conseguido lugar, sentou-se e ficou aguardando o garçom. Por se tratar de gente com certa importância na comunidade, o proprietário veio em pessoa para atendê-la.

– Que honra e que prazer! Que posso servir?

– Somos seus reféns. Viemos pela fama da cozinha e pelo atendimento.

– Massa e vinho. Fiquem à vontade, encarrego-me do pedido.

Nem demorou. Veio excelente vinho branco italiano para abrir apetite e matar a primeira sede (sempre há uma última), acompanhado de *antipasti*.

Em seguida, pasta. Macarrão a quatro queijos, em pequenas porções. Depois, lasanha de mignone. Vinho rosé. Logo, espaguete ao sugo. Vinho tinto. Por fim, bigule, uma especialidade de macarrão, grosso, feito à mão, com molho de queijo, tomate e sardinha em terrina separada.

Junto, sobre a pasta, uma enorme barata morta, encontrada quando os clientes se iam servir, misturando a massa com os temperos.

Foi um pavor paralisante.

O garçom se horrorizou ao ver o ortóptero onívoro, apontado pelo indicador do chefe da família. Chamou, discretamente, o proprietário, o qual ficou mais rubro do que se tivesse sido cozido na água do macarrão.

– Mil perdões. Isso é incrível! Impossível!

– De fato, disse o chefe da família: em macarrão feito à mão?

E se foi levantando.

– Um momento, posso servir outro prato?



WILSON GELBCKE

Wilson Gelbcke nasceu em São Paulo, em 1933, radicando-se em S. Catarina no ano seguinte. No campo da Comunicação, em Curitiba, criou departamentos de propaganda para as empresas Ancora (1953) e Madison (1956), voltando para Joinville em 1962, contratado pela Indústria de Refrigeração Consul (hoje Whirlpool), para gerenciar os departamentos de Propaganda e Comunicação Social.

Em 1992, foi para São Paulo como Assessor de Comunicação Corporativa de todo o Grupo Brasmotor. Fez cursos de Marketing e Planejamento de Produtos, inclusive nos Estados Unidos, pela Whirlpool. E aposentou-se em 1994, passando a se dedicar à literatura e artes plásticas.

O primeiro livro de W. Gelbcke foi "A Máscara de Capelle", em 1997. E não mais parou de escrever romances, livros juvenis, contos, poemas e biografias... num total de 17 obras.

- Romances: *A Máscara de Capelle, Vindita do Historiador, A Terceira Moeda, Ás de Ouros no Mundo da Comunicação.*
- Juvenis: *Esses Duendes Tão Míopes, Por um Rio Você Pode Fazer Milagres, Quatro Anjos e Quatro Destinos.*
- Contos e Poemas: *Causos de Minha Cidade, Receita Para o Amor.*

- Biográficos: *Primavera em Pleno Verão, Reflexões ao Longo de uma Vida, Sangue Suíço...Coração Brasileiro, Do Cantão para Joinville, Obras de F.Frick na Catedral da Sé, Fascinante Viagem pelo Mundo, 60 anos do CEAJ, Tudo por Joinville.*

É também membro da Associação das Letras, Confraria do Escritor e da AAPLAJ - Associação de Artistas Plásticos de Joinville.

## Vindita do Historiador

*Trecho do romance do acadêmico, premiado pela Fundação Catarinense de Cultura – 2003*

Cidade dos Príncipes... Cidade das Flores... Cidade das Bicicletas... Assim era conhecida a outrora e pacata Joinville, de colonização alemã e suíça.

As bicicletas foram desaparecendo e a cidade se expandindo para o alto, em desenvolvimento planejado. Agora agitada, sem perder seu jeito humano de ser. Sua principal economia? A indústria.

Em busca da maturidade industrial, Joinville se transformara nas últimas décadas no mais dinâmico centro produtivo do Sul do País, no campo metalúrgico e têxtil, exportando tecnologia e qualidade para os quatro quadrantes do mundo.

De olho na competitividade e na maior rentabilidade, pequenas empresas acabavam por desaparecer, dando lugar aos grandes grupos estratégicos, inclusive internacionais. O Historiador costumava dizer em suas palestras:

“Ninguém pode evitar as mudanças e o processo evolutivo. No entanto, esquecer a história e ignorar o passado é estar despreparado para os conflitos que as mudanças, inevitavelmente, acabam gerando”.

Joinville estava de luto. A cidade industrial prestava a última homenagem ao seu ilustre filho Maximiliam Norden, conhecido como “Historiador”, sendo velado no grandioso Centreventos da Avenida Beira-Rio. Ali, onde ele havia sido

presença marcante em tantos eventos culturais, como no anual e internacional Festival da Dança. Longas filas de pessoas amigas e curiosas eram direcionadas para o imponente pórtico em vermelho forte, com ilustrações monumentais do artista joinvilense Juarez Machado.

Longe dali, Samuel Moscavo olhava para a garrafa que tinha nas mãos, o vento forte a lhe desalinhar os cabelos escuros. O olhar triste passeava pelo rótulo da garrafa... *Appellation Cotês-du-Rhône Controlée. Mis en bouteille en la maison.*

– Um bom vinho, Sr. Norden – ele ia falando consigo mesmo. – *Vin de table rouge.* Vermelho como sangue! Por Deus, o senhor não devia ter sido tão descuidado.

No alto da colina, acima de sua casa de enxaimel, o Historiador queria passar o último dia de sua vida. Ele havia dito isso... E Samuel queria prestar a última homenagem a Maximilian Norden naquele lugar. Não numa fila interminável no Centreventos, ou ao lado de sua sepultura.

Levou a mão ao bolso e pegou o canivete. Com a lâmina cortou a cabeceira do lacre. Recolheu a lâmina e preparou o saca-rolha, girando-o cuidadosamente até vê-lo sumir inteiramente na cortiça. Prendeu a garrafa entre os joelhos e fez espocar a rolha com o barulho característico de um bom vinho ao ser aberto. Tirou dois cálices do bolso do paletó e ajeitou-os como pôde sobre a pedra rústica onde estava sentado. Em seguida, encheu-os com o *rouge*.

– Vamos lá, Historiador! Um pouco para você... Um pouco para mim.

Tilintou os cálices e aproximou um deles ao nariz, fechando os olhos e sentindo o exalar da fragrância. Bebeu um grande gole e estalou os lábios.

– Ótimo vinho, Sr. Norden. Carnudo, excelente buquê, desce suave como néctar.

Tilintou uma vez mais os cálices e voltou a beber. Lembrava-se do que o Historiador lhe havia dito ao telefone: “Tenho novidades para você. Samuel”.

– Quais novidades, Sr. Norden? Que eu jamais saberei quem foi meu pai? Quais novidades?... Que continuarei sendo um bastardo? Um gitano?

Samuel Moscavo não podia imaginar que haveria de enfrentar o inferno de Dante ao se aproximar da bela Helène, neta de Klaus Dammgarten. No entanto, há mais de um ano, ele podia jurar que estava no caminho certo ao sentir que o todopoderoso presidente da Fundação Dammgarten lhe prometia um futuro de glórias ao dizer:

“Gosto do seu estilo, Samuel! O mundo é dos perspicazes, dos audaciosos... E você sabe como somar talento e coragem. É o que precisamos na organização: talento e coragem! Vá em frente com suas ideias! Mude o que precisa ser mudado, principalmente a curva das vendas. Para o alto, Samuel! Sempre em ascensão”.

Samuel Moscavo parecia ainda escutar a voz firme e incentivadora de Klaus Dammgarten, acompanhada de tapas nas costas e da promessa de vê-lo subir na mesma linha ascendente das vendas. Dammgarten só não havia alertado quanto à linha divisória entre o permitido e o que lhe seria

negado. Aproximar-se do “fruto proibido” tivera o sabor da desgraça e acabara por demonstrar que nem sempre perspicácia e audácia são boas companheiras... Ele estava agora no olho da rua.

Procurar Maximilian Norden lhe pareceu, na ocasião, o único caminho viável para reconstruir um castelo desmoronado. Quem mais podia lhe dar esperanças de encontrar suas origens, senão seu velho amigo Historiador? Aquele homem alquebrado, cabelos alvos e finos como fios de algodão, era um legado de conhecimentos, profundo estudioso de fatos e personagens que haviam marcado e vivenciado cada momento importante na comunidade.

“Não deixe que a busca das origens interfira na sua valorização pessoal, Samuel. Você tem o direito da busca. Mas, acima de tudo, tem a obrigação de valorizar corpo e espírito. Um nome é apenas um nome. Mais importante do que o passado é o presente e os dias que virão. Vou tentar ajudar a descobrir quem foi seu pai, desde que me prometa não dar a esse fardo um peso maior do que possa carregar”.

A voz mansa e pausada de Maximilian Norden parecia se misturar ao som do vento incessante. Samuel fechou os olhos.

“Quem me ajudará a carregar o fardo agora, Historiador?”

Ele sabia que Maximilian Norden havia se empenhado ao máximo. E parecia eufórico ao dizer: “Tenho novidades para você, Samuel”.



Samuel Moscavo estava atordoado. No momento em que tinha novidades para ele, o Historiador desaparecia misteriosamente. Uma fatalidade brutal, de inesperada coincidência. Ao invés da solução esperada, Maximilian Norden lhe havia deixado uma charada.

– A propósito, Sr.Norden... O que queria dizer com... Imigrant Wittenberger?

Os goles de vinho continuaram.

– Está bem, está bem... Cabe a mim, descobrir. Podia ao menos dizer em qual navio o imigrante veio, não é mesmo, Sr.Norden?

A garrafa do *rouge* francês acabou chegando ao fim. O único e precioso líquido que ainda restara estava no cálice reservado ao Historiador, meio inclinado sobre a pedra rústica. Samuel levou a mão à cabeça. Sentia-se meio zozzo. Pela vez primeira ele havia tomado uma garrafa de vinho sozinho. Olhou para o cálice do Historiador e tentou alcançá-lo. A ponta do dedo roçou na borda do cálice e o vinho entornou, escorrendo pela pedra e sumindo terra adentro.

– Desculpe, Sr.Norden – balbuciou, língua meio presa.

Levou a mão à nuca e virou o rosto em direção ao mar. Seus olhos brilhantes pareciam ainda mais azuis.

– Santo Deus!...

Lá na baía, majestosamente ancorada, estava uma barca de três mastros com velas arriadas. Parecia muito antiga. Samuel levou novamente a mão à nuca e pensou:

“Deve ser efeito do vinho.”

Voltou a olhar para a baía... E a barca não estava mais lá. Sacudiu a cabeça. Olhou para o cálice e sorriu envergonhado. Voltou a olhar para o horizonte e não queria acreditar, mas podia jurar que a barca de três mastros e velas enfunadas ia ao longe.

– Boa-viagem, Sr. Norden – gritou, levantando-se tropegamente.

E pegando os dois cálices, espatifou-os contra a pedra.

---

Jurando jamais voltar a tomar uma garrafa de vinho sozinho, pelo menos não de estômago vazio, Samuel Moscavo colocou-se a caminho de volta pela estreita trilha particular deixada pelo Historiador. Em poucos minutos estava na clareira e olhava para o que havia sobrado da modesta, mas confortável casa de Maximilian Norden.

A varanda de tábuas impregnadas de óleo queimado, de onde o Historiador costumava apreciar o sol sumir por detrás da Serra do Mar, ainda estava em pé. Samuel subiu os poucos degraus ainda intactos e caminhou até a porta. O incêndio havia destruído praticamente todo o resto.

Parte do assoalho salvo pelas águas dos bombeiros aguentou o peso de seu corpo por apenas alguns passos, ruindo de repente. Ele tentou se agarrar como pôde, mas já era tarde... Deslizou pelas tábuas inclinadas num barulho infernal, levantando uma lufada de pó das cinzas e foi parar no porão, com escoriações nos braços e nas pernas.

– Merda! – gritou, levantando-se e se contorcendo em dores.

Um raio de luz solar encontrou caminho pelo soalho quebrado e iluminou parcialmente o porão.

– Olá, Historiador! – Samuel gritou com a mão em concha junto à boca. Como vai querer que eu decifre essa charada com tudo isto destruído?

E olhou para cima. A escada de madeira que podia tirá-lo dali era apenas uma escultura de carvão. Ele teria de empilhar restos queimados do que fosse possível, para sair dali. Foi afastando e recolhendo pedaços de madeira, alguns tijolos e o que havia sobrado de uma velha barrica... Então, aconteceu:

A velha barrica estivera assentada sobre uma lajota de cimento recortada no piso. Esfregou o chão com o sapato para afastar alguns resíduos e deixou-se cair de joelhos. Havia uma alça metálica naquele quadrilátero de cimento... Um alçapão!

Já não se importava com as roupas emporcalhadas. Levou as mãos à alça metálica e tentou puxar a tampa de cimento para cima. O pouco que ela resistiu foi pela sujeira em sua volta. Logo estava aberta.

– Historiador, o que temos aqui? – exclamou, nervosamente.

Abençoou a falta de nuvens ao ver os raios solares iluminando os poucos degraus que desciam para o desconhecido. Um pequeno espaço com paredes de pedras, não mais que dez metros quadrados... O “porão do porão” pensou consigo.

Tirou a camisa e colocou-a aberta sobre os primeiros degraus. Os raios do sol bateram sobre ela, refletindo luz para dentro do pequeno ambiente. Iluminação suficiente para ver prateleiras carregadas de velhos livros e pastas de arquivos.

Coração acelerado, Samuel começou a descer cuidadosamente cada degrau como quem profana um mausoléu sagrado. Aproximando-se das prateleiras, suas mãos foram acariciando as lombadas dos livros como se estivessem acariciando o próprio corpo do Historiador.

– Sr. Norden...

Deu mais alguns passos ao longo das prateleiras e puxou um dos arquivos. Ao abri-lo sentiu o coração disparar, reconhecendo a letra do velho amigo. Abriu outra pasta e mais outra, não conseguindo reter as lágrimas...

– Sr. Norden... O senhor está vivo!

---

No cair da tarde, Samuel Moscavo escancarou a porta de vidro que dava para a sacada do seu apartamento no décimo andar e suspirou com vagar, esvaziando o ar dos pulmões. Estava exausto!

Deixou o olhar cair sobre o bulevar de palmeiras gigantes logo adiante e sorriu amargamente. Tinha sido ali, entre aquelas palmeiras, que ele tinha conversado pela primeira vez com Maximilian Norden.

Lembrava-se bem daquele dia ensolarado em que o simpático Historiador era simplesmente Tio Max, rodeado de

aproximadamente duas dúzias de crianças barulhentas enquanto ele tentava explicar como mais de cinquenta palmeiras haviam sido ali plantadas e por quê.

– *Partout le cocotier, mon arbre favori* – ele ia dizendo às crianças, em caprichado francês. Foi assim que o príncipe exclamou ao chegar ao Brasil: “Por toda parte o coqueiro, minha árvore favorita”. E estas palmeiras foram plantadas em homenagem ao Príncipe de Joinville, desde a Rua do Príncipe até o palacete que hoje abriga o Museu de Imigração e Colonização.

E apontava para o prédio de sete arcos, no final do bulevar.

– Tio Max, é verdade que os príncipes nunca vieram morar naquele palacete? – uma das crianças perguntou.

Balançando a cabeça, o Historiador agachou-se para ficar da altura dos garotos e olhou docilmente por cima dos pequenos óculos ovais de aros metálicos.

– Naquela época, a cidade era uma colônia muito pequena, com apenas um punhadinho de gente – respondeu com um sorriso aberto, fazendo sobressair suas bochechas rosadas. O príncipe e a princesa Dona Francisca tinham problemas bem maiores para resolver em Paris, lá no velho mundo. O importante é que as palmeiras ficaram. E nasceram de sementes da palmeira-real, plantada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro pelo príncipe regente Dom João VI.

Assim era Maximilian Norden... Importante para gente grande e para gente pequena. E ele costumava dizer: “A

curiosidade natural das crianças é mais importante do que a busca egoística dos adultos”.

---

Agora, Maximilian Norden estava morto.

Os bombeiros haviam localizado duas grandes latas retorcidas, explodidas. E podiam garantir que se tratava de gasolina. Por que o Historiador guardaria dois latões com gasolina em sua casa, se não possuía automóvel ou qualquer tipo de motor que necessitasse daquele tipo de combustível? E por que a última palavra do Historiador tinha sido... Vindita?

Samuel Moscavo voltou-se para o interior do apartamento e, inquisitivamente, olhou para uma dezena de caixas de papelão sobre o tapete da sala. Enquanto o corpo de Maximilian Norden era sepultado, ele havia transferido a “alma” do Historiador para o seu apartamento.

O que aqueles velhos livros e manuscritos podiam revelar? E o que encontraria naquelas caixas sobre o mencionado *Imigrant Wittenberger*?

Samuel Moscavo havia procurado seu velho amigo Maximilian Norden na esperança de que o Historiador pudesse ajudá-lo a descobrir suas origens. Descobrir quem era o seu pai. Norden ainda não lograra êxito, mas tinha algo importante para lhe transmitir naquele fatídico domingo, pois parecia eufórico ao dizer:

“Tenho novidades para você, Samuel!”

O Historiador estava morto com fortes suspeitas de o

incêndio ter sido criminoso. E os papéis passaram a se inverter... Agora, era Samuel Moscavo quem devia pesquisar. O Historiador lhe havia deixado uma missão: procurar o imigrante Wittenberger e... Vindita!

Eram muitos os livros, quase todos sobre cidades e regiões européias. Maioria deles escrito em alemão. Falavam do povo, dos costumes e tradições teutônicas. Outros, igualmente antigos, discorriam sobre a Noruega, Dinamarca e Suíça.

Certamente, Maximilian Norden havia passado horas intermináveis debruçado sobre aquelas páginas, em busca de respostas para seu incansável questionamento sobre aqueles imigrantes pioneiros que haviam iniciado uma colônia em terras inóspitas e com muita história para contar.

De onde vinha coragem de deixar a pátria-mãe, para cruzar perigosamente o oceano rumo ao desconhecido? Que motivos aquela brava gente tinha para dar costas ao passado em busca de um futuro incerto, imprevisível?

O Historiador havia pesquisado durante toda sua vida, procurando juntar fragmentos e reconstruir fatos que estariam para sempre sepultados, não fora a persistência e a inabalável crença de que aquela era a sua missão.

O que mais impressionou Samuel Moscavo foram os manuscritos amarelados, registros infundáveis de próprio punho, que o Historiador tão bem havia organizado em arquivos sequenciais. Ali estavam registrados os primeiros embarques de imigrantes pelo porto alemão de Hamburgo e as datas de chegada, desde março de 1851, quando a primeira barca havia ancorado próximo à terra prometida com cerca de

cento e noventa pessoas a bordo, exaustas e nervosas... Mas cheias de esperança.

Depois da barca Colon, outras vieram carregadas de imigrantes, como as barcas Emma & Louise, Gloriosa e Neptun.

Maximilian Norden tivera o cuidado de tudo registrar com a disciplina que lhe era peculiar. A relação dos imigrantes estava em ordem alfabética pelos sobrenomes, que ele tivera o cuidado de fazer num dossiê para cada família, como se a qualquer momento precisasse deles discorrer.

No primeiro arquivo, pastas começavam com a letra “A”. Lá estavam sobrenomes como Abich, Artmann, Albrecht... Na ordem, sobrenomes com a letra “B”, como Bauer, Boehm, Brüstlein... Seguindo o alfabeto, vinham outros sobrenomes como Colin. Dammgarten, Elling...

- Dammgarten?

Samuel Moscavo surpreendeu-se com a própria voz, carregada de fel. Não era de seu feitio alimentar o rancor. Tinha, no entanto, fortes motivos para sentir-se magoado ao se lembrar de Klaus Dammgarten. Dera duro nos cinco anos em que trabalhara na Fundação Dammgarten e sabia o quanto havia contribuído para fazer subir a curva das vendas da poderosa organização nos mercados interno e externo.

Os números testemunhavam. Os números não mentiam e aquele homem, que se considerava intocável, tinha a obrigação de reconhecer o esforço e a considerável dedicação de Samuel Moscavo, ao invés de puxar o tapete que lhe havia estendido.



**Vindita** significa **Punição Legal**

(Este livro de Wilson Gelbcke vale-se da ficção e da realidade histórica para contar uma trama que se passa em duas cidades: Joinville, no Brasil, e Hamburgo, na Alemanha. A narrativa transcorre em tempo presente, repleta de ação, romance e suspense, que são determinados pelos mistérios e acontecimentos do passado)

**O catador de papel e o rio**

Wilson Gelbcke

*(Selecionado para o Concurso de Contos Crispim Mira – Fundação Cultural de Joinville – 1999)*

Cercada pelas montanhas, a bela e pacata cidade se aninhava no colo do verde vale, qual jardim florido e protegido por ventos alísios vindos do mar. Do elevado mais próximo, ali do mirante, bem se podia ver o traçado perfeito das ruas e alamedas, tapete mesclado de construções típicas com tantas histórias para contar...

Sobre a saga dos primeiros colonizadores, dos imigrantes do além-mar, da luta daquela gente e de sua crença inabalável de que um dia a vila se transformaria no cenário que ali estava. Vestígios indelévels de uma cultura que haveria de resistir às mudanças advindas do progresso ferino e inevitável. O importante para seus orgulhosos habitantes era não perder as origens.

Não estou exagerando... Era possível sentir em cada um deles o amor pela cidade de muitas flores, de lindos jardins e de tantas histórias para contar. Um panorama digno do mais belo cartão-postal, não fosse aquela mancha escura a serpentear a cidade de lado a lado... A bela cidade e o seu rio poluído!

A culpa? De ninguém... é claro! Todos eram capazes de jurar que aquela mancha escura foi simplesmente aparecendo ao longo dos anos, sem que ninguém fizesse nada para que isso viesse acontecer.

E lá ia aquela mancha a cruzar toda a cidade, da periferia para o centro e de volta à periferia. Ali, onde havia uns casebres de gente humilde como o Beto, garoto de doze primaveras mal vividas e que dava um duro danado para ajudar o pai a catar papel velho pelas ruas da cidade.

Naquele dia ele não estava catando papel. Não numa manhã clara de um domingo promissor, quando já estava tudo programado... Depois da missa na igreja do bairro, Beto trocou de roupa, pegou o estilingue, juntou alguns pedregulhos e foi para a beira do rio. A correnteza estava boa, como ele queria. Quanto mais rápidas latas e garrafas plásticas fossem levadas pela correnteza, maior o desafio de acertá-las.

Beto era um craque com o estilingue. Mão firme na forquilha, pedregulho ajustado na braçadeira de couro, borracha esticada na altura do olho e o arremesso certeiro. Não importava a distância e ele ia contando mentalmente os pontos. As latas contavam mais, meio submersas eram alvos mais difíceis. Não errava nas garrafas plásticas, quase sempre à flor d'água.

Beto não percebeu o pai se aproximar. Havia uma expressão de tristeza naquele homem levemente curvado. Olhou para o filho e pareceu ver a si próprio naquele lugar.

– Sabe, Beto... Quando tinha a tua idade, eu pescava peixes enormes neste rio.

Beto arriscou um olhar, acompanhado de um sorriso maroto.

– Está brincando, pai? O rio está morto!

O pai pareceu não escutar. Estava no passado ao continuar a falar.

– Certa vez, lembro-me bem, um deles deu uma arrancada tão forte que arrastou o anzol rio abaixo. – E o movimento do braço trêmulo ajudava a explicar. – A linha esticada correu de uma margem para a outra e eu sabia que o baita estava bem fígado, pois levei quase uma hora para tirá-lo do rio. O bicho tinha pra mais de dez quilos.

– Está sonhando, pai?

– Pura verdade, filho! Bons tempos aqueles...

O garoto esticou as borrachas do estilingue e acertou outra garrafa boiando no rio. E nem viu o bando de garças brancas passando sobre eles, longas asas num bater cadenciado e cabeças encolhidas, pernas esticadas para trás.

– Lá vão elas pra bem longe – comentou o pai, olhar tristonho. – Lindas de morrer, elas costumavam brincar ali no

outro lado quando as margens eram ainda verdes e as águas cristalinas.

Foi vez de Beto nada escutar, olhar perdido no rio.

– Dez quilos... Verdade mesmo?

O pai já havia lhe dado as costas, saindo de mansinho e resmungando como só ele sabia fazer.

– Bastava linha forte, anzol e uma minhoca daquelas bem criadas. Os peixes se foram... Só ficaram as minhocas lá no fundo do quintal.

Beto esperou o pai desaparecer entre os salgueiros e, incrédulo, sacudiu a cabeça. Peixe pra mais de dez quilos naquele rio sujo? Voltou-se e viu a garça branca na outra margem. Sorriu. Seria um presságio? A garça dava uns passos trôpegos entre lama e galhos secos, mantendo olhar fixo para águas não convidativas.

Beto colocou o estilingue no bolso e viu-se caminhando para o fundo do quintal, pois era ali que as minhocas deviam estar. Não foi preciso cavoucar muito para achá-las, bem criadas como o pai havia dito.

Linha e anzol? Encontrou-os, abandonados lá no velho rancho de madeira.

De volta ao rio, notou que a garça ainda estava lá. Podia jurar que ela havia olhado para ele, desejando-lhe sorte. Beto escolheu uma minhoca que peixe algum rejeitaria e espetou-a cuidadosamente no anzol. A outra extremidade balançando em bom tamanho para atrair o peixe.

O arremesso foi cheio de esperança, mas os longos minutos de espera foram acabando com a esperança. Do outro lado da margem, a garça fez um movimento gracioso, batendo as asas e voando. Absorto e desanimado, Beto acompanhava com o olhar o voo da garça quando sentiu o forte puxão.

A linha começou a correr e ele deu um pulo de alegria. Um novo puxão e a linha esticada, exatamente como o pai havia contado. Era preciso segurar forte, ou o baita acabaria escapando. Beto sentiu o coração disparar. Devia ser um peixe enorme. Talvez pra mais de dez quilos...

– E o pai disse que eles não estavam mais aí!

O puxão continuava. Beto tentava recolher a linha que se mantinha esticada e aos solavancos. Estava lutando há mais de vinte minutos, quando a linha mudou de direção e procurou a margem. Não trepidava como antes e já era possível recolher parte dela.

– Está cansando, peixe? – gritou Beto, eufórico.

Com auxílio de um pedaço de pau, ele foi enrolando a linha e sentindo que o peixe já não fazia tanta resistência. Era apenas o peso que vinha sendo recolhido junto à margem. Devia estar perto... Mais um pouco e a cabeça do baita ia aparecer.

E finalmente apareceu, ainda mais escuro do que aquele rio. O velho pneu estava bem fígado. Beto sentiu os joelhos dobrarem e sentou-se, desolado. Ficou olhando para o rio, vendo os detritos na superfície levados pela correnteza. E o que não era visto?

Sabe Deus o que ia aos roldões nas águas profundas, iguais àquele velho pneu!

– Pobre rio – murmurou Beto, procurando compreender.  
– Morrendo faz tanto tempo e ninguém fazendo nada para salvá-lo.

E jurou que não usaria mais o estilingue naqueles alvos letais. Ação contínua, ele levantou-se e começou a recolher os detritos presos à margem, surpreendendo-se com a quantidade de lixo retirado do rio moribundo, em poucos minutos.

– Conte comigo, rio! – acabou gritando. – Vou salvá-lo!

Uma promessa e tanto. Beto foi construindo um pequeno dique com tábuas velhas na beira do rio, sem ninguém entender aonde ele queria chegar. Quando o dique começou a reter o lixo da superfície, todos entenderam... Mas, nem por isso, alguém ajudou. Beto ia fazendo a coleta diária e aumentando o monte de lixo longe do rio, o pai observando e dizendo:

– Isso não é trabalho para uma só pessoa, filho! Jamais conseguirás tirar todo o lixo do rio.

– Se cada um fizer sua parte, a gente salva o rio – respondeu ele, seguro de si.

O pai sorriu e estufou o peito, cheio de orgulho.

– Pois acabas de conseguir o primeiro aliado!

A operação “Salve o Nosso Rio” estava lançada. Beto e seu pai, munidos de esperança, começaram a visitar os vizinhos

mais próximos na certeza de que a operação em cascata ao longo das duas margens seria um sucesso. O rio passaria a ser respeitado.

Nenhum despejo, nenhum lixo, nada mais voltaria a ser jogado no rio. Era uma boa ideia e estavam todos de acordo, só não entendiam porque haviam sido procurados.

– Nunca joguei nada no rio – disse um.

– Bateram na porta errada – comentou outro.

– Isso é problema da Prefeitura – concluiu o terceiro.

– Vocês são catadores de papéis?... Que catem papéis!

E aquela mancha escura aparecendo ao longo dos anos iria continuar, sem que ninguém fizesse nada para limpar o rio. A operação “Salve o Nosso Rio” acabou ficando apenas como uma boa ideia. Beto foi para a beira do rio, numa das mãos o estilingue e em cada olho uma lágrima.

– Sinto muito, rio. Você vai morrer!

Então ele a viu. Aquela mesma garça branca, tentando pousar. A margem estava tão poluída que ela bateu asas e alçou voo, para não mais voltar. Beto olhou para o monte de lixo que havia retirado do rio e se encheu de coragem. Pegou o carrinho de carregar papel e começou a enchê-lo até em cima com latas, garrafas plásticas e toda a sorte de detritos.

Sem nada avisar ao pai, Beto conduziu o carrinho pelas ruas da cidade até a praça central. Ali, na parte descampada,

entre as flores, despejou toda a carga ante os olhares perplexos. Um escândalo!

As autoridades... A imprensa... O povo... Todos contra o catador de papéis. E Beto se defendeu:

– O rio não é diferente da praça. Ele tem o mesmo direito de estar limpo, de recusar que lhe depositem lixo e despejos. Tem o mesmo direito de ser cuidado, de ser admirado. Tem o mesmo direito de continuar vivendo, porque antes da cidade existir, ele já existia!

**Sim, eu tinha doze anos quando isso aconteceu e me orgulho de ter sido catador de papéis. Ainda moro no lado do rio e, hoje, meu filho tem a idade que eu tinha.**

Beto se aproxima do filho, na beira do rio de águas claras. Ao lado dele, alguns peixes garantindo o bom almoço. Na outra margem, um bando alegre de garças brancas.

– No meu tempo, quando eu tinha a tua idade, não havia peixes neste rio. Apenas latas e garrafas plásticas que eu usava como alvos de meu estilingue.

– Está brincando, pai?





JURA ARRUDA

Jura Arruda nasceu em São Paulo. Radicado em Joinville desde 1984, estreou escrevendo para teatro em 1996, com a peça infantil “Quem roubou minha infância que estava aqui?”, desde então escreveu onze peças, com destaque para “Uma festa para Eulália” (2006) e Nós e um laço (2013). No cinema foi roteirista do longa "Infância de Monique".

Com foco na literatura infantojuvenil, Jura Arruda tem sete livros publicados, com destaques para “Fritz, um sapo nas terras do príncipe” e “Uma árvore que dá o que falar”, além de participações em antologias por editoras de São Paulo e Santa Catarina.

Foi membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de 2015 a 2016, é vice-presidente do Instituto da Cultura e Educação (realizador da Feira do Livro de Joinville), Membro Honorário da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e Membro Efetivo da Academia Joinvilense de Letras desde 2015.

Cronista desde 2008, atualmente tem crônicas publicadas na edição de sexta-feira do jornal A Notícia.

## SESSÃO DA SAUDADE

Faltava apenas Bento Queiroz para que a tertúlia estivesse plena ou, como gostava de dizer o presidente Tivergílio, a alcateia inteira presente. Bento Queiroz chegou ornamentado com seu reluzente colar acadêmico a ofuscar as listras em vermelho e laranja da gravata há pouco adquirida. O terno de bom corte dava-lhe a robustez que não possuía, mas não escondia a pequena corcova que saltava-lhe às costas. Os sapatos de cromo alemão sustentavam seus passos lentos e presunçosos. Caminhou pelo corredor central do salão em desfile. Escolheu assento e repousou seu velho corpo cujos anos pesavam exatamente o dobro de seus raquíticos 48 quilos. Por desrespeito ou cansaço, não se levantou quando ofereceram-lhe as mãos em cumprimento os imortais que se acercaram. Também não viu ao fundo os familiares de Veridiana Castanho a quem se oferecia aquela sessão, organizada às pressas para que o regimento da Academia Tapeiense de Letras se cumprisse. A imortal da pequena cidade a Leste de Santa Catarina descumpriu o título, morreu minutos depois de colocar ponto final à sua mais laboriosa obra. Cadeira vagou e, por força do estatuto, o encontro solene em homenagem à falecida aconteceu 27 dias após a morte. O edital para preenchimento da vaga já estava pronto e seria lançado em dia útil próximo.

Piano e harpa soltaram os primeiros acordes e o burburinho da plateia se aquietou. De uma das janelas abertas, o vento deu o ar da graça, fazendo balançar o lustre de cristais acima dos convivas, e seu tilintar uniu-se à música como percussão suave. Nem todos os ouvidos puderam discernir acaso de arranjo, e tudo parecia mágica. Ao final da peça, Otônio Querubim, advogado em tempo integral e poeta nos dias

de desencanto amoroso, leu trecho de poema alheio, cujos versos serviriam à homenageada tanto quanto ao mais ignaro transeunte das calçadas de Tapeia. Foi, de qualquer forma, comovente, e promoveu o saque de lenços para que as senhoras presentes enxugassem suas incontidas lágrimas.

Discursou o presidente a listar as qualidades que possuía, ou não, Veridiana Castanho, mas que era de bom tom dizer. O mais próximo dos familiares foi chamado para receber flores e uma placa sob o som de piano, harpa e aplauso. Enquanto o rapaz se encaminhava, uma senhora tossiu, um moço pigarreou, Bento suspirou.

Não que fosse dele emocionar-se em cerimônias, mas é que viu no moço que representava a família da defunta profunda semelhança com seu filho Eduardo, há muito distante por conta de seriíssima discussão entre ambos e da qual nenhum dos dois dava braço a torcer. A música eriçou a pele enrugada de seus braços, conteve lágrima e saudade. Sublimou, ergueu cenho e distraiu-se com o lustre, agora parado, sem vento que lhe desse vida.

Antes que a sessão corresse para o fim, um vídeo projetado em uma das paredes do velho clube mostrou trechos de entrevistas da imortal. Dizia a senhora em uma de suas conversas com a imprensa que sua literatura tinha função social mais que qualquer coisa. Bento soltou um “Ora!” ouvido por todo o salão. Sofreu olhares, ignorou. Cutucou Feliciano Fausto, seu amigo de longa data, e sussurrou em seu ouvido:

– Como Veridiana Castanho pode dar uma entrevista dessas, literatura não é isso, se queria fazer trabalho social que fosse trabalhar em uma Organização Não Governamental.

Também em sussurro, Feliciano informou que Veridiana presidia uma ONG e tinha, portanto, pertinência em seu discurso. Ao que Bento, preso às suas convicções e alheio à cerimônia, esqueceu de sussurrar:

– Mas literatura não é obra de caridade!

Sofreu novos olhares, aquietou-se e foi, aos poucos, abandonando discurso e razão para deleitar-se com o que viria a seguir. Tão logo terminou a projeção do vídeo, irromperam aplausos entusiasmados de familiares, aplausos protocolares de membros da Academia e o aplauso chocho dele. Otônio tomou a palavra e convidou o filho da homenageada para proferir discurso.

– Quero convidar o filho de nossa ilustre e saudosa acadêmica, Veridiana Castanho, para usar a palavra. Por favor, Eduardo.

Não era possível. O jovem que fizera tanto Bento lembrar de seu filho distante também se chamava Eduardo. Não conseguiu conter a lágrima que contornou as imperfeições de seu velho rosto e depositou-se sobre o colar acadêmico. O Eduardo que não era seu filho lia um discurso afetuoso e repleto de saudades de Veridiana Castanho. O velho tomou para si aquelas palavras e o filho da escritora, em insano devaneio. À medida que a voz do rapaz ecoava, mais lágrimas produzia Bento, até ser despertado pelos aplausos ao final do discurso. Olhou para a medalha de seu colar, passou os dedos trêmulos e recolheu o líquido cristalino de suas lágrimas. Piano e harpa encerraram a celebração, o vento balançou os cristais do lustre e tudo, naquela noite, tornou-se mágico e inesquecível.

Antes de sair, acenou com a cabeça aos presentes que por ele passavam, parou apenas diante de Eduardo para apertar-lhe a mão e dizer nada. Era um dos poucos momentos na vida de Bento Queiroz em que lhe fugiam as palavras. Abaixou a cabeça e soltou a mão do rapaz.

Abriu a porta delicadamente, entrou sem ruído, e depositou corpo e cansaço sobre a poltrona. Quincas Borba aproximou-se silente, mas com o rabo aos gritos de tanta alegria pela chegada do dono. Recebeu breve carinho na cabeça e aquietou-se sobre o tapete. Sua cegueira parece ter aprimorado os outros sentidos e Quincas entendia toda movimentação de Bento, inclusive as da alma. Na mesa de canto, o telefone refletia a luz que invadia o cômodo pela fresta da cortina.

Ao lado, uma caderneta continha velhos números de telefone de amigos distantes ou mortos. Vencer poucos metros nunca necessitou de tanta coragem como aquela noite. Prostrado entre medo e coragem, Bento não se moveu, sequer Quincas. Passava de uma da manhã, quando o imortal apoiou o braço e ergueu-se. O cachorro virou-se em direção ao quarto, aguardando o dono, mas o velho deu dois passos para o outro lado, tirou o telefone do gancho e apertou os oito números que jamais esquecera. No sétimo toque sem resposta levou o aparelho à mesa, mas antes de depositá-lo sobre a base, voltou-o ao ouvido. Alguém atendeu:

– Alô!

– Alô... Filho? – sussurrou, depois de alguns segundos. Seguiu-se breve e interminável silêncio.

– O senhor quer falar com quem?

O imortal reconheceu a voz de Flor, como era chamado Floriano. Respirou fundo, engoliu orgulho e, sem firmeza na voz, sussurrou mais uma vez:

– Eduardo.

– Amor, acho que é seu pai.

Ouviu passos apressados e um objeto de vidro cair. Ouviu um novo estrondo e não ouviu mais nada além do silêncio mudo do telefone desligado.

Como os cães são perspicazes quando se trata da emoção humana! Quincas gemia, compartilhando a dor e a tristeza de seu dono. Bento, bem trajado, de colar acadêmico no peito, era sumo da tristeza naquela noite quente. Baixou os olhos e se deu conta de Quincas. O cachorro sentiu o dono sorrir, ainda que o velho não tenha movido um único músculo da face. Bento caminhou em direção ao banheiro despindo-se e deixando as peças caírem no chão, Quincas vinha atrás pensando ser brincadeira o que acontecia e latiu agitado, até o velho fechar a porta atrás de si. Bento abriu a ducha e teve 23 minutos para digerir a profusão de sentimentos que vivera nas últimas horas. Dormiu enrolado na toalha, com Quincas ao seu lado.

Acordou por volta das seis, tomou seus três comprimidos matinais, um para o coração, outro para a pressão e o terceiro para que os dois anteriores não destruíssem seu estômago. Ainda não eram sete horas quando ligou para Feliciano Fausto.

– Eu preciso falar com você.

– Bento, ainda é madrugada.

– São sete!

– Sim, eu sei.

– É muito sério, Feliciano. Muito sério.

– Faleceu outro imortal?

– Ainda não.

– Ainda não?

– Precisamos nos encontrar.

– Fala logo, homem. Não me faça sair da cama para ouvir algo que você pode contar por telefone.

– Não posso.

Feliciano respirou longamente. De olhos fechados respondeu:

– Está bem. Dê-me duas horas.

– Uma.

A Praça Théophile Gautier era menor que a Praça Central; contudo, por estar próxima a restaurantes e bares, tinha maior movimento, o que incluía motores envenenados que modificavam seu ar bucólico. Bento sentou-se em um dos bancos voltados ao coreto, que agora servia de playground para as crianças, lembrou os bons momentos que viveu ao lado de



Giselle, sua primeira namorada, quando encontravam-se para ouvir composições românticas muito bem executadas pela Banda do Paço. Um dia, por descuido ou destino, a moça apaixonou-se por um agricultor, que viera a descobrir mais tarde não ser simples trabalhador rural, mas latifundiário muito bem sucedido. O mais triste, contudo, não foi a perda de Giselle para o tal, mas a perda da moça para a morte. Giselle foi encontrada, meses depois, morta em meio ao arrozal. Com ela morreu sua história, inclusive a de sua morte.

Quando voltou a atenção para a praça, o coreto não era palco de brincadeiras infantis, mas ribalta para dois jovens que dançavam cheios de entusiasmo ignorando a ausência de música. Uma moto de barulho insuportável pareceu roçar as costas do velho. Nada de Feliciano. No coreto, depois de longo rodopio, o jovem caiu exausto, a moça riu. Bento não. O peso dos anos não permitia mais a ele ver o mundo com devaneios românticos, também não havia mais tempo para projetar futuro. A alegria dos jovens no coreto era, para ele, uma provocação à sua existência débil, cujo maior acontecimento que podia esperar era a própria morte.

Este era, exatamente, o assunto que o fizera ligar para o amigo. Impressionado com a Sessão da Saudade oferecida à Veridiana e ainda mais com a fala respeitosa e admirada de Eduardo, o velho escritor desejou tal carinho para si. Entretanto, por não conseguir ter com o filho e sequer reunir desprendimento capaz de resolver tal questão, fazia-se necessário morrer. A isso ele daria jeito, mas precisava de Feliciano para organizar tudo e trazer seu filho Eduardo para a cerimônia.

– A morte redime.

Ao sabê-lo morto, talvez Eduardo tivesse um mínimo de compaixão e proferisse também um discurso repleto de carinho. Eduardo era bem capaz do perdão, ele conhecia o filho; entendia, porém, que a mágoa ainda fosse maior que o desejo de perdoar. Mas quem fica indiferente à morte? Mais ainda: à morte do próprio pai? Morrer era um bom plano, não apenas para receber reconhecimento póstumo, mas porque a saúde não ia bem e viver já não bastava. Além do mais, quem não desejaria ter uma linda cerimônia, ser lembrado por todos, ser homenageado pelo filho?

O relógio apontava mais de oito horas e nada de Feliciano. No coreto, agora, brincavam três crianças tolas. Avistou o amigo vindo da direção do Mercado Municipal, levantou-se para recebê-lo, mas, ciladas da vida, viu o amigo ser lançado longe por uma caminhonete. Vagou a cadeira 14 e Bento não podia morrer.

A homenagem a Feliciano Fausto foi ainda mais bonita e comovida. O salão principal do velho clube nunca recebera tanta gente. Feliciano era muito benquisto, fazia o tipo bonachão, brincava com todos, escrevia crônicas muito bem humoradas, fruto de seu bom humor e sua excelente memória, que buscava causos sabe-se lá de que recôndito. A viúva, dona Francisca Fausto, leu carta que escrevera de próprio punho para a ocasião. Lamentou os anos que ainda lhe restariam sem a presença do amado e do quanto a obra dele era importante para a cidade de Tapeia. O coral da empresa em que Feliciano trabalhou cantou duas canções; uma delas, composta pelo próprio imortal. Bento cumprimentou Francisca Fausto com sentimento e antes de se despedir, comentou com sinceridade:

– Era minha vez, não a dele.

Optou por ir andando para casa, que não ficava distante. Levou consigo, no olfato e na memória, o perfume da viúva, o mesmo usado por Sofia e deixado na cômoda no dia em que ela o abandonou. Era certamente o mesmo frasco, dado ao Feliciano num momento de desapego. Agora, o perfume vinha trazer de volta lembranças que ele não mais queria ter. Atravessou a praça, chegou à Rua Cândido Portinari, onde a vida de Feliciano terminara. Parou. Um carro que vinha em sua direção desviou, subiu na calçada derrubando sacos e latas de lixo e parou a centímetros da vitrine da livraria. O motorista, possesso, saiu do carro e voltou-se para a rua com ganas de xingar o velho incauto, mas não o encontrou. Bento havia retornado praça adentro e parou no Mediterrâneo, um bar com estilo inglês e mesas na calçada. Sentou-se ao balcão e pediu uma cerveja. Tomou dezessete. Fechou o bar, foi levado para casa por Demétrius, o garçom que, agora, mais do que ninguém naquela cidade, sabia da história e da angústia do velho escritor.

Bento não se deu conta naquela noite, mas acabara de iniciar uma leal amizade com o garçom do Mediterrâneo, a quem presenteou com seus livros e recebeu visitas frequentes para cafés e conversas. Demétrius era um pouco mais novo que Eduardo e, de certa forma, supria a ausência do filho de Bento. Enquanto o escritor falava-lhe de literatura e contava velhas histórias, o moço contava-lhe dos acontecimentos que presenciava nas noites do Mediterrâneo. O imortal não fazia lembrar em nada o velho hostil e cheio de soberba que se tornara nos últimos anos. Viu renascer uma certa alegria, uma trégua com o amargo da vida. Os encontros tornaram-se mais frequentes e Demétrius lançou mão de suas observações da noite para escrever seus próprios contos, sob rígida supervisão de Bento Queiroz.

- Esse parágrafo é dispensável.
- É importante.
- Para quem?
- É o mais bem escrito do conto inteiro.
- Um parágrafo deve ser importante para a história, não para o escritor, Demétrius. Suprima.

Em outros momentos, falavam de si. Demétrius, o observador, concentrava-se mais em fatos dos últimos meses, desde a abertura do Mediterrâneo, quando passou a ter vida mais ativa, enquanto Bento trazia bagagem de décadas, lembrando, principalmente, momentos de sua juventude. Até que, finalmente, num almoço de sábado, abriu-se ao jovem interlocutor sobre Sofia, seu último grande amor, 35 anos mais jovem, cheia de energia que o fizera remoçar; cheia de bom humor, que o fizera reencontrar o prazer de rir; cheia de vontade de aprender, que lera em poucos meses mais livros do que ele supunha ser possível. Contou a Demétrius sobre a descoberta da gravidez, de seu pedido para que Sofia não levasse aquilo adiante, do abandono, do arrependimento, da tentativa de resgate, dos meses com o menino, da não aceitação do que o menino se tornara, do novo abandono.

- Fazemos escolhas erradas, seu Bento. O tempo todo.
- Você quer dizer que devo aceitar tudo o que errei?
- Talvez seja melhor não se punir.

– A vida já me puniu, rapaz. Vi Sofia morrer diante dos meus olhos, vi Eduardo culpar-me, encaro diariamente a solidão.

Quincas Borbas gemeu, Bento o acariciou.

– Eu sei, Quincas, você é um velho amigo. Mas é apenas um cachorro, o melhor de você não basta.

Quincas deu meia volta e afastou-se, indo deitar do outro lado da sala.

– Ele ficou chateado - comentou Demétrius.

– É só um cachorro cego.

– Ele ouve.

Fez-se silêncio, Demétrius fotografou aquela cena, repassou-a várias vezes em sua mente e questionou: a falta de visão não pode ser um trunfo, se o que se ouve traz esperança?

– O Eduardo tem ido ao Mediterrâneo com frequência – disse o garçom.

– Meu Eduardo? Tem certeza?

– Sim, senhor.

– E como ele está?

– Parece-me bem. Não fica muito tempo. É muito benquisto, pelo que vejo, está sempre rodeado de amigos.

– Amigos?

– Sim. Costuma vir também com uma moça muito bonita.

– Uma moça? – estranhou Bento, fazendo Demétrius perceber a gafe.

– Certamente uma amiga, com quem parece divertir-se muito.

– Você pode fazer um favor, Demétrius?

O jovem ouviu o pedido de seu amigo com atenção e recusou participar do plano do imortal de por fim à vida por uma homenagem à qual sequer estaria presente. Mas prometeu trazer notícias do filho com frequência. Nas semanas seguintes, o fez com detalhes, moldando-as para caberem aos ouvidos de Bento Queiroz, que sorria ao ouvi-las, planejando idas ao bar, na expectativa de promover um encontro casual com o filho. O que nunca aconteceu.

Demétrius acompanhou o definhamento de Bento Queiroz e, num dia de pouco ânimo para o escritor, quando a vida parecia querer abandoná-lo de vez, o rapaz moldou palavras e as encaixou com delicadeza nos ouvidos do homem:

– Seu Bento, o Eduardo aceitou fazer o discurso.

Isso bastou para que o imortal suspirasse profundamente e pela última vez.

Quinze dias depois, o velho clube recebia uma nova Sessão da Saudade. Eduardo abriu o papel que trazia dobrado

no bolso e leu para os poucos acadêmicos presentes. Certo que muitos estranharam quando o filho de Veridiana Castanho insistiu em fazer uma homenagem a Bento Queiroz.

Ao final, Eduardo entregou o papel a Demétrius com uma frase que anotara ao final do discurso: “Por uma semana de cerveja grátis, faria homenagem até ao diabo. Vale para hoje?”.

No teto, o lustre de cristais balançava suavemente.







NELCI SEIBEL

Nelci Seibel é natural de Bom Princípio (RS). Formada em Comunicação Social – Relações Públicas, pela UNISINOS – São Leopoldo (RS), cursou Pós-Graduação em Gramática e Produção de Texto, na UNIVILLE – Joinville (SC).

Em Joinville desde 1980, desenvolveu atividades de Relações Públicas, Cerimonial e Jornalismo em diversas empresas públicas e privadas, além de colunista em veículos de comunicação, assessoria de imprensa e edição de material de promoção turística.

Nelci é autora de diversas obras, com destaque para: “São Francisco do Sul 500 Anos – Construções Históricas”, “Bom Princípio – Construções Históricas”, “História do Porto de São Francisco do Sul”, “Personalidades da Cultura Germânica em Joinville” entre outras.

Recebeu troféus e comendas, em reconhecimento ao seu empenho em favor do turismo. Foi apresentadora de programa de Turismo na TV Cidade Canal 20 e publica colunas em vários jornais, impressos e online.

Nelci é membro da SCAJ – Sociedade Cultural Alemã de Joinville, da ALASFS – Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da AJL – Academia Joinvilense de Letras e de outras entidades.

# FÁBRICA DE QUEIJO

A saga de uma família

Nelci Seibel

Queijeiro ou fabricante de queijo. Prefiro a segunda denominação, para definir a profissão de Adolibio Seibel durante a maior parte de sua vida. Mestre na arte, transmutava litros e litros de leite em queijo, tipo prato, poroso e delicioso, e do soro extraía a nata, depois transformada na mais pura e saborosa manteiga de que se tem notícia.

Os termos “profissão” e “fábrica” eram raros no vocabulário contextual da época. Mas é inevitável mencioná-los, porque fabricar queijo era uma das raras atividades produtivas não diretamente ligadas a terra, conhecidas pela população que vivia no meio rural do Rio Grande do Sul, a partir da década de 1930 até a década de 1970. Agricultura e pecuária de subsistência, principal meio de vida, ocupavam também o dia a dia das famílias que nasceram e viviam em Bom Princípio, Tupandi e nas demais colônias daquela região. Trabalhavam na lavoura de sol a sol, com equipamentos rústicos e precários, e os únicos meios de transporte ao seu dispor eram movidos a tração animal. Grande parte das ferramentas que utilizavam era por eles confeccionada, serviço realizado no paiol ou galpão, nos dias de chuva.

Vender o leite e em troca comprar gêneros, tecidos para vestuário e utilitários para a casa já significava um progresso. E na localidade de Santa Rita, interior de Tupandi, na época distrito de Montenegro, onde nossa história teve início, Arthur Weissheimer possuía uma *Gescheftshaus* – casa de negócios –, através da qual os colonos podiam escoar o excesso da sua produção agrícola, como alfafa, milho, feijão, etc.

Junto às atividades já estabelecidas, o negociante instalou uma fábrica de queijo. Em nada comparável às modernas indústrias de laticínios, porém, para os agricultores, uma nova fonte de renda, o que fez aumentar a criação de vacas leiteiras nas pequenas propriedades.

### **O queijeiro que veio de longe**

Em meados da década de 1930, o “Libo”, como Adolibio era chamado, chegou a Santa Rita para assumir a fábrica de queijo de seu primo Arthur Weissheimer, filho de Augusto e Maria Weissheimer. O trabalho exigia boa vontade e empenho, considerando-se as condições que a tecnologia elementar permitia, e, sem dúvida, uma qualidade a mais do novo trabalhador para ser notada e comentada pelos moradores. Forasteiro, jovem e bonito, Libo não tardou chamar a atenção das moças do lugar. Mas não por muito tempo, porque logo encontrou a sua eleita, que o acompanharia pela vida afora: Maria Guilhermina, filha de Jacob e Johanna Francisca Rambo, da propriedade vizinha. Em junho de 1939 casaram-se e passaram a residir com a família Rambo por seis anos, ganhando a vida trabalhando na agricultura.

### **Anseio por uma nova vida**

Em julho de 1945, já com quatro filhos – Nelci com 6 anos, Iloni com 4, João com 3 anos e Verno com 4 meses – a busca por novos horizontes levou a família a mudar-se para Bom Princípio, distante cerca de 20 km de Tupandi, na localidade de “Morro Preá” – *Santhasenberg*, vejam só que nome! Não nos consta que a localidade estivesse infestada do tal bichinho roedor. Ainda bem que mais tarde o local foi rebatizado para *Passo Selbach* (em consideração a uma travessia pelo Rio Caí).

Fomos morar numa nova, grande e bonita casa e o que mais? Uma fábrica de queijo. Hoje concluímos que a história de Adolibio Seibel estava escrita, com leite. A propriedade, sem dúvida a mais bem estruturada da época em toda região, pertencia a Reinaldo Weissheimer, irmão de Arthur Weissheimer, uma família inteira dedicada às casas de negócios. Dois anos em regime de aluguel, após o que a propriedade foi adquirida, fruto de muito trabalho e economia. Só então podíamos considerá-la a “nossa casa”, segundo o conceito de propriedade e segurança do papai, o que soube muito bem transmitir aos nove filhos.

### **Trabalho, organização e suor**

Moravam conosco, nos primeiros anos, tia Frida (irmã de Guilhermina) e tio Reinaldo (irmão de Adolibio), conhecido por “Naldi”. Frida auxiliava nas lidas domésticas, onde se incluía a ordenha das vacas, pela manhã e à tardinha. Era óbvio que fabricante de queijo tinha que se esmerar na produção de leite.

Naldi fazia o queijo, enquanto Adolibio trabalhava na lavoura e criava suínos, atividade paralela e conveniente. Após alguns anos, tio Reinaldo se casou, indo morar em Canoas, e mais tarde a tia Frida também deixou a casa. A variedade de serviços pedia o funcionamento de uma empresa organizada, o que não era fácil, em função das limitações de então. Para dar conta de toda administração – *die ganze Wirtschaft* – a solução era contratar empregados.

A movimentação começava antes das 6 horas, a zero negativos ou a mais de 30 graus. Adolibio abria a fábrica, tomava as providências para iniciar a função. Caderno de anotações e lápis à mão, balança, coador de leite. Acendia fogo

sob o tacho, no qual os leiteiros lavavam as latas, após a pesagem do leite. Higiene era fundamental e o único fiscal sanitário era o “Seu Libo”. E se a limpeza não estivesse perfeita, bronca na certa. Também não se descuidava do “teste da água”. Havia alguns fornecedores que *confundiam* água com leite, e na ânsia de engordar a conta no fim do mês, misturavam os dois. Mas a receita, que eles julgavam secreta, não vingava. Em caso de dúvida, uma mostra ia parar em uma ampulheta, que continha uma mistura de mercúrio com álcool, e acusava com alto grau de precisão a quantidade de cada um dos ingredientes. A descoberta acabava em gritaria por parte do infrator, ao ser chamado para uma conversa e posterior acerto de contas. Enganar o “Seu Libo”? Não mesmo!

O leite de boa qualidade e sem água, é claro, aproximadamente 600 litros por dia, rendia em média 60 unidades de queijo. Cada queijo de um quilo consumia dez litros de leite. No verão, doze litros. Sem energia para refrigeração, o leite perdia em qualidade.

Cerca de 7 horas. Chegavam os leiteiros com o leite arrecadado nas diferentes localidades. Do Arroio das Pedras, campeão de produção, o transporte era feito em carroça, e das demais localidades, no lombo de cavalos, que vinham curvados sob o peso. Os latões eram pendurados na cangalha, armação de madeira, que também servia de sela para o leiteiro, que no meio daquele “depósito andante” se ajeitava da melhor forma e fazia o petiço (cavalo pequeno) andar, de propriedade em propriedade, até recolher a produção do dia.

Descarregar os latões era o primeiro passo. Em seguida transferir o leite a um recipiente especial para pesagem e anotação, para anotar a quantidade de cada cliente – litros e gramas – no caderno - *Milch Heft*, passar pelo coador para o

grande tanque de latão, embutido em uma estrutura de concreto, do qual só sairia em forma de queijo.

Iniciava o processo de transformação. Acendia-se o fogo sob o tanque para esquentar o conteúdo, de forma moderada e gradativa. Misturavam-se algumas gotas de corante para dar ao futuro queijo uma cor dourada e o coalho, produto industrial importado, para agilizar o talhamento do leite, o que levava cerca de trinta minutos.

### **Intervalo para café**

Entre uma e outra acha de lenha acrescentada ao fogo, esse período era aproveitado para um momento de descanso, tomar o café da manhã, rachar um pouco de lenha com o machado (era muita lenha, todos os dias), ou brincar com as crianças.

Quando o tio Naldi ainda era o queijeiro, adorava inventar brincadeiras com os sobrinhos. O petiço, meio de transporte de um dos leiteiros, ainda estava selado, esperando ser livrado daquela incômoda cangalha, para juntar-se aos mortais da sua raça, no potreiro. Era manso, concluiu o tio Naldi, quando resolveu sentar os quatro pequenos – Nelci, Iloni, João e Verno – sobre o cavalo, dois na rústica sela, um no lombo e outro no pescoço. Se o animal se assustou ou sentiu cócegas, jamais saberemos.

O fato é que saiu em disparada e quem assistiu ao tragicômico espetáculo só via criança voando para todo lado. O cavalo só parou porque deu de cara com o portão que levava ao potreiro, por sorte, fechado. Tio Naldi, acabrunhado com a travessura, ajudava Guilhermina a ajuntar os filhos, espalhados pelo pátio, todos no maior berreiro. Felizmente a façanha

acabou sem ossos quebrados ou outras consequências desastrosas.

### **De volta ao posto**

O termômetro acusava a temperatura ideal para dar continuidade ao processo. Com uma espécie de pá, de lata ou zinco, material de todos os utensílios do gênero existentes, viravam-se lascas do leite já talhado, para misturar a gordura (nata), que se acumulava na superfície. Após, usando um arame de cerca de 80cm, com um gancho para segurar e outro na ponta inferior para não arranhar o fundo, cortava-se o conteúdo do tanque em quadradinhos. A autoridade maior de todos os passos era o fogo, alimentado conforme o termômetro, para alcançar os 39°C.

Nesse momento o queijeiro incorporava sua verdadeira habilidade, com decisão, força e muito suor. Vestia um grande avental, que deveria ser impermeável. Material desconhecido na época, a peça era costurada por Guilhermina, em tecido de algodão grosso, que oferecia regular proteção a um possível banho de soro – o líquido esverdeado que sobra quando o leite talha. Arregaçar as mangas ao máximo, proteção na cabeça, mãos e braços bem limpos e uma toalha a jeito. Com uma grade de arame em uma armação de madeira, a ação consistia em transformar os cubinhos de leite talhado em migalhas. Dava-se então um tempo, para a massa *sentar* no fundo.

Nova etapa. Uma forma redonda, de 15cm de diâmetro e 80cm de comprimento, cheia de furinhos, era mergulhada no tanque, e, com a ajuda das mãos, enchida com a massa, já louca para sair daquela banheira quase fervente. Levantar a forma e levá-la até a mesa era um ato de maestria e rapidez. Pelos furinhos espirrava o soro quente e não escolhia destino: no



chão, na roupa ou no rosto do operador. Lembrava um banho de chuveiro quente, mas muito mais pegajoso. A Nelci, a Iloni e também a Noeli têm certeza de que esses banhos involuntários de soro contribuíram para a manutenção da pele, suave, jovem e bonita até hoje, aos “vinte e uns anos”.

Liberar a massa daquela comprida forma sobre a mesa era outro desafio, para não quebrá-la. Com o uso de um medidor era cortada em pedaços de cerca de doze centímetros e colocada em formas individuais, que possuíam o mesmo diâmetro e furinhos da anterior, na seguinte sequência: um pano quadrado estendido sobre a forma e depois aquilo que já tinha uma leve semelhança com um queijo.

Dobravam-se as pontas do pano sobre a massa, como se fosse uma cestinha com pão. Sobre tudo isso um tijolo (liso e limpo), cujo peso prensava o queijo, para livrá-lo de todo líquido.

### **A tortura da virada**

O tampo da mesa, onde esta etapa se processava, era de madeira maciça, afunilada em uma das pontas, por onde escorria o líquido em uma lata. Às 4 horas da tarde, hora de “virar o queijo”, uma média de 40 a 70 unidades, conforme a quantidade de leite processado no dia. A tarefa era tirá-lo da forma, torcer o pano encharcado e repetir o processo da manhã, recolocando o queijo, porém do lado contrário.

Interromper as brincadeiras para enfrentar a missão era uma das torturas da nossa adolescência, pela qual todos passamos. Geralmente em dupla, éramos parceiros nesta empreitada. Até a Malu, com apenas 9 anos, já entrava no circuito. Um dos “duos” mais famosos era Noeli x Nestor, que,

diga-se de passagem, aprontaram um bocado juntos. O trabalho tinha de ser bem feito, para dar a forma correta e arredondada ao queijo. Os que saíam deformados eram refugados pelo mercado. Portanto, eram vendidos aos vizinhos a preço menor ou consumidos pela família. Muitas vezes aconteciam “boicotes” e queijos nasciam tortos, para depois irem à nossa mesa. A Noeli, com o aval do Nestor (só o aval porque ele não comia queijo), era mestra neste particular.

### **O ciclo da cura**

Nem o queijo nasce pronto. Pela manhã, enquanto a função do dia iniciava, os queijos do dia anterior eram desenformados e transferidos para a mesa da salga, no salão de cura, por nós chamado de *Keller* – porão. Esfregavam-se punhados de sal em seu redor e na parte superior. E na manhã seguinte, no lado oposto de cada peça. O sal grosso era comprado em sacos de quinze quilos. Esvaziados, eram lavados e transformados em panos, para uso nas formas de queijo.

Após dois dias naquela mesa, o queijo era lavado e enfileirado nas prateleiras do *Keller*, para curar, ou amadurecer, com viradas diárias e possíveis novas lavadas, principalmente no inverno, quando era grande a tendência de criar bolor.

O queijo necessitava de uma semana para completar seu ciclo. Em períodos de muito frio e chuva demorava a curar e adquirir a sua típica cor dourada. Nesses casos a solução era armar mesas provisórias no pátio e colocá-lo ao sol. E nós, crianças, éramos elevadas à condição de severos guardiões dos queijos, contra gatos, cachorros e galinhas. Não era fácil, porque preferíamos brincar. E as galinhas e galos, ao menor descuido, faceiros, enchiam de bicadas aquelas preciosidades,

prestes a virarem contos de réis. E nós, fortes candidatos a severas reprimendas do Adolibio.

### **Embalagem e despacho**

Queijos tipo prato, corados e apetitosos, prontos para o consumo. O tampo do tanque, uma tarde por semana, virava mesa de empacotamento. Cada folha de papel manteiga dava duas embalagens. Um rótulo, em forma octogonal, impresso nas cores azul e vermelho, continha o nome do fabricante – Adolibio Seibel, endereço e alguns dados legais, além de uma vaquinha com um imenso úbere para completar – e era colocado sobre cada peça. Depois se enrolava o queijo, formando orelhinhas torcidas nos quatro cantos como balas de coco.

Acondicionado em caixas de madeira, o queijo ia para o caminhão, que o transportava a Porto Alegre, para armazéns de atacado. Considerado de excelente qualidade, a Varig, por longo tempo, adquiria parte do queijo de Adolibio Seibel, para servir nas refeições a bordo.

### **Nada se perde**

Observador e empreendedor, papai Adolibio estava sempre atento às inovações que diziam respeito ao seu campo de ação. Vez por outra, acompanhava o transporte dos seus produtos, para averiguar a satisfação dos clientes e consumidores e também para se informar das novidades do mercado, em maior evidência na capital.

Foi em uma dessas viagens que tomou conhecimento da desnatadeira, máquina para extrair a nata que sobrara no soro e transformá-la em manteiga. Não demorou e a *Rahm Maschine*, de marca “Westphalia”, era parafusada no piso, em um dos

cantos da fábrica. A notícia da instalação dessa engenhoca se alastrou, gerou visitas de vizinhos e curiosos, mas para nós significava duas pesadas horas de acréscimo na jornada, da já longa manhã.

Se todo processamento do queijo podia ser efetuado por uma pessoa de habilidade, desnatar o soro exigia três e, não esquecendo, com bom fôlego e força de braço. Era bonito assistir o filete de nata branquinha, escorrendo por uma torneira para um recipiente.

Na parte superior da máquina, bem acima do nível dos braços, havia uma espécie de bacia, na qual se despejava o soro. O outro trabalhador fazia o papel de gerador de energia, tocando a manivela em ritmo constante e acelerado. Enquanto a nata vertia numa linha fina, a torneira do soro jorrava e enchia uma grande lata em poucos minutos, substituída, supostamente sem derramar. Ao completar duas latas, carregava-se até a “sopeira dos porcos”, um tanque em que se preparava a refeição dos suínos e que ficava no outro lado da rua. Tudo tinha de funcionar como um cronômetro, senão desandava, saía soro na torneira da nata e por aí afora.

Os três operadores alternavam as funções, impossível dizer qual a mais forçada. Atenção total, principalmente na troca do operador da manivela, para não diminuir o ritmo. Se o suor vertia a cântaros em pleno inverno, imagine-se no verão.

Na manivela, o campo de visão era limitado. À frente havia uma pequenina janela, por onde se vislumbrava um pouco do mundo, além daquelas paredes, envelhecidas pelo ataque diário do calor e da umidade. Familiarizados com cada manchinha na parede, a gente imaginava para elas variadas formas. A janelinha mostrava parte de um limoeiro, do qual

percebíamos qualquer centelha de desenvolvimento. As novas folhas na primavera, as flores que se transformavam em frutos, que amadureciam, eram apanhados ou caíam. Girando a manivela pensávamos no almoço, na hora do descanso que viria depois, no dia seguinte, no próximo baile, no vestido novo, no namorado, no futuro, na vida... E dá-lhe manivela, dias, semanas, anos...

### **A manteiga dos deuses**

Nata sofrida, hein! Ia para o Keller, esperando ser transformada em manteiga. Duas vezes por semana a *Butter Fass* – espécie de bateadeira manual entrava em ação e a dita cuja era manejada (batida), até o conteúdo se render. Ao aparecerem os primeiros grânulos, dentro daquela barriquinha de madeira alta e longa, era a glória. Estava virando manteiga. Mais um pouco e se mudava o conteúdo para uma grande bacia, onde passava por inúmeras lavagens, até sumir qualquer resquício leitoso. Era doce, gostosa. A produção, de aproximadamente quinze quilos por semana, em pacotes de um quilo, era despachada junto com a carga do queijo.

Bem: a última ação da trajetória matinal, já passando do meio dia, era a limpeza da fábrica. Lavar em água quente e sabão feito em casa, uma por uma as inúmeras (e ingratas) peças da desnatadeira e todos os apetrechos utilizados. Por fim o piso, com baldes de água tirada do poço à bomba manual, e vassoura. Dá para supor que todos adquirimos braços fortes.

### **Salinas e Bonitas**

Adolibio tomava providências para melhorar o seu negócio, as estendia também aos vizinhos e fornecedores. Optava

sempre pela criação de animais de raça, tanto bovinos como suínos. Mantinha um touro de raça holandesa, através do qual também os colonos melhoravam a qualidade da sua criação, gerando vacas leiteiras de boa qualidade. Além dos filhos maiores que pegavam junto, havia dois empregados para os trabalhos na roça e uma empregada, que moravam na casa. Com eles dividíamos as tarefas, como se todos fizessem parte de uma grande família, e nos tratávamos com respeito e descontração.

Salina, Bonita e Negrinha são alguns dos nomes que identificavam as cinco ou seis vacas leiteiras, uma das prioridades do dia a dia, desde o trato até a ordenha. Aquela que não dava pelo menos um balde de leite duas vezes ao dia não era considerada boa o suficiente. Dependia, é claro, da alimentação delas e havia ainda os bezerros, que reivindicavam seu quinhão de leite em cada refeição.

A ordenha era trabalho das mulheres, lideradas por Guilhermina. Para começar, era preciso amarrar o rabo da vaca, para a ordenhadeira não correr o risco de levar uma rabada na cara. Depois, sentar no banquinho e dá-lhe tirar leite. Eu, então, não curtia nada este trabalho. Mesmo porque, como sou canhota (ou canhestra), as vacas estranhavam o toque diferente.

### **Administrar, uma questão de habilidade**

Toda transação de escoamento da produção da fábrica de queijo, dos suínos gordos para a venda, assim como as compras de sal, coalho, corante, ração para os porcos e tudo o mais que não se encontrava em Bom Princípio, era feita através da empresa de Albino Hartmann, conhecido por Michelon. No final de cada mês, o acerto de contas, significando também dinheiro e troco miúdo para pagar os fornecedores do leite. O

pagamento era individual a cada um, em dinheiro, até o último centavo.

Adolibio, com a *Milch Heft* e lápis em punho, sua máquina de calcular, o cérebro, sentava-se à grande mesa do jantar e avisava: ”gurizada, não façam barulho que vou fazer as contas do leite”. Levava no mínimo três tardes, e quando o papai olhava para nós, por cima dos óculos, era hora de baixar a bola.

A sina incluía ainda o controle de abastecimento, manutenção dos utensílios, conserto das latas de leite, entre outras pequenas e grandes providências. Pequenos furinhos nos latões, “Seu Libo” consertava na fábrica. Com uma ferramenta semelhante a um martelo, esquentado ao fogo, fazia uma solda, com uma mistura de estanho – *Zind* e enxofre. Mas quando o buraco na lata era maior, ou até merecia um fundo novo, a história era outra...

### **Será que vai ter circo?**

Todos nós fomos iniciados e escolados na operação fábrica de queijo e suas ações adjacentes. O Verno, em certa ocasião, com apenas onze anos, incumbido da tarefa, armou um andaime com caixas de cerveja para alcançar o tanque. Por pouco não mergulhou naquele mar de leite.

Virar o queijo e “transmontar” latas ao funileiro? Dessa ninguém escapava. Sentada na sela do cavalo, o indesejável trono, com oito a dez latas penduradas, rumava para a vila, até a funilaria (*Blechsmidt*), de Emílio Steffens. Para quem via, uma cena cômica.

Para nós, catastrófica. O barulho das latas batendo uma na outra era diretamente proporcional ao trote do cavalo. A prova de fogo era passar pelo centro da vila. Pelo estranho barulho, tínhamos certeza que as pessoas concluíam que estava sendo anunciada a vinda de um circo.

### **Com patos ainda pior**

Um batalhão de patos tinha que ser depenado uma vez por mês. É verdade que as penas serviam para fazer macios e confortáveis travesseiros. Um dia Guilhermina, cansada dessa rotina mensal, resolveu vender seus patos branquinhos. O comprador? O funileiro. Bem: dava pra imaginar o infortúnio que estava por vir...

E claro, Adolibio não perdeu tempo: amarrou os pés dos patos e pendurou-os na cangalha do cavalo, como se fossem uma leva de escravos a serem enviados ao novo dono. De quebra aproveitou a oportunidade e intercalou-os com algumas latas de leite para consertar. A montadora, para transportar aquela inusitada carga, foi a Iloni. Ela afirmou até o fim da vida que as latas permaneceram quietas, amortecidas pelas macias penas dos bichinhos. Em contrapartida os marrecos, foi um tal de quá, quá, quá pelo centro de Bom Princípio, só vivenciando...

### **Revolução Industrial**

Nada permanece igual para sempre. Na Europa a Revolução Industrial já acontecera no século XIX. No Brasil, mais precisamente em Bom Princípio, quase um século depois. As pequenas fábricas de queijo aos poucos deixaram de ser um bom negócio, não só para Adolibio Seibel, como para as outras existentes na região. Foi em 1961. Um empresário de Carlos



Barbosa era proprietário de um imóvel na localidade de Santa Lúcia com instalações para fabricar queijo. Foi então criada a primeira indústria de médio porte de Bom Princípio, com a junção do leite de todos os fornecedores, a “Laticínios Santa Lúcia”. O fabricante contratado? Adolibio Seibel.

### **Declínio da jornada**

Instalou a indústria e a fez funcionar, puxando leite, carregando peso e dirigindo um velho caminhão da marca ‘Internacional’. Não era certamente um trabalho que dava prazer a Adolibio, àquelas alturas da vida. Depois de determinado período, já com a saúde abalada pelos milhares de horas vividas em ambientes de umidade, vapor, suor, frio e calor, encerrou sua carreira de queijeiro.

Todos nós, os nove filhos, de alguma forma participamos dessa trajetória – Nelci, Itoni, João, Verno, Noeli, Nestor e Malu –, enquanto Luiz e Ricardo já vivenciaram as mudanças no ciclo das queijarias. A conclusão de todos nós irmãos é unânime. Nosso pai era um trabalhador nato, não tinha medo do pesado, não media esforços e estava sempre pronto a aceitar e experimentar inovações. Lutou muito. Não ficou rico, mas foi um vencedor. De queijo em queijo nos deu o conforto que podia, nem sempre o que queria. Deu-nos educação para que pudéssemos continuar a nossa caminhada pela vida com as próprias pernas e consegui. Deixou-nos cedo, em junho de 1984. Mas no lugar em que está, com certeza é feliz, principalmente depois que a mamãe Guilhermina foi juntar-se a ele, em junho de 2010. Que Deus os mantenha sempre alertas para nos orientar e proteger...

*(Excerto do livro “O balaio gigante”, que conta histórias e episódios da nossa infância e juventude, lançado em outubro de 2016))*





HILTON GÖRRESEN

O acadêmico Hilton Görresen é natural de São Francisco do Sul (SC), bisneto de imigrante norueguês aqui chegado no século 19. Começou a publicar seus textos na década de 1960, no jornal Correio do Povo, de Jaraguá do Sul (SC). Entre as décadas de 1970 e 1980, após concluir o curso de Letras, em Joinville, iniciou colaboração semanal no jornal “A Notícia”, publicando crônicas, num estilo leve e humorístico, e artigos sobre comunicação.

Terminando curso de especialização em Língua Portuguesa, em 1990, passou também a elaborar textos sobre linguagem, alguns deles reunidos mais tarde no livreto “Mostrando a língua”, de 2004. Há cerca de 10 anos, vem publicando suas crônicas no jornal Notícias do Dia, também de Joinville, textos estes reunidos nos livros “Quando minha avó tirava a roupa”, “Histórias para ler no banheiro” e “Elefante branco”. Publicou também um livro de memórias, “São Chico Velho de Guerra” e o paradidático “O que aprendi sobre redação – e posso lhe ensinar”.

É membro também da Associação das Letras e da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul – Alasfs.

Nesta edição, o acadêmico nos apresenta três textos do gênero conto.

# TRABALHINHO

Eu havia recebido recado para ligar urgente pro Pivica. Ligar como, se eu não tinha mais crédito no celular? Ele, se quisesse falar comigo, que entrasse em contato. Foda-se. Peguei na geladeira a última latinha de cerveja, me sentei na poltrona já puída e fui saboreando a bebida aos pouquinhos. Puta miséria! Foi quando tocou o celular. Era o Pivica.

– E aí, tá a fim de um trabalhinho?

Porra, eu estava desempregado há seis meses, sem crédito no celular, espremendo a última latinha de cerveja e o puto me perguntava se queria um trabalhinho.

– Demorô, mano. Topo, seja o que for – eu respondi.

O Pivica era da pesada, mas nunca havia se metido em coisas como roubos ou assassinatos. Eu também, nunca me passou pela cabeça mandar alguém desta para a melhor, ou para a pior, sei lá, nunca me preocupei com o que acontece depois desta bosta de vida.

– Então me espere hoje, às nove da noite, em frente do bar do Julião.

– Certo, mano. E qual é o trampo desta vez?

– Lá eu te explico.

Isso era pelas onze da manhã, acabei a cerveja, calcei os tênis e fui andando até o mercadinho ali do bairro. Tava

economizando os trocados feito um desgraçado para pelo menos um sanduba na hora do almoço. Mesmo assim, depois que abandonei a academia por falta de dinheiro havia até engordado alguns quilos. Mas era um cara bombadão, com 1,83m e 42cm de bíceps. Por isso, o Pivica me chamava quando havia um serviço que precisava de força bruta. Era eu que carregava o piano. Responso.

Quinze para as nove eu já estava de plantão, encostado num poste, na frente do bar. Estava quente pra caramba. Mariposas voavam em torno do poste, davam cabeçadas no bocal da lâmpada. Havia colocado a camiseta regata da academia, gostava de andar exibindo os músculos. Porra, era tudo o que eu tinha. Como diz o ditado: se você só tem um limão, faça uma limonada. Meu corpo ainda impressionava as meninas.

O Pivica só pintou aí pelas nove e quinze. Vinha tranquilo, de calça jeans rasgada num joelho, camiseta do Flamengo. Era mais baixo e mais magro de que eu, os braços eram finos e lisos. O cabelo, como sempre, numa desorganização que ele dizia ser um penteado. Tinha uma enorme pinta no lado esquerdo do rosto, os lábios arqueados para baixo, o que fazia que ele parecesse sempre estar triste.

– E aí, mano. Qual é o negócio?

– Um cara tá transando com a mulher do nosso cliente. Vamos pegá os dois no flagra e dar um pau no sujeito.

E mais não disse. O Pivica era assim, caladão, guardava os detalhes para ele, como se a posse deles lhe desse mais poder. Como se fosse um general montando as estratégias e mandando seus soldados cumprirem à risca suas ordens, sem saberem em que porra de buraco estavam se metendo.

Entramos no fusquinha 69 do Pivica e seguimos pela avenida até o bairro Itaum. Escoado o movimento do dia, as ruas estavam quase desertas. Após rodados uns 10 quilômetros, o Pivica estacionou o carro debaixo de uma árvore que coava a luz vinda dos postes. Saímos e andamos alguns metros. Nos postamos detrás de outra árvore na calçada e ficamos ali de campana. A casa que vigiávamos era baixa, de pintura descascada, guarnecida por um muro baixo, com portãozinho de madeira. Por trás de uma cortina vermelha brilhava uma luzinha fraca. Fiquei desconfiado.

– É a esposa do cara, mesmo? Será que não é uma daquelas putas sustentadas pelo trouxa?

– E daí? – respondeu ele. Eu não falei que era esposa do cara. Pra nós, basta completar o serviço e receber a grana.

– Tá certo, brother. Bobagem minha.

Já eram mais de 10 horas, estávamos na espera há uns vinte minutos e o Pivica não me adiantava mais nenhum detalhe. Quem viria? Como íamos entrar na casa para dar o flagra?

Foi aí que parou uma caminhonete Honda um pouco adiante da casinha. Um homem desceu do carro, apertou o controle, as luzes dos faróis deram uma piscada. Estava de chapéu com a aba abaixada. Veio se esgueirando como um gato, empurrou o portão, a porta da casa se abriu alguns centímetros e vupt! entrou rápido.

Esperamos mais uns quinze minutos, até que o Pivica falou: é agora!

Passamos o portão. O Pivica disse “me acompanha” e se dirigiu para a parte de trás da casa. Ali havia um pequeno espaço até o muro traseiro, cheio de varais com roupas penduradas. Ao lado de um tanque estava uma porta fechada. Estava escuro. Pivica colocou a mão no bolso da calça e tirou uma chave. Custou um pouco achar o buraco da fechadura. Enfim, nos esgueiramos para dentro da casinha. O interior era pequeno, bem simples, cozinha, banheiro, salinha com televisão e um quarto. No quarto havia luz. A porta estava apenas encostada.

Eu estava tenso. Mesmo que tivesse efetuado um trabalho desses todos os dias ainda assim ficaria nervoso. Era o temor do desconhecido. Dali a pouco estaria espancando uma pessoa que eu nunca havia visto antes. Que modo estranho de ganhar uns trocados. Nessas horas me dava um tremor nas pernas, uma vontade de largar o negócio, ir embora para a minha toca. Mas era a vida, se você se arriar nas cordas perde a luta, a vida passa.

De súbito, o Pivica deu um empurrão na porta do quarto. A mulher estava deitada de bruços na cama, só de calcinha. Era magra, uma falsa magra, daquelas de ombros estreitos, cintura fina, mas os quadris largos, a bunda achatada. Tinha a pele clara, cabelos compridos castanhos.

O homem estava em pé, perto da cama. Ainda estava de calças, mas sem camisa. Ia desabotoando a braguilha. Com o susto, deu um pinote, quase se amontoou numa cadeira no meio do ambiente. Voltou-se para nós. Era gordinho, meio careca. Fui eu que o reconheci primeiro. Segurei o Pivica, que já ia partindo para a agressão.

– Porra, Pivica, é o Doutor Célio!



Doutor Célio era um velho cliente nosso, político, pagava bem por alguns servicinhos, nada de muito violento. Uns cascudos em adversários, pequenas ameaças.

– É mesmo! – espantou-se o Pivica. Doutor Célio, o senhor por aqui – foi o que ele encontrou para dizer.

– Como vão? – ele nos cumprimentou de modo displicente e um pouco arrogante, como sempre fazia. Já havia adivinhado o que viéramos fazer ali. Quem está pagando pra vocês?

– Não pergunte isso, Doutor Célio. Não fica bem a gente entregar um cliente.

– Tá bem. Então quanto estão pagando? Eu cubro o valor.

O Pivica estava encrencado. O que fazer? Dar um pau no Doutor Célio? Nem pensar. Por outra, certamente ele não gostaria de falar em valores na minha frente. Eu nunca soube quanto na verdade ele recebia pelos nossos serviços. Contentava-me com o que recebia.

Engasgou-se um pouco, franziu a testa, olhou para o chão em direção aos seus tênis, e afinal chegou-se para perto do cliente e falou baixinho. O homem disse: tá bom, me procure amanhã no escritório.

– E agora? Vamos dar o cano no cliente? – eu falei quando estávamos já fora da casa.

– Foda-se. A vida é dos mais espertos. Trocar o Doutor Célio por um trouxa qualquer é trocar doze por meia dúzia. Vamos dizer que o homem não apareceu e desistir do negócio.

– Você é quem manda. Mas sabe o que me deu vontade ali no quarto?

– Nem imagino, mano.

– Dar um pau naquela vagabunda.

## ELES NÃO DEIXAM

Eles não deixam trazer a Ritinha para cá. Eles me suportam, não conseguem me expulsar da casa, mas se a trouxer, dizem, vai haver problema.

O velho foi quem construiu o casarão, no século 19. Era português de origem, veio para cá sem nada, em busca de fortuna. Entrou no comércio, inicialmente como caixeiro de um patrício numa loja de ferragens; quando o patrício morreu, conseguiu adquirir o negócio da família; também casou com a viúva, que ainda era jovem. Depois de anos de trabalho árduo, utilizando escravos, com areia, cal e óleo de baleia, construiu o prédio de dois pavimentos. Mal chegou a morar nele. As madeiras ainda estavam estalando de novas, aço da sacada rebrilhando, teve uma parada cardíaca.

O outro é um pirata francês do século 18. A futura cidade não havia ainda sido povoada, era uma bela região de morros e praias ao redor da baía. Conta-se que um terrível capitão pirata aqui aportou trazendo seus tesouros, resultado de saques aos navios portugueses e espanhóis carregados de riquezas. Subiu um morro ao pé da baía e escolheu local para enterrar um grande baú. Quando foi embora, deixou um fiel seguidor encarregado de tomar conta das riquezas. Morto, naturalmente, com um tiro na testa e enterrado sobre o baú. Os séculos escoaram, seu corpo apodreceu, mas sua alma tenebrosa ali permaneceu sem desconfiar que já não era mais carne e sangue, esperando o retorno de seu capitão. O morro foi explodido, aplainado e foi aqui que o velho construiu seu casarão.

Como eu sei tudo isso? Há uns dois anos, vindo do Paraná, adquiri o imóvel dos últimos herdeiros. Já não era mais aquela joia pretendida pelo seu construtor: assoalho podre em alguns

lugares, paredes externas descascadas, goteiras nos quartos, “farofa” de cupim nos cantos. Mas o local valia a pena. Rua calma, circundada por um passeio com palmeiras e bancos à beira do mar. Aos poucos, pretendia ir fazendo reformas, até que ficasse a meu gosto. Os proprietários tinham deixado alguns móveis antigos, mesa de jantar com cadeiras, um balcão e uma cristaleira de vidro.

Logo que me instalei, comecei a ouvir ruídos à noite. Às vezes semelhavam passos; outras vezes, chiados, sussurros, barulho de coisas se quebrando. A par disso, minha vida parece que ia dando pra trás. Fiz maus negócios, fui traído por parceiros, perdi oportunidades; as coisas boas parece que escorregavam de minhas mãos. Não sou muito de me impressionar com certas coisas, mas, seguindo o conselho de um amigo, fui procurar uma médium, Dona Carlota.

Ela me pediu para ir a seu pequeno centro numa quarta-feira à noite. Estava me esperando com mais duas companheiras, todas vestidas de branco. O local estava em penumbra, uma vela rugosa ardia sobre um pratinho. Não demorou muito, a médium falou que eu estava acompanhado; ela conseguia ver um senhor de barba e bigode brancos, parecendo muito furioso. Encarnando em uma das mulheres, o velho gritava:

– A casa é minha! Não quero ninguém lá.

– Você não está mais aqui. Deixe os outros em paz, irmão – dizia Dona Carlota.

– Ele vai ter de sair. A casa é minha, fui eu que construí.

A médium não conseguia convencê-lo. Quando o velho foi embora, ela me falou: tem mais alguém aqui. Era o pirata. Ele

também não deixava o local sem a ordem de seu capitão.

Porra, e eu aqui entre dois espíritos teimosos. Mas não iam conseguir me vencer. Tinha utilizado todas as minhas economias na compra do casarão, não tinha mais para onde ir. Acabamos nos acomodando. Eles que chiassem, fizessem suas algazarras na casa, não iam mais me assustar. Parece até que fizemos um pacto de habitação pacífica, os barulhos foram diminuindo. Acho que até mesmo um espírito tem seu desconfiômetro.

De vez em quando ia ao centro de Dona Carlota, ver como as coisas andavam. Talvez aos poucos fosse convencendo os dois zuretas a se desvencilhar deste mundo material e irem gozar as delícias da eternidade.

Tudo se complicou quando conheci a Ritinha. Morava com a tia numa “casa discreta”, onde recebia senhores distintos. Era uma casa comum, na periferia, com muro alto, portão de ferro e uma entrada que ia dar na garagem nos fundos. Ritinha era uma garota baixa, não tinha ainda 30 anos, corpo cheinho, seios siliconados e cabelos louros que trazia sempre presos, variando o penteado. Seu rosto não era bonito, a boca de lábios escassos deixava-a com uma expressão gozada, mas o conjunto era agradável.

Fui visitá-la algumas vezes. Peguei gosto pelo seu jeito carinhoso de se aninhar em meu peito, seu rebolado quente e os gemidos que pareciam sinceros. Além de transar, a gente conversava e ria; ela também era paranaense, de Antonina. Quando havia clientes na sala, a tia dava uma batida na porta, e logo saíamos, pois a fila tinha de andar.

Ela queria dar o fora dali; contou que a tia era mesquinha,

autoritária e sovina. Então me empolguei com uma ideia: por que não trazê-la para morar comigo no casarão? Precisava de companhia, de alguém para conversar, namorar, repartir as refeições, quem sabe ela fosse boa cozinheira.

Ela topou de cara. Ia se livrar da tia e dos velhos babões a quem tinha de se submeter para sustento da casa e da megera. Animado, solicitei um empréstimo no banco para deixar a casa a contento para recebê-la. Compraria cortinas, lençóis, fronhas, jogo de poltronas, máquina de lavar, microondas e demais aparelhos domésticos. A parede interna precisava de pintura. Eu gostava da moça, de sua alegria e de sua entrega no ato sexual. Que se lixassem os outros, vizinhos e colegas. Não devia nada a ninguém. E pouco conversava com eles.

Mas aí o casarão começou a se agitar. Eram rumores mais fortes, objetos caindo ao chão, ventania assobiando pelas frestas das janelas. Fui novamente procurar Dona Carlota. Ela de cara foi me dizendo:

– Cruzes, a coisa tá feia!

– O que está havendo? – perguntei curioso.

– O velho está agitado. O outro também. Se pudessem, iam te esgoelar.

– Mas qual o problema?

A médium não precisou nem encarnar o velho.

– Tá dizendo que você quer levar uma vadia pra morar na casa dele. Ele não admite. Diz que é pior pra você.

– Então é isso? Diga a esta múmia que não preciso da autorização dele. E o pirata da perna de pau que também fique quieto – falei no tom de gozação. Eu não tinha mais medo deles. Só os vivos podem nos fazer mal.

Na manhã seguinte, a Ritinha me procurou. Disse que havia parado de atender os velhos, queria ficar somente comigo. A tia estava possessa, quanto antes saísse dali, melhor. Pediu para lhe emprestar uns trocados a fim de retirar um vestido no ateliê da costureira.

– De quanto você precisa?

– Uns trinta reais, por aí. Não sei ao certo, se você puder me dar um cheque...

Relutando um pouco, assinei um cheque em branco. Não era empréstimo, ela já fazia parte da minha vida. Ficou feliz, sentou em meu colo, mexendo com os quadris sobre minha virilha, seu cabelo louro cheirando a capim silvestre. Enquanto ela saía, fiquei assistindo a um filme na televisão. Na volta, fez questão de me mostrar o recibo do ateliê. Achei que já podia confiar nela.

No outro dia, Ritinha não apareceu. Minhas ligações caíam na caixa postal. Como tinha coisas para tratar, não pude procurá-la na casa da tia. Certamente, a velha mesquinha a estava retendo; para ela a saída da moça era uma perda de renda.

Somente dois dias depois, preocupado, rumei para lá. Estava pronto a dar umas bolachadas na velha e trazer Ritinha de imediato, mesmo só com a roupa do corpo. Quem enfrenta dois fantasmas zuretas, vai lá ter medo de uma velha bruxa?

Entrei com o carro até a garagem nos fundos. Dei umas buzinas. Em seguida me lancei pela porta lateral, que era por onde entravam os “convidados”. A velha estava estirada numa poltrona, com cara de enterro.

– Onde está a Rita? – perguntei.

– Ela foi embora. Diz que arrumou uma grana e voltou pro Paraná.

– Arrumou uma grana? Onde? De quem?

– Não sei, não sei.

Eu estava possesso, quase dei mesmo uns cascudos na velha. Mas vi que a tristeza dela era sincera pela perda da sobrinha. Quem sabe não fosse tão má quanto Ritinha havia pintado.

Ainda estava no trânsito, de volta pra casa, quando tocou meu celular. Encostei o carro numa vaga e cutuquei a telinha do aparelho na esperança que fosse ela a me ligar. Era o gerente do banco.

– Olha, seu Osvaldo, o senhor pode passar aqui para fazer um depósito em sua conta? Seu saldo está em vermelho.

– Mas como? Não entrou o empréstimo na conta?

– Entrou, mas já saiu. O senhor emitiu um cheque de grande valor.

– Mas como, como? – eu só repetia. Não assinei cheque nenhum.



Aí me caiu a ficha. Desgraçada! Traíra! Filha de uma prostituta.

Cheguei em casa cabisbaixo, puto comigo mesmo. Que otário! Tinha certeza de que o sussurro de vento, o arrastar de corrente, o quadro desabando da parede eram a múmia velha e o perna de pau dando risadas.

## CASACO DE PELES

A mulher entrou na loja e foi direto à vendedora. Era uma mulherzinha baixa, seios pesados, pisadas firmes e determinadas.

– Quero ver aquele casaco de peles da vitrine.

Ver era o modo de dizer. Ela o havia visto e admirado inúmeras vezes. Um casaco bege com estrias escuras. Levava semanas tentando conseguir o valor suficiente para comprá-lo. O marido era pequeno funcionário público, não ganhava muito. Vivia, pode-se dizer, satisfeito em poder esparramar-se no sofá, assistindo aos jogos de futebol nos fins de semana, com uma latinha de cerveja na mão. Aos domingos de manhã saía pelos arredores do bairro com a gaiola do canário pendurada nos dedos. Parava no barzinho da esquina, pegava cervejas e uns pacotes de chips de bacon.

– Para que você quer um casaco de peles numa cidade que não faz assim tanto frio? – ponderava ele – Para ficar embrulhado no guarda-roupa?

Não sabia bem por que se apaixonou pelo casaco. A motivação por certo tinha sido a presença da mulher do chefe do marido numa festa de confraternização no último inverno. A antipática havia aparecido aconchegada num casaco branco, de pela macia, contrastando com a cor morena da pele, e todas ficaram boquiabertas. Ela se sentira diminuída, com aquele sentimento que talvez o marido não tivesse, de subalternidade. Era uma exibição de poder social que ressaltava a distância entre eles. O casaco era um signo de poder, de distanciamento social.

Ela, enfim, atazanou tanto o marido, ao mesmo tempo em que fazia provocações eróticas, desacostumadas após os dez anos de casamento, que este concordou em colocar seu cartão um pouco mais no vermelho.

A vendedora perguntou o tamanho, foi até o estoque e voltou com o casaco embalado num plástico. Era esse mesmo. Nem precisava experimentar.

Chegando em casa, foi direto ao quarto, desembalou o casaco e o colocou, mirando-se no espelho. Excelente. O que não faz uma vestimenta ao ego de uma pessoa.

À tardinha, esperou o marido chegar, tomar o banho e sentar-se diante da TV. Então veio do quarto, exuberante dentro do casaco.

– Que tal estou, bem? – e deu uma volta na sala, aproximando-se dele.

O marido a olhou, com ombros derreados:

– Bonito – comentou sem muito entusiasmo. É pele de quê?

– De coelho.

– De coelho? Tadinhos dos bichinhos. Quantos coelhos será que foram mortos para caber nesse casaco?

A mulher deu-lhe uma mirada de soslaio, com ar de repreensão, como se fosse mais uma das “bolas foras” que ele costumava dar.

O marido então levantou-se da poltrona e chegou mais perto dela, dando uma fungada. Pegou a ponta do casaco nas mãos e a levou para perto do rosto:

– Está com um cheiro esquisito.

– Grosseirão! – exclamou ela. Se não gostou do casaco, não precisa desfazer.

– Mas é verdade, querida. Não está sentindo?

Vendo que seus comentários não gozavam de crédito com a mulher, chamou o filho, adolescente, que estava em seu quarto, certamente envolvido com o videogame:

– Marquinho, vem cá! Cheira o casaco da tua mãe.

– Pra quê?

– Cheira aí.

O garoto se aproximou, aborrecido, revirando o chiclete na boca.

– Ugh! Tá com cheiro de cachorro morto.

– Eu não disse? – exultou o marido.

Ela tirou, então, o casaco e o levou perto do nariz. Era verdade, o cheiro ali estava insuportável.

Naquela noite não dormiu direito, esperando sair o sol para voltar à loja e fazer a troca do casaco. Tirou a mesa do café, esperou o filho sair para a escola e pegou carona com o marido para o centro da cidade. Ia com negros pensamentos, se não

quisessem fazer a troca seria capaz de fazer um quebra-quebra na loja. Mostrou o casaco à vendedora:

– Cheira aqui, vê se isso é normal?

A vendedora pegou o casaco nas mãos, aproximou-o do nariz e não fez boa cara. Concordava com ela. Foi lá dentro chamar o gerente. Este veio solícito. Era um quarentão alto, de cabelos acinzentados, maneiras refinadas. Cheirou o produto.

– A pele está ainda nova. Deixe apanhar um pouco de sol que em alguns dias sai o cheiro.

Saiu insatisfeita, porém sem argumentos a contrapor. O homem trabalhava com isso, devia saber o que estava falando.

Por uma semana deixou o casaco em um varal na parte posterior do terreno, entre sol e vento. Não adiantou.

Passado o final de semana, entrou furibunda na loja, com o pacote debaixo do braço. Ou davam um jeito ou ia “rodar a baiana”.

O gerente veio novamente atendê-la solícito.

– Bom dia! Algum problema?

– Quero outro casaco, sem esse cheiro horrível. Não volto pra casa com este.

O homem deu uma tremida imperceptível nas mãos. Pela determinação da mulher, previu que a parada ia ser dura, mas fez a pergunta:

– O cheirinho não saiu? A senhora deixou no sol?

– Mais de uma semana no sol e no vento. E parece estar mais fedido do que antes. Quero um novo, é meu direito de consumidora.

– A senhora tem razão – aplacou-a o gerente. Mas infelizmente não temos mais nenhuma peça. A que estava na vitrine foi encaminhada à matriz, no Rio de Janeiro.

– Então o senhor dê um jeito. Com esta porcaria não fico.

– A senhora me informe seu nome, endereço, telefone, tudo direitinho. Vou encaminhar a peça à matriz, para avaliarem seu caso.

– Avaliar? Avaliar, uma merda! – descontrolou-se a mulher. Ou me trocam o casaco ou vou no PROCON.

– Esteja à vontade, senhora – exclamou com um risinho disfarçado.

– Então manda logo essa porcaria. Quero resposta em uma semana.

Saiu da loja ofendida, gesticulando e ameaçando em voz alta, para as outras freguesas ouvirem:

– Não entro mais nesta loja. Aqui vendem artigos deteriorados.

Passou uma, duas semanas sem alguma resposta. Andava pela casa aborrecida, feições contraídas; resmungava, implicava com o filho. Telefonava à loja quase todos os dias em busca de

notícias. Suas conversas com amigas e conhecidas terminavam invariavelmente num queixume contra a loja, não ficava satisfeita enquanto não narrasse o ocorrido, colhendo as expressões de apoio das outras. Ora, onde já se viu, um casaco tão caro.... Que não deixasse por menos, fosse procurar seus direitos.

Após o último telefonema à loja, sem uma resposta positiva, precisou tomar um comprimido de calmante. As veias da fronte latejavam, as mãos tremiam de raiva. Tinha a percepção de que a estavam “enrolando”.

O marido dizia:

– Esquece isso, mulher. Deixa as coisas se ajeitarem, no final tudo dá certo. Você ainda vai prejudicar a saúde.

– É porque não é com você. Queria ver se queimasse a porcaria dessa televisão ou se o seu querido canário cantador ficasse mudo.... Essas coisas só acontecem comigo. E destilava veneno: isso é que dá ser casada com um simples barnabé; fosse você um figurão, eles iriam de avião buscar outro casaco.

Cansada, uma tarde esticou-se na poltrona da sala. Foi quando começou a ouvir um barulho leve, pareciam patas de cachorro percorrendo o chão. O ruído foi se multiplicando, parecia agora de animaizinhos correndo para todos os lados.

Voltou o rosto para olhar e ficou horrorizada: eram coelhos, centenas deles, se atropelando como ninhadas de ratos, arrastando-se pelo chão em busca de espaço. Mas estavam descarnados, a pele lisa e vermelha como se fossem animais pendurados no matadouro, com sangue fresco ainda escorrendo.

O terrível cheiro que exalavam era o mesmo do casaco, fétido, asqueroso. Esses seres horríveis, sem peles, olhares aquosos, vinham em sua direção guinchando freneticamente.

Quis chamar o marido. A sua voz ficou presa; contorcia o rosto, a boca, saia apenas dali um lamento mudo. Não conseguia ao menos soltar-se da poltrona. O assalto a ela se deu em segundos; pulavam em seus braços, no colo, subiam pelo peito em direção ao rosto, arrastando em seu corpo as peles lisas ainda quentes. E os focinhos úmidos, tremelicando, os olhos suplicantes...

Sentiu-se sufocada, não conseguia respirar.

Horas depois, o marido foi encontrá-la sem vida, o corpo retorcido, os olhos dolorosamente arregalados.





RAQUEL S. THIAGO

Joinvilense, a historiadora e acadêmica Raquel S.Thiago é autora de “Coronelismo Urbano em Joinville” [1988]; “Fourier, Utopia e Esperança na Península do Saí” [1995]; “Eu Witttich Freitag” [2001; Joinville; “Os Pioneiros” [2v. em coautoria com Thereza Böbel [2001 e 2006]; “Lar Abdon Batista, 100 anos de história” [2011]; “São Francisco do Sul – Memória e História – Anotações de Manoel Deodoro de Carvalho”, org. [2014], além de capítulos em livros, artigos em revistas acadêmicas e na imprensa catarinense.

Apresentou no Canal 20 de Televisão [Joinville}, em 2000, o programa “Tempos de Joinville”, entrevistando pesquisadores que escreveram sobre a história da cidade, dando origem à obra impressa do mesmo nome, lançada em 2008.

Foi diretora do Arquivo Histórico de Joinville [1986–1989], diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão na então FURJ [1990-1993] onde lecionou nos cursos de História e Ciências Econômicas durante 34 anos e exerceu as funções de diretora de Cultura da Fundação Cultural de Joinville [1994-1996].

É sócia honorária da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul.

# PASSEANDO PELA HISTÓRIA

*Em homenagem a Adolfo Bernardo Schneider*

Raquel S.Thiago

Tempos assinalados, pontos de referência, convenção histórica, as datas comemorativas promovem na vida das comunidades uma série de rituais e festejos, preservam a memória histórica. Como um elemento não tangível do patrimônio cultural, o conhecimento dos fatos e a lembrança de experiências vividas colaboram para a sobrevivência do homem no seu meio ambiente.

Foi um ambientalista e historiador quem me forneceu uma fonte riquíssima acerca de fatos, feitos e *causas* que deram vida ao cotidiano joinvilense na primeira metade do século 20. Trata-se de Adolpho Bernardo Schneider. É da sua autoria o livro modesto em sua apresentação, mas de conteúdo empolgante: *Memórias de um menino de dez anos*. No dia em que o li, um dia de inverno, chuvoso, perfeito para saborosas leituras, senti *seu* Schneider na minha frente, contando-me aquelas coisas todas. Foi com prazer enorme que saboreei aquelas páginas escritas numa linguagem toda própria.

Aproveito, então, o aniversário da nossa cidade, a de sua fundação, para dividir com o leitor o conhecimento de algumas passagens da história de Joinville contadas por *seu* Schneider, mesmo sabendo que não possuo o dom de um texto saboroso como o do autor quando conta, por exemplo, da enchente (sempre as enchentes...) de 24 de março de 1906. Alagou o centro da cidade e, para completar a *hecatombe*, as águas do rio Cubatão irromperam pela baixada do Rio do Braço, provocando uma enxurrada no centro, a ponto de a casa pertencente à família Fissmer, na rua 15 de Novembro, ter sido invadida

pelas portas e janelas. Aliás, essa casa ainda existe [1995] e abriga a *Floricultura da Gisela*, talvez a primeira em Joinville.

Conta Schneider que no começo do século as estradas de ferro estavam em plena expansão, quando Joinville comemorou com grande pompa a visita do Presidente da República, Afonso Pena. Viera a fim de inaugurar o trecho São Francisco–Joinville, que ostentava um produto da alta tecnologia europeia, uma ponte giratória [a vapor] sobre o leito do Linguado. A visita do Presidente é citada por *seu* Schneider como o maior acontecimento do ano de 1906: *o que havia de mais distinto do mundo político, social e econômico da Cidade dos Príncipes(...) praticamente todos de fraque e cartola, foi recepcionar o presidente.*

Na carona da descrição do banquete oferecido ao Presidente, preparado pelas senhoras joinvilenses, *seu* Schneider, como é do seu estilo, envereda por outros caminhos – eis um dos pontos que me encantam – e, num deles, lembra que não havia champanhe nacional e que a indústria nacional do vinho *ainda vestia sapatinhos de nenê.*

Em Joinville havia diversas casas que vendiam bebidas importadas. Uma delas pertencia ao Sr. Luiz Niemeyer, na rua 15 de Novembro, esquina da Schulgasse (o beco da escola, porque era caminho para Escola Alemã, atual Colégio Bom Jesus). Também o Sr. Augusto Urban, em sua venda de secos e molhados, vendia bebidas de qualidade, na esquina da atual rua Dr. João Colin com a Dr. Mário Lobo.

Ao ler o trecho em que Schneider narra a passagem dos liliputianos, *uma raça de gente miúda, tipicamente anões*, viajo por uma Joinville pequenina, cheia de graça, ao imaginar essa gente que à noite faria uma apresentação artística no Salão

Berner. Haviam desfilado pela cidade num *Landauer* – pequeno coche de luxo trazido da Islândia, atraindo um público encantado e curioso.

O cocheiro, também anão, ostentando um chapéu-cilindro preto, enfeitado com penacho, conduzia pequenas senhoras liliputianas ricamente vestidas, uma delas segurando uma sombrinha de seda rendada com um laço de cetim no cabo, um *esplendor, verdadeiras princesas do mundo das liliputianas...* A carruagem era puxada por dois pôneis. Um autêntico conto de fadas (...) *tinham tudo para mexer com a nossa fantasia*, disse o menino Schneider.

Redescobrir Joinville com suas dificuldades, lutas, mas também com seus encantos, é algo precioso, eu diria imperdível. Pena que não possa falar da infinidade de detalhes pitorescos contidos nesta obra, leitura obrigatória para quem curte a cidade.

Enfim, acabei quase fazendo uma resenha, mas confesso que, sem as fontes do *seu* Schneider, qualquer coisa que eu escrevesse para comemorar a data da fundação da Colônia Dona Francisca seria de menor valor. Aproveito, então, para manifestar meu reconhecimento por tudo o que ele nos tem proporcionado como verdadeiro cidadão joinvilense.

Hoje, no festejado dia 9 de março de 1995, do alto dos seus oitenta e tantos anos, continua numa atividade intensa, preparando o segundo volume das suas memórias que, confesso, estou louca para ler. (*Publicado em A Notícia, março de 1995*)

### **Sobre o dito e o não dito no artigo acima**

Escrevi *Passeando pela História* em comemoração ao anivers-

sário de Joinville, porém o fiz evocando a figura extraordinária de Adolfo Bernardo Schneider. Legítimo representante do joinvilense, descendente da primeira geração de imigrantes alemães, um perfeito teuto-brasileiro que amou Joinville tanto quanto amou a história, o meio ambiente, o *deutschtum*, a Alemanha e o Brasil.

Esteve presente, como membro ativo, na fundação do Museu de Sambaqui de Joinville, do Arquivo Histórico, do Museu Nacional de Imigração e Colonização, da Biblioteca Pública Rolf Colin, da Casa da Memória. Foi um dos fundadores da Academia Joinvilense de Letras; enfim, em tudo o que dizia respeito ao desenvolvimento cultural, meio ambiente e memória histórica da cidade lá estava ele.

Enquanto ninguém falava em *memória histórica*, Schneider colecionava documentos. Quando o meio ambiente era ainda explorado sem limites, já se pronunciava com veemência sobre os perigos desta prática para a sobrevivência do planeta. Não raro o fazia publicando artigos no *A Notícia*, quando, após expor sua indignação, falava da relação do ser humano com seu meio, sempre usando como suporte as então exóticas teorias dos ambientalistas, quando não expunha as suas. Foi Adolfo Bernardo Schneider uma das primeiras vozes a clamar pelo rio Cachoeira, isso num tempo em que as fábricas têxteis de Joinville livremente pintavam suas águas de verde, azul ou roxo com a maior naturalidade.

Foi imenso o prazer que senti ao ler o primeiro volume das suas memórias, *Um menino de dez anos*, numa tarde chuvosa e fria de sábado. É preciso realmente ter um espírito jovial e novidadeiro para escrevê-las tal como escreveu *seu* Schneider. O traço mais marcante deste *menino de dez anos*, e que me encantava, era a maneira com que resolvia a coexistência de sua

forte germanidade com sua não menos sólida brasilidade. Ricas memórias: de fatos, de humor, de teuto-brasileirismo, de cidadania.

Quando, em 1986, sem nenhum item germânico em minha certidão de nascimento, fui nomeada diretora do Arquivo Histórico de Joinville e, para complicar, a primeira diretora na bela edificação do prédio novo, foi-lhe difícil disfarçar sua decepção. Soube depois que ele comentara: *como pode uma cabocla que nem fala o alemão dirigir o Arquivo Histórico de Joinville?* Então ia ao Arquivo e quase diariamente me entregava uma carta contendo *lições* de como lidar com os valiosos documentos que não raras vezes ele tinha adquirido com dinheiro do seu próprio bolso. Eu recebia aquelas instruções não sem um tanto de humor condescendente, início de uma relação de grande respeito mútuo.

Em 1978, quando frequentávamos um curso de história oral, meu grupo entrevistou-o durante nada menos que seis horas seguidas, lembro bem, numa das salas da então FURJ. O que mais me chamou a atenção em seu relato não foram os fatos em si, mas a maneira como ele os encarava. Ao contrário do que aparentava, Schneider era um romântico.

A narrativa sobre seus passeios num lago de Hamburgo com sua então namorada, depois esposa, era plena de beleza e poesia. Nessa ocasião manifestou essa faceta até então oculta para mim. A singularidade que então demonstrava completava-se com o enorme interesse pelas pessoas, pela vida, pelo planeta. Adolfo Bernardo Schneider se foi no dia 21 de julho de 2001, silenciosamente, o que não condiz com sua personalidade ora entusiasmada, ora indignada, ora romântica.

Sua casa, cercada de árvores e pássaros, recheada de livros

e documentos históricos, nos fornece a dimensão da perda deste cidadão plural, interessante, excêntrico, querido. Merece não somente nossa reverência, mas o respeito à sua memória. Deve ser lembrado pelos joinvilenses como exemplo de um teuto-brasileiro que, considerando-se de nacionalidade alemã pelo sangue, não esqueceu sua brasilidade pela vertente da cidadania, sem anular sua condição humana nos rompantes do entusiasmo, agressividade, angústia e afetividade. Este foi Adolfo Bernardo Schneider.

## DE FELICIDADE E COISAS INÚTEIS

Raquel S.Thiago

*Os compradores de coisas inúteis sempre são mais sábios do que se julgam – compram pequenos sonhos. São crianças no adquirir.* Assim escreveu Fernando Pessoa no seu *Livro do Desassossego*, revelando-se profundo conhecedor da natureza humana. Gostamos de ter coisas, mesmo as desnecessárias. Só por ter, pelo prazer de imaginar que temos posse de algo, precisamos de coisas, mesmo das coisas inúteis.

Antigamente, quando comprar coisas inúteis era impulso permitido aos abastados, o recurso era colecionar caixinhas de fósforo, lápis, papel de carta, latinhas. Colecionávamos coisas inúteis, e ficávamos orgulhosos de tais pertences.

Hoje o mundo gira em torno do mercado e o consumo é imprescindível para a sobrevivência da economia global, a propaganda invadiu nossas almas possessivas e consumistas. A realização pessoal é induzida a perpetrar-se no comprar coisas, cada vez mais coisas e, por fim, coisas inúteis.



Os compradores de coisas inúteis já não são os sábios do tempo de Pessoa. Aqueles agiam assim por impulso pessoal, de dentro para fora, num gesto infantil, como disse o poeta. Não. Definitivamente, não somos os sábios de Fernando Pessoa. Gostamos de comprar, e como gostamos! A felicidade só se tornou possível com a possibilidade de consumo, porque desejamos coisas...e, na medida em que desejamos. é impossível sermos felizes. Por quê? Porque desejo é falta, disse Platão, e porque falta é sofrimento, deduziu Sponville.

Então, como sermos felizes mergulhados que estamos num sistema que obriga a comprar, mas reserva o privilégio do supérfluo a poucos? O que fazer com a classe média brasileira, empobrecida e desencantada? O que fazer com as classes C e D, igualmente seduzidas pela sanha das ofertas, do crédito facilitado que os endivida ainda mais? O sistema é perfeito, apesar de tudo. Inventou as benditas lojas de R\$1,99.

Quem, entre os excluídos dos privilégios do supérfluo, não fica extasiado no interior de uma loja de R\$1,99? Por um precinho de nada podemos levar para casa as mais diferentes quinquilharias – e fantasias. Quando entro numa delas, sinto-me num reino de possibilidades – de compras inúteis. Posso comprar o que eu quiser...um porta-retrato, uma louça com estampas delicadas vindas da China, como se eu estivesse adquirindo uma peça de antiquário; um cálice para vinho como se fosse cristal da Boêmia; uma taça para champanhe com a pompa de quem vai usá-la para degustar um legítimo Veuve Clicquot...

E assim, com o desejo tornado fantasia, sou feliz por um momento. Um momento só, porque na atual arquitetura econômica tudo é descartável. Até a felicidade... Mas não tem problema, é só voltar ao R\$1,99!\_(Publicado no *A Notícia*, 20/1/2007)

## Sobre o dito e o não-dito acima (Em 2015)

Ao escrever o artigo de 2007, minha intenção foi levar ao leitor alguma reflexão acerca da relação entre felicidade e consumo na atualidade. Escrevi num tom de bom humor, pois, na verdade, as lojas de R\$1,99 – R\$3,99 atualmente – não têm outra finalidade que não seja proporcionar o consumo barato, ao mesmo tempo em que seus proprietários ganham rios de dinheiro. Buscamos felicidade ao percorrermos seus corredores abarrotados de mercadorias e coisas inúteis.

O trinômio consumismo – felicidade – dinheiro define com clareza a aura que envolve a sociedade contemporânea. Foi assim que o mundo do século 21 foi arquitetado, fugindo dos ideais iluministas. O progresso não ofereceu à sociedade a solução para muitos dos seus males.

O principal objetivo dos filósofos do Iluminismo – Voltaire, Rousseau, Montesquieu e tantos outros – era a busca da felicidade. Aliás, desde os clássicos a felicidade tem sido assunto recorrente, afinal para que estamos neste mundo? Ao contrário do que desejavam os iluministas, a sociedade rendeu-se ao consumismo. Nas primeiras décadas do século 20 os valores ainda eram relativamente estáveis e a sociedade de consumo apenas se esboçava. Freud se adiantava e concluía que o indivíduo já não podia ser feliz na civilização moderna, e publicou *O mal-estar na civilização* (1930).

Para Freud o que era fator de infelicidade entre os séculos dezenove e vinte – altas taxas de mortalidade, fome, trabalho árduo, ausência de conforto, enfim, as agruras que o *progresso* bania aos poucos do cenário social – deixavam pouco a pouco de atormentar a humanidade. O mal-estar, no entanto, não desaparecera. Este estado de espírito ou mal-estar ou

infelicidade tomou novas formas na pós-modernidade. O *homo faber* perdeu sua importância para tecnologias modernas, novas mídias, e a consolidação da sociedade de consumo no mundo globalizado.

Os novos valores reeditam o *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, de Marx, nascem novas certezas ao lado de novas ignorâncias, tamanho é o jugo do dinheiro na contemporaneidade. Depois de Nietzsche declarar que Deus está morto, o Mercado tomou seu lugar.

É comum hoje em dia presentear-se a si mesmo por qualquer motivo. Vai-se às compras por que se está triste, vai-se às compras para comemorar algo, vai-se às compras para dirimir as frustrações, vai-se... Se Deus, em tempos passados, era o sustentáculo para suportar-se a vida e o medo da finitude, hoje recorre-se ao poderoso Mercado.

Os pobres e não tão pobres precisam de dinheiro para consumir coisas úteis ou inúteis, estimulados pela propaganda, pelo modismo e, por vezes, pela necessidade – criada – de ostentação, uma questão de poder.

Nietzsche, ao criar a figura do Super-Homem – que nada tem a ver com a indústria cultural americana –, estava falando de um homem que tem coragem de lidar em cada segundo da sua vida com o conflito que é a escolha de cada situação, e que não atribui isso nem a Deus, nem à moral. É o Homem além do homem, que tem a capacidade de ler, rever e construir a si mesmo, prescinde do temor a Deus. Nietzsche apresenta a ideia do homem que se supera. Então, imagino que diante da máxima pós-moderna segundo a qual o consumo dá (ou é) o sentido da vida, precisamos ser quase um Super-Homem ou Supermulher, ou criar pequenas fantasias como eu, que ao entrar numa loja de

R\$3,99 fico extasiada diante de um reino de possibilidades. De compras. De coisas inúteis.

## DE BONDES E DECIBEIS

Barra Velha, verão de 2005

Machado de Assis povoa meus pensamentos nesta tarde. Em crônica de 1875, o escritor manifestava-se acerca da implantação dos bondes elétricos em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Passageiro de um dos bondes puxados por burros que ainda circulavam na cidade, revelou que, ao passar por um bonde elétrico, ficara impressionado não com o milagre da eletricidade que dispensava a tração animal. O que mais o impressionara fora o gesto do condutor do bonde elétrico: *os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde com um grande ar de superioridade. (...) Sentia-se nele a convicção de que inventara não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade.* Dei risadas diante do talento e da ironia fina do fundador da Academia Brasileira de Letras ao expor, em suas crônicas, o cotidiano carioca do seu tempo, tão distante e tão perto dos nossos dias, eis porquê:

Minhas férias foram planejadas para descansar à beira-mar. Apenas uma rua interpõe-se entre a vastidão oceânica e nossa casa. Essa rua tornou-se um dos pontos preferidos de jovens cujas bagagens incluem potentes amplificadores de som que neste momento, azucrinam meus ouvidos. Constato agora que, assim como o condutor do bonde elétrico de Santa Teresa, esses meninos levam-me a sentir neles a convicção de um poder e superioridade tal, que lhes confere o direito de infernizar a vida dos simples mortais durante as férias.

Um mínimo de reflexão permite-me perceber que não se trata simplesmente do ajuntamento de um grupo de jovens a fazer barulho, mas partícipes de uma tribo *sem noção*, individualista e pobre de ideias.

O culto ao som exacerbado apresenta-se carregado de uma força simbólica relacionada não só ao poder, mas a uma falsa imagem. De uma forma ou de outra, na sociedade contemporânea precisa-se aparecer. Este aparecer tornou-se um item importante no currículo desses jovens em busca do que entendem por sucesso, condição *sine qua non* para vencer na vida, ganhar muito dinheiro, ou apenas para elevar a autoestima por não serem um dos privilegiados famosos expostos na mídia, ou vencedores do *Big Brother*, ou detentores de troféus esportivos, ou ainda modelos, e tantos outros que ao conquistarem o *sucesso* têm acesso à fortuna imediata.

A palavra *sucesso* significa, na origem, aquilo que sucedeu, que aconteceu. Esses meninos do som precisam acontecer, provocar algo sensacional. Equivocadamente colocam-se acima do bem e do mal, acontecendo por meio de altíssimos decibéis. Ao observá-los e tentar decifrar o que vai por suas cabeças, percebo que o som não lhes proporciona prazer para o espírito, vida interior ou simplesmente a alegria, o festejo.

Pobres de ideias, estão ali, bebendo, acompanhados de meninas que rebolam em cima dos capôs dos carros e na calçada. É a alegria da juventude, festejaria eu, não fossem as expressões em suas fisionomias alienadas. Quando alguém reclama do barulho esboçam sorriso abobalhado, seguido por arrogante ar de superioridade e desprezo. A certeza da impunidade (onde anda a polícia?) os eleva a donos do mundo, a exhibir os oito ou dez alto falantes instalados no porta-malas dos seus automóveis, símbolos do cetro, do trono e da coroa .

Numa espécie de torneio, três ou quatro carros fazem tocar ao mesmo tempo, no mais alto grau de decibéis, uma música diferente. Enlouquecedor. Resolvo pegar meu carro e prudentemente sair e dar uma volta lá para as bandas da Lagoa. Volto para casa e percebo, admirada, um silêncio só; foram tantos os telefonemas para o 190, que a polícia acabou aparecendo. Soube então que, advertidos, pagaram as devidas multas, e dois foram levados para a delegacia, fato que atraiu curiosos, formando uma pequena aglomeração.

Continuo a escrever, agora em paz, e concluo: ao contrário do que se poderia supor, a meninada adorou! Ficaram realizados. Afinal aconteceram, fizeram *sucesso*, seu poderoso som promoveu um evento digno de aglomeração e comentários. Tal como ocorreu com o Bruxo *do Cosme Velho*, passados mais de cento e vinte anos do seu relato, quando a ciência e a tecnologia estão a anos luz do bonde de Santa Tereza, impressionam-me não tanto os inventos, mas o grau de superioridade estampada nas fisionomias desses jovens, tal qual a do condutor do bonde elétrico do século passado. Tão longe e tão perto.

### **Sobre o dito e o não-dito acima (em 2016)**

Em janeiro de 2005 eu estava ansiosa por sossego, silêncio, e com muita inspiração para escrever. No melhor da festa, bem acomodada em frente ao mar, assaltaram-me os tais sons a que já me referi. Barulho de jovens, geração pós-cultura, ou seja, da cultura banalizada, bastante discutida por Mário Vargas Llosa em seu livro *A Civilização do Espetáculo* (Ed. Objetiva, 2013), definida por ele como *a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio é a paixão universal*.

O *espetáculo* acontecia também nos corredores da Univille quando eram divulgados os resultados dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Gritos, abraços e gestos desmedidos entre alunos aconteciam nos corredores, quando constatavam a aprovação. Era um *festerê* ruidoso e exagerado. Compreendendo a razão do contentamento, afinal estavam vencendo uma etapa das suas vidas, não sem sacrifício na maioria das vezes. Porém o exagero denunciava um autoengano, uma alegria inconsciente do quanto ainda precisavam aprender pelo resto das suas vidas. Da minha sala de trabalho, eu exclamava – já imbuída da ideia presente no título do livro de Vargas Llosa: *é a sociedade do espetáculo!*

Agora, em janeiro de 2015, dez anos e alguns livros depois, já aposentada, eis que me encontro na mesma mesa, no mesmo lugar, olhando o mar, me acomodando para escrever. Surpreendem-me o silêncio, o barulho do mar, a paz. Um ponto de interrogação instalou-se em minha cabeça. Sumiram os sons exacerbados, para onde foram não sei, creio que não se extinguiram totalmente, pois as mudanças não se dão por cortes radicais, a não ser por decreto de um ditador qualquer. Concluo que as inovações surgidas nestes 10 anos de intervalo (2005-2015) – como a popularização e o aperfeiçoamento de celulares e seus 1001 aplicativos e congêneres – chegaram para proporcionar-me sossego. Ultimamente as selfies permitem aos jovens e nem tão jovens elevarem sua autoestima ao lado de ricos e famosos, poses de modelo profissional, boquinha de selinho, de tudo podemos ser um pouco.

Igualmente nas redes sociais, o exibicionismo presente no facebook possibilita a autoespetacularização. A vantagem é que me livrei dos altíssimos decibéis. O espetáculo do som tornou-se o espetáculo imagético que para minha glória é silencioso.

Agora ninguém mais fala nem se fala, apenas olha-se para baixo manipulando seu novo instrumento de autopromoção.

Não cedendo a generalizações devo fazer justiça a outra categoria juvenil: neste momento, 17h30 do dia 3 de janeiro de 2015, tenho o prazer de ouvir, da varanda aberta ao lado da varanda envidraçada onde escrevo, amigos de meu sobrinho conversarem e se divertirem sem estardalhaço, ao som de um violão tocado por um deles. Concluo, então, que em meio à massa da pós-cultura há jovens que escaparam da banalização, cultivando o bom gosto, o bem viver, e o divertir-se também, por que não? Qualifico este grupo e outros, como alguns dos meus ex-alunos, como *ilhas de excelência*.

Porém sinto que ainda temos um longo caminho a percorrer antes que o transformar o divertimento em valor supremo e rotineiro, a banalização da cultura, a generalização da frivolidade, a bisbilhotice e o escândalo se esvaíam e partamos para nova fase civilizatória. Infelizmente, e apesar das ilhas, ainda impera a Civilização do Espetáculo.

**Em tempo:** Num dia ensolarado de inverno fizemos um piquenique em família nos arredores de Campo Alegre, lugar lindo, duas cascatas murmurando aos nossos ouvidos que ainda era possível dialogar com a natureza. Breve, muito breve, aquele momento de paz: de repente um estrondo anunciou a presença, não muito longe de onde estávamos, de jovens que se organizavam para uma festa tipo *rave*. Para tanto, estavam instalando o som, nada mais nada menos do que um painel com cerca de dez alto-falantes <sup>De quê???</sup> No meio da mata? Ali não havia sinal para célula





GEORGE POSTAI DE SOUZA

George Willian Postai de Souza é joinvilense, nascido numa sexta-feira de 13 de agosto de 1982, casado desde 2008 com Daniela Karina Bello Postai de Souza e pai de Enzo (2011) e Frederico (2014).

Graduou-se em Direito na Universidade da Região de Joinville (Univille-2006), com Especialização em Direito Previdenciário pelo Instituto Luiz Flávio Gomes (IFLG-2007), possuindo ainda Pós-Graduação em Direito Processual Civil pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul-2009), Pós-Graduação em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade de Mato Grosso do Sul (Uniderp-2011) e Pós-Graduação em Direito Civil pela Universidade de Buenos Aires (UBA-2014).

Advogado com inscrição na OAB/SC sob o n. 23.789, foi Membro da Comissão de Ética e Disciplina da OAB Joinville no triênio 2010-2012, eleito Conselheiro da OAB Joinville no triênio 2013-2015 e atualmente é Membro do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB/SC para o triênio 2016-2018.

Vem publicando vários artigos e contos em jornais e revistas eletrônicas desde 1998, sendo autor dos livros “Vícios Redibitórios nos Contratos Imobiliários” (Rio de Janeiro: CBJE, 2009, 101p.), “A Aplicação Prática do Rito Sumário Após o Advento do Rito Sumaríssimo Pela Lei 9.099/95” (Rio de Janeiro: CBJE, 2010, 76p.), “Onze e Dezenove” (Joinville, publicação própria, 2012, 25p.) e “O Lado Hilário do Judiciário” (Joinville, Areia, 2016, 108 p.).

É também coautor dos livros “Antologia Poética” (Cabedelo, Vivara Editora, 2013, 267 p.), “Letras Associadas 2” (Joinville, Associação das Letras, 2015, 118 p.), “Letras Associadas 3” (Joinville, Associação das Letras, 2016, 124 p.) e mais recentemente “Estudos de Direito Latino Americano V”, a ser publicado ainda em 2016.

Foi eleito Membro Efetivo e Perpétuo da Academia Joinvilense de Letras em 2015, fazendo parte também da Associação das Letras desde 2014.

## O CONTO DO AUMENTE UM PONTO

Uma catástrofe! Uma verdadeira catástrofe. Aquilo não podia ser verdade, não podia estar acontecendo. Depois de tantos anos lutando pelo povo, para o povo e com o povo, ser apunhalado pelas costas desta forma. Era o prenúncio de dias horríveis que iriam lhe afetar e à sua família. Era o fim dos tempos. Logo ele, deputado federal mais votado de sua região, quase uma unanimidade em sua cidade, ser repreendido por aquela votação. Não acreditava no que via no painel da Câmara dos Deputados. Não! Não! Um deputado, já recebido inclusive pelo Sr. Presidente da República, ter que ser humilhado desse jeito.

– Deputado Jesuíno!

Não sabia o que fazer. Sequer precisaria falar para sua mulher, filhos, genro e nora. Estava em todos os noticiários, não só de nosso querido país, mas da América Latina. Claro, era uma notícia estarrecedora, inédita e catastrófica. Mas reconheça-se: era uma boa notícia. E mídia é tudo que um político quer... mas não anti-mídia. Não aquela determinação legal que lhe impunha, de agora em diante, a si e seus familiares, utilizar o serviço público de saúde enquanto político eleito por voto popular. Era o fim dos tempos.

– Deputado Jesuíno! Deputado Jesuíno Policarpo da Silva, seu voto, por favor.

Era o Presidente da Câmara dos Deputados, berrando-lhe ao microfone da Casa para que expusesse seu voto, público, acerca do assunto que, no voto anterior, tinha-se sagrado maioria.

Ora, que diferença faria seu voto agora? A maioria já estava comemorando, aos berros, a vitória. Aliás, mais uma

invencionice de grupos midiáticos anti-republicanos, essa história de voto aberto. Em sua gloriosa época, quando adentrou por aqueles salões do Congresso Nacional pela primeira vez, há tantas décadas, o voto secreto era garantia de abastados acordos, longas conversas e festas regadas a muito champanhe e, por que não, companhias agradáveis.

– Sim, Senhor Presidente – limitou-se a dizer.

Agora que a causa estava perdida, tinha que render-se à maioria e votar a favor – só de pensar causava-lhe calafrios – do uso do serviço público de saúde. Ficava melhor para sua imagem, obviamente. Conveniência e oportunidade.

A votação seguiu-se mais por imposição regimental do que por vontade dos nobres colegas, que entreolhavam-se abismados como a oposição – sempre ela, golpista! – conseguira tal feito. Ora, o feitiço também iria virar-se contra eles, não havia lógica alguma no que tinham feito. Ah, mas iriam se arrepender, pois certamente o Senhor Presidente iria vetar essa ideia apoteótica da mídia elitista em conjunto com a oposição golpista.

– Declaro encerrada a votação – sentenciou o Presidente da Mesa Diretora.

Não havia mais o que ser feito ali. Pelo menos ali, mas não no Executivo. O Senhor Presidente. O nosso parceiro até no futebol. Ele vetaria essa lei esdrúxula, que só não o obrigava por questões de segurança, mas que quase – e quase mesmo – a oposição impunha-lhe também tal obrigação.

Saíra desolado do Plenário. Seu andar, já ofegante pela enorme barriga de tanta lagosta e tanto champanhe que colocara

para dentro daquele corpanzil, era de um senhor que se encaminhava para a aposentadoria definitiva, saindo do cenário nacional como derrotado, já que aquela votação o fez pensar até mesmo na saída à francesa da vida pública.

Um trecho da música-tema de sua vida veio-lhe à mente: “... não pense que a cabeça aguenta se você parar...”, dizia Raul. Não pararia enquanto Deus não o chamasse. Envolto em pensamentos, foi interrompido com uma pergunta:

– Deputado Jesuíno Policarmo, tudo bem? Pode dar uma entrevista para o Jornal Oficial?

Era uma boa oportunidade de se redimir frente à mídia e seus eleitores. O canal oficial de TV do governo era pouco visto, mas sempre muito comentado pelos outros canais. Sabia que o que falaria ali seria repercutido, já que era o líder do governo na Câmara dos Deputados e representava os interesses do Senhor Presidente.

– Mas é claro, sempre sou solícito com vocês, minha querida. Ainda mais hoje, depois de um passo tão importante para a democracia...

A entrevista iniciou-se com o microfone a postos pela bela e jovem repórter de corpo violinil, que aliava à inteligência o convite para o pecado. A básica pergunta exordial era sobre a opinião do entrevistado sobre o que acabara de ocorrer, ou seja, o básico de sempre:

– A votação de hoje representa um marco na história do nosso país. A obrigação, imposta pela população, de que todo político eleito seja obrigado – veja, obrigado – a utilizar-se do serviço público de saúde constitui-se na representação do mais

elementar princípio da nossa Carta Constitucional, que é o princípio que diz que todos são iguais perante a lei. E digo mais, não só os deputados, senadores, vereadores, prefeitos, governadores, etc., vão usar o SUS, mas também seus familiares, aí entendendo-se o cônjuge, filhos, noras e genros.

– Como o Senado já tinha votado a mesma matéria e por lá também passou, como aqui, agora vai para sanção presidencial. O senhor acha que o Presidente vai sancionar essa lei? Não se corre o risco de haver um veto presidencial?

Vendo toda aquela multidão ao seu redor, que há tempos não estava o Congresso tão lotado e com tanta força popular, o nacionalista católico Jesuíno desconversou:

– Veja bem. A sanção presidencial é um ato único e exclusivo do Presidente da República. Cabe somente a ele, que tem esse poder legitimado pelo voto popular, sancionar ou vetar qualquer lei que o Congresso Nacional aprove. Um projeto desses, com forte apoio popular, comprovando que nossas instituições funcionam, que o país sobe mais um degrau rumo ao primeiro mundo, que superamos até mesmo países que já se declaram de primeiro mundo, é um marco não só no Brasil, mas um marco mundial. Mas repito, cabe somente ao Presidente essa prerrogativa.

– Mas então por que a base aliada do governo, liderada pelo senhor, foi contrária ao projeto?

– Ora, havia inconsistências com que não concordávamos e ainda não concordamos. Achamos que o projeto deveria ser mais bem discutido...

– Mesmo estando há mais de vinte anos na Câmara e sendo aprovado pelo Senado após o retorno do mesmo? – rapidamente interrompeu a repórter.

– Pois é, exatamente por isso. Mandamos um projeto para o Senado, que alterou o projeto original e aí é que não concordamos – rebateu o deputado.

– Mas o projeto original foi alterado pelo Senado apenas para retirar essa obrigação para o Presidente da República e seus familiares, por questões de segurança nacional... – observou novamente a repórter.

Dois assessores rapidamente interromperam a conversa, iniciando um sutil empurrão que conduziria o deputado para seu gabinete, ainda respondendo:

– Iremos analisar essa questão, não se preocupe. O governo está empenhado em formar um Estado justo e democrático, mais republicano...

E assim, tal qual uma noiva apressada em percorrer o longo corredor entre a solteirice e o matrimônio, foi conduzido que o deputado passou pelo infinito corredor que levava a seu gabinete, cercado de assessores e seguranças.

Entrou já com a porta aberta por um assessor, perguntou à secretária se havia alguém ali além da “turma” e, à resposta negativa, bateu a porta e não se segurou:

– Povo burro! Povo nojento! Oposição golpista! Cambada de traidores! Traidores! Golpistas! Não tem o mínimo de compaixão, o mínimo de gratidão por tudo o que fazemos por eles... que ódio, que ódio! Imagina eu, um deputado federal,

uma autoridade, ir para o mesmo hospital que todos os outros. Como se meu mandado fosse um lixo, se não valesse nada!

– Calma, deputado, calma. O Senhor Presidente vai vetar, é o que toda a imprensa já está falando. Essa lei não tem a mínima condição de passar – disse um dos funcionários do gabinete.

– Pois é, é o que eu espero, é o que eu espero.

– Doutor, tem vários recados chegando e muita assessoria ligando, querendo falar com o senhor. Todos deputados, alguns políticos de fora, como vereadores e prefeitos do nosso estado – avisou a secretária.

– Diga o de sempre: para os prefeitos e vereadores, diga que estou em reunião com deputados. Para os deputados, diga que estou com prefeitos e vereadores. Se for o governador, me passa... mas ele está na Europa, se for ligar vai ser no meu celular.

E assim entrou em sua sala, desconcertado, raivoso, indignado. Mal sentou na cadeira e um café com bolachas já adentrava sua sala, vindo na bandeja da estagiária, uma pequena de dezoito anos com seios fartos e quadril formando-se, a atormentar seus pensamentos. Como é bonita a juventude, pensou. Mal pensava na juventude e a velhice lhe interrompia os pensamentos. Era sua esposa ao telefone. Limitou-se a dizer:

– Oi...

– Seu burro! Seu incompetente! Que desastre! Como você deixou isso acontecer? Você já imaginou nossa filha na fila do SUS? Já imaginou nosso filho, Júnior, pegando senha de madrugada?! Nossos netos... meu Deus, que desastre. Nossos



netos não poderiam ter vindo em hora pior... meu Deus, que coisa! Imagina aqueles anjinhos agora, tendo que aguardar um exame no calor daquele hospital que mais parece um sanatório, um purgatório melhor dizendo. Mas olhe, Jesuíno, escute bem o que vou te falar, escute porque só vou dizer uma única vez: trate de mudar isso, trate de dar um jeito. Você sempre deu um jeito, sempre soube dar um jeito, então agora você vai dar um jeito, porque não vou agora, no final da minha vida, usar o SUS, nem eu e nem meus filhos e muito menos nossos netos! Você trate de fazer com que isso não seja aprovado pelo... pelo... bom, você sabe quem porque não posso falar no telefone, mas isso não pode acontecer! Ok? Estamos entendidos? Estamos?

– ...

– Jesuíno!

– Sim, meu bem... vou dar um jeito.

– É bom mesmo – e desligou na cara do nosso político.

Só lhe restava sair dali e ir tomar um *whisky* com gelo, em casa. Era o que faria. Berrou, de porta fechada mesmo, para que lhe aprontassem o carro que iria sair. Ser líder do governo tinha lá suas vantagens.

Munido de dois assessores e alguns seguranças, saiu por uma porta salvadora prontamente instalada – talvez para ele, mas desconfiava que era somente para líderes do governo e entendia a razão – para não passar pelos corredores e encontrar a imprensa elitista.

Sentando no banco traseiro do sedã escuro, de vidros mais ainda, no meio dos assessores que não paravam de falar ao telefone tentando conter o fogo tal qual o corpo de bombeiros tentava conter o incêndio no Joelma, perdeu-se em pensamentos. Quando viu, entrava no apartamento e deixavam-no ali seus assessores. Ligaria caso precisasse, sim.

– OK, podem ir embora. Vão. Deixem-me só. Obrigado – limitou-se a dizer.

O bonachão de corpo grande estava cansado. Caiu na poltrona como quem se joga ao abismo renunciado do suicídio. O conforto lhe massageava a alma. Pegou a garrafa de uísque que sempre ficava à mesa de canto e o copo e inseriu o de sempre. Faltava o gelo, mas era um detalhe agora. O gole lavou-lhe a alma. Repetiu o gesto mais algumas vezes. Dormiu ali mesmo.

A sexta-feira amanheceu ensolarada na capital. Já passava das nove horas e estava na cama, ainda de terno. Não tinha a mínima ideia de como foi parar lá, mas estava sem os sapatos, sinal que alguém o ajudara. Bêbado, nunca tiraria os sapatos voluntariamente.

– Bom dia, meu amor... achei que tinha virado a Bela Adormecida!

Era Paola. Se é que era, pois duvidava se seu nome era realmente esse. Mas quem se importava, num mundo em que nada parecia real? Sempre tão bela, tão estonteante, cheirosa, arrumada. Só a via assim. Sempre. “Como são admiráveis as pessoas que nós não conhecemos bem...”, pensou. “Ah, Millôr... fazes falta”. Sentou-se na cama.

– Nossa, cheguei aqui ontem e você estava num estado lastimável... vi o que aconteceu pelos jornais e achei que quisesse um afago meu – veio Paola recostando-se no corpanzil um tanto quanto rechonchudo do deputado, sentando atrás do mesmo e iniciando-lhe uma massagem nas costas.

Lembrou-se de ontem. Da votação. Da catástrofe. Da mulher berrando ao telefone. Esqueceu da mulher. Lembrou novamente da votação. Da fila do SUS. Da catástrofe. Sentiu sua roupa sendo tirada aos poucos, pelas mãos profissionais de Paola, uma massagista que vinha de Balneário Camboriú, lá no Sul, cidade que, depois de conhecer, pensava ser “o *Facebook* da vida real”, onde todos são lindos e ricos. Bobagem, mas que tinha um fundo de verdade.

– Agora não...

– Agora sim, meu amor – disse Paola, que sabia como ninguém lhe recuperar as energias, após esgotá-las como uma bateria que quanto menos carga possui, mais se recarrega.

– ...!

Como não havia votação naquele dia, aguardaria ser chamado para a reunião com o Senhor Presidente ou algum ministro por ele mandado, para discutir sobre o veto, o que iriam dizer à imprensa, qual a justificativa do veto, etc. Não havia motivos para pânico, a lei não seria sancionada e, assim, caberia apenas algumas palavras que, em uma ou duas semanas, tudo já seria esquecido.

– O povo tem memória curta... – disse para si mesmo, baixinho.

Paola já tinha ido embora, pois tinha que bater o cartão na

Câmara, para não desconfiarem que não trabalhava lá, então estava sozinho no apartamento. O celular tocava de vez em quando, mas não atendia, ou porque não havia identificação, ou porque havia e eram os chatos de sempre: políticos. Apesar de ser um deles, detestava políticos. Eram muito pedinhões. Ador-meceu.

Acordou com a campainha discreta do almoço servido. Levantou-se e abriu a porta, ajeitando os cabelos e envolvendo-se no roupão marroquino que ganhara de presente de um empresário qualquer.

Comeu como um rei. Bebeu como um czar. Cotidiano.

Ador-meceu novamente.

– Sr. Deputado! Sr. Deputado! – bradavam à porta. Os berros iniciaram baixos em seu ouvido e foram aumentando à medida que recobrava a consciência. Reconheceu seus assessores. Eram eles, chamando-o da porta de seu apartamento.

Pediu a eles um tempo aos mesmos, pois precisava se recompor e, apesar de já o terem visto de todas as formas, a intimidade é algo que deve ser preservado. Foi ao banheiro, recompusera-se da bebedeira, do sono e das vestes marroquinas, lavando o rosto para tomar mais consciência. Vinha chumbo grosso. Sabia que não o interromperiam por qualquer coisa numa sexta-feira a tarde, pessoalmente, em seu apartamento.

Olhou no telefone. Sessenta e quatro ligações perdidas. Havia algo errado e queria estar pronto para receber a notícia e prontamente sair atrás da solução. Abriu a porta.

– Sr. Deputado, desculpe lhe interromper, mas é que...

– Entrem, entrem – mandou.

Sentaram-se já falando, sem ao menos serem autori-zados.

– Ligamos para o senhor, insistentemente. Várias vezes, mas o senhor não atendia. Achamos que estava no modo silencioso – o que o deputado assentiu com a cabeça – e resolvemos vir até aqui. O Sr. Presidente. Ele...

– O que tem ele?

Os dois assessores entreolharam-se e um deles tomou coragem, respirou fundo e falou:

– Ele sancionou.

– Sancionou o que?

– A lei, Sr. Deputado. A lei! Aquela...

– Aquela? Do SUS? Dos políticos? – gaguejou o deputado.

– Sim, Sr. Deputado, aquela.

Não podia entender. Não compreendia, na verdade. Passaram-se apenas vinte e quatro horas, não havia urgência. Por que a pressa? Não havia motivos, não havia razão. Não! Sequer fora chamado ao Planalto, sequer fora consultado... só podia ser um ato de publicidade do Senhor Presidente para alavancar sua baixíssima aprovação nacional. Oportunismo. Somente oportunismo, pois não o atingia, somente os outros políticos...

– E nomearam o Natalino Bezerra como líder.

Um murro forte e seco estourou na mesa de madeira nobre. Não podia ser, era traição demais! Ele, Deputado Federal Jesuíno Policarpo da Silva, uma autoridade, um nacionalista, católico fervoroso, fiel aos interesses do governo, ser passado para trás dessa maneira sórdida.

Mandou os assessores embora. Vestiu-se de terno e gravata, elegantemente, mandando o porteiro avisar o motorista para pegá-lo em cinco minutos. Desceu pelo elevador sem olhar para quem quer que fosse, funcionário, outros deputados, qualquer um. Estava determinado. Iria ter com o governo, com o Presidente se preciso fosse. Mas ia saber daquela história e era já.

Chegou à portaria do prédio e nada do motorista. Ora, mas que desaforo, deixar um deputado esperando, ainda mais um líder e pior ainda, o líder do governo. Ligou para o gabinete:

– Mas que diabos! Cadê o motorista? Estou parado aqui, neste sol, e nada dele!

– É... Sr. Deputado... é que o senhor não tem mais direito a motorista exclusivo... o senhor não é mais líd... – a secretária foi interrompida pelo brusco ato do deputado, que desligou na sua cara.

Até mesmo os carros já tinham lhe tirado. Ora, que petulância do governo! Tinha que aguardar um carro oficial ter “vaga” para pegá-lo ali. Foi de táxi, era mais rápido. O motorista olhava-o pelo retrovisor, como que o reconhecendo e cheio de perguntas a lhe fazer, tal qual um repórter da imprensa golpista; mas ignorava-o, para não ter de responder nenhuma.

“... Mais fácil julgar, do que ter que olhar as próprias mentiras.” – cantava Deborah Blando no som do veículo. Pediu para desligar.

Iria ao Palácio do Planalto numa sexta-feira à tarde, que equivalia a ir ao deserto do Saara em qualquer horário. Não haveria viva alma ali, com exceção dos seguranças de praxe. Uma pancada no carro! Forte, do lado oposto ao seu. Sentiu seu corpo balançando e gravitando e o veículo virando, num capotamento que se repetiria por mais duas vezes. Apagou.

*Tempo...*

A primeira sensação era de calor. Bafo quente que o fazia suar. Estava recobrando a consciência quando, longe, ouvia pessoas sussurrando que ele estava abrindo os olhos. Sentia seu corpo agora, sentia que podia se mexer. Braços, pernas, dedos... tudo estava ali, funcionando. Que bom, pensou. Estou me mexendo pelo menos. Lembrou-se vagamente do acidente. Sim, estava num táxi e bateram. Bom, estava num hospital, era óbvio. Via pessoas a sua frente. Vultos na verdade. Amontoavam-se para vê-lo ali, naquela cama de hospital. Por que estava tão quente? Iria reclamar, era só recobrar as energias que iria ter com o responsável. Era um absurdo sentir tanto calor, ainda mais ele, um já senhor de corpo acima do peso e, ainda mais, uma autoridade.

– Oi, meu amor... – foi a primeira vez que teve prazer ao escutar aquilo. Era Paola. “*Ah, doce Paola, que bom que estás aqui, nesta hora.*”

– Meu amor, me reconhece? As crianças estão aqui também –

disse uma mulher de bastante idade, em detrimento aos seus pensamentos na outra, de metade da idade. E do peso.

Acordou, finalmente. Estava num hospital, como pensara. Público, como nunca imaginaria. Era fácil a constatação diante da cama desconfortável, das paredes sujas e pintadas provavelmente uma única vez, e há muito tempo. Claro, o calor também o fez supor tal fato.

Filhos, nora e genro estavam ali. Os netos não sabia onde estavam, provavelmente na escola. Todos o olhavam com compaixão, vendo-o sofrer ali. Recobrou a consciência tão rapidamente que logo as perguntas chegavam-lhe à mente. As respostas vinham em conta-gotas sem sequer perguntar:

- Querido, você sofreu um acidente...
- Bateu forte a cabeça, estava sem cinto...
- Ficou meses na UTI, em coma...
- Não pôde disputar outra eleição...
- Já estamos em setembro, já passou a época da candidatura...
- A lei entrou em vigor logo depois do acidente...

A lei! Ah, a lei. Aquela famigerada que lhe destruíra a vida. Agora para sempre, pois não podia mais se reeleger. Fechou os olhos e rezou, católico que era. Seu mundo caiu. Não era mais deputado, não iria ao Albert Einstein tratar-se. Nem ele nem seus familiares.



Acho que morreu, porque o próximo diálogo deu-se num plano maior:

– Seja bem-vindo, Jesuíno. Você foi político a vida inteira, trabalhou pouco pelos pobres. Da pobreza veio e para a riqueza foi. Não foi honrado, não foi honesto, não foi nada do que falava. Não fez nada do que pregava. E mesmo assim rezou.

– Mas, Senhor! Eu direi uma só palavra e serei salvo...

A sequência do diálogo cabe somente ao leitor imaginar. Muitos finais existiriam para a história. Dentre eles, a remissão ou a vingança. A estória, lá embaixo ou lá em cima, dependendo para onde foi nosso nobre deputado, é uma premonição do que ainda há de vir neste país. Uma catástrofe, sim, mas para poucos. Ou seria igualar a catástrofe já existente na saúde pública à classe política? O final é só seu, caro leitor.

*Aumente um ponto neste conto.*





MARCELO HARGER

O acadêmico Marcelo Harger, 45 anos, escritor, advogado, natural de Joinville, é professor universitário, pós-graduado em processo civil, MBA em gestão empresarial, mestre e doutor em Direito Público.

Publicou três livros jurídicos e participou como coautor em 12 obras jurídicas coletivas. Tem dezenas de artigos publicados em periódicos jurídicos e jornais.

É membro do conselho editorial da Revista Digital de Direito Administrativo da USP e da Revista de Direito Municipal Gestão Pública.

É consultor científico da Revista de Direito da Univille.

## 1 - MORRENDO A CADA DIA

O medo da morte é poderoso. As pessoas tudo fazem para amenizá-lo. Umam envolvem-se com pessoas mais jovens. Outras têm crises de meia idade. Há aquelas que ficam obsessivas com plásticas ou ginástica. Outras pretendem continuar a viver por intermédio dos filhos ou de suas obras.

Tão obcecadas ficam com a idéia de morrer, que esquecem de viver a vida. Preocupam-se com o inevitável. Não percebem que a idade pouco importa: a cada dia que passa, estão mais perto da morte.

A vida é uma sequência de acontecimentos que se encerra com ela. Embora a vida termine, o tempo vivido não se apaga. Ninguém sabe o que é a morte. Supomos que é o maior de todos os males e que os mortos têm uma grande recompensa: não morrer nunca mais.

Sócrates, contudo, ao ser defrontado com a condenação que lhe fora imposta, não se incomodou. Ao ouvir de seu juiz que estava condenado à morte, prontamente respondeu: o senhor também. E indagou diante de todos que acompanhavam o seu julgamento se o que estaria prestes a lhe acontecer não seria um bem.

Julgava que havia três opções. A primeira é que morrer seria igual a nada, e se essa fosse a opção correta, não haveria por que temer, pois não haveria sensação alguma. A segunda é que morrer seria como um sono eterno no qual o adormecido nada vê nem sonha. Nesse caso, julgava ser uma vantagem maravilhosa, pois toda a duração do tempo nada mais seria do que uma noite. Finalmente considerava que poderia ser uma mudança de planos de existência. Aqui também só via

benefícios e imaginava poder se encontrar com os grandes filósofos, estadistas, entes queridos e amigos já falecidos.

Certamente quem lê esse tipo de argumentação pensa que se trata de coisa de filósofo. Na verdade, acho que Sócrates percebeu que morria no momento certo. Viveu enquanto viveu, e após viver plenamente perdeu o terror pela morte. O medo some quando a vida foi amplamente consumida.

Sócrates viveu a vida, não foi vivido por ela. Foi ele quem a escolheu, não foi por ela escolhido. Amou cada instante porque cada um deles foi por ele querido. Recusou-se a lamentar pelas coisas que não fez, e tendo vivido plenamente concordou em morrer apesar de ter a possibilidade de escapar ao seu destino.

É essa a lição que devemos extrair. A ansiedade que bate no peito do homem moderno é porque o coração está explodindo por toda a vida não vivida. Cada batida marca o tempo que se vai. O tempo é ávido.

Devora a vida sem nada dar em troca, a não ser a angústia pelo que não fizemos. Sofremos ao encarar o inevitável, porque passamos a vida inteira seguindo os papéis que nos foram impostos sem jamais reivindicar a liberdade.

Ser livre faz o homem perceber que mesmo na velhice, quando a morte se aproxima, não é com ela que o ser humano se relaciona. A ideia de aproximação da morte é errada. Todo homem se relaciona com a vida até o fim.

## **2 - DEU BOBEIRA**

Nasci numa cidade pacata e ordeira. A cidade era tão tranqui-

la que as pessoas podiam esquecer a chave no contato do carro que nada acontecia. As crianças jogavam futebol e vôlei na rua. Colocavam pedras para fazer a trave e as tiravam quando os carros passavam. Outras vezes, a brincadeira era na praça. Tudo isso era normal.

Certa vez, no entanto, um carro foi roubado porque o motorista esquecera a chave. O que se disse? Deu bobeira. Quem esquece a chave no contato do carro só pode ter o carro roubado. A partir daí, ninguém mais esqueceu.

Passado algum tempo, uma criança foi atropelada ao brincar na rua e outra foi levada por um desconhecido ao brincar no parque. Todos lamentaram as tragédias, mas o que se disse a respeito? Os pais deram bobeira. Criança não pode brincar sozinha na rua. Tampouco em parques. As crianças começaram a se divertir dentro de seus apartamentos e casas e as novas edificações passaram sempre a contar com *playground* para protegê-las.

Apesar dessas mudanças, a cidade ainda era considerada calma e boa de se viver. As casas tinham os muros baixos e não precisavam de alarmes. As pessoas podiam caminhar de noite nas calçadas sem preocupação.

Uma casa, no entanto, foi assaltada. O ladrão não encontrou resistência. Foi fácil superar o muro e adentrar a residência, pois não havia alarme. O que se disse a respeito?

Deu bobeira. Casa sem algum tipo de proteção é um convite aos ladrões. Os moradores passaram a equipar as casas com grades, alarmes, e a contratar empresas de vigilância para cuidar de seu patrimônio. Outros preferiram morar em apartamentos por questão de segurança.

Um homem foi assaltado ao caminhar na rua durante a noite. Os ladrões o espancaram para roubar o dinheiro. A violência causou repúdio aos demais moradores.

Apesar disso, disseram: deu bobeira. Não se pode andar sozinho no meio da noite.

A cidade, no entanto, era uma cidade tranquila. As pessoas podiam andar de carro durante a madrugada e parar nos sinaleiros sem problema. Sacavam o seu dinheiro no banco sem preocupação. Praticamente não havia assaltos.

Um dia, no entanto, uma pessoa teve o seu carro roubado. Havia parado no sinaleiro durante a madrugada e foi rendida pelo assaltante. Um cidadão foi roubado e sequestrado ao sair do caixa eletrônico no início da noite. As pessoas se preocuparam, mas disseram: deu bobeira. Ninguém para no sinaleiro durante a madrugada ou pega dinheiro no caixa eletrônico. É pedir para ser assaltado.

Nos dias de hoje, as crianças não brincam nas ruas nem nos parques. Os carros e casas têm alarmes. Os muros baixos foram substituídos por grades de ferro. Ninguém caminha sozinho durante a noite. Parar em sinaleiros durante a madrugada ou pegar dinheiro em caixa eletrônico é algo impensável. Apesar disso, todos insistem em dizer que é uma cidade calma.

Os cidadãos não percebem a diferença entre a calma de hoje e a de outrora. Insistem em afirmar que as vítimas deram bobeira. Não percebem que é direito de todos “dar bobeira” sem serem assaltados ou agredidos por isso. Perderam a capacidade de se indignar e com isso “banalizaram o mal”. Deram bobeira.



### 3 - WESTERN QUALQUER

Certa vez, li que a vida é aquilo que passa enquanto nos movimentamos entre um compromisso e outro. Por alguma razão, lembrei-me dessa frase em meio às minhas reflexões. O mundo moderno exige rapidez e, ao procurar acompanhá-lo, o ser humano perde em sensibilidade e profundidade, funciona no automático.

Charlie Chaplin afirmava que a vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, aconselhava que se cantasse, risse, chorasse, dançasse, enfim, vivesse antes que a peça terminasse sem quaisquer aplausos. Assim aconselhava porque percebia que muitas pessoas se contentavam em encenar uma peça enfadonha e triste, pensando no que fariam, no que seriam, no que poderiam, no que teriam. Participam não como protagonistas, mas como atores secundários na peça da própria vida.

Poucos são aqueles que tomam as rédeas da situação e, além de atores principais, resolvem ser diretores e roteiristas. Estes vivem a vida, não são vividos por ela. Permitem-se acertar, errar e mudar de opinião, mas sempre pelas próprias escolhas. Experimentam. Sorvem a vida em toda a sua plenitude, pois compreendem que, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive está morto.

Viver é para todos e não para alguns. Por isso, viva, não sobreviva apenas. Não esqueça que é “arte que imita a vida, ainda que algumas vezes pareça o contrário”. E se é assim, encene uma peça bonita.

Lembre-se de Chico Xavier, que ensinava que “embora não seja possível fazer um novo começo, é possível sempre fazer

um novo fim”. Recorde-se do poeta que afirmava que as mais tristes palavras da língua são “poderia ter sido”.

Procure a felicidade. Não com os olhos, porque esses são cegos. Faça como o pequeno príncipe e busque com o coração. Comece rindo de si próprio e vai ver que o riso contagia os que estão à sua volta. As reações dos outros são ecos do que emitimos. Emita alegria e a receberá de volta.

Viva o presente. Isso não significa deixar os planos de lado, mas ter consciência da própria finitude. A previdência é uma virtude, mas o medo não. Não se esqueça de que coisas ruins acontecem com pessoas boas. Isso não é possível mudar. Pode-se mudar a reação diante das adversidades. Escolha um roteiro e não encene um drama, mas um enredo de ação e de esperança.

Finalmente, lembre-se de que “quando nasceu, os outros sorriram e você chorou. Viva a sua vida de modo que, quando você morrer, ocorra exatamente o oposto”. Use esse provérbio dos índios Sioux como guia e terá certeza de que sua história terá sido muito melhor do que um *western* qualquer. Será merecedora de um Oscar.

## **4 - CARNAVAL TRIBUTÁRIO**

É sabido que no Brasil muitas empresas não conseguem passar do segundo ano de atividades. Grande parte dos problemas enfrentados por essas empresas é de natureza tributária, pois muitos tributos não incidem sobre o lucro. Incidem sobre a receita. Essa constatação faz com que mesmo empresas não lucrativas acabem sujeitas a uma carga tributária elevada.

O maior dos problemas, no entanto, é o excesso de leis tributárias. Há no Brasil a União Federal, vinte e sete Estados e cinco mil quinhentos e sessenta e um municípios, legislando em matéria tributária, mas não é só. Há, ainda, em todos esses entes federativos uma grande instabilidade na legislação, que sofre constantemente mudanças radicais.

Ciente dessa situação, o grande jurista gaúcho Alfredo Augusto Becker, na década de 1980, escreveu um livro bastante jocoso denominado Carnaval Tributário.

Segundo o autor, a quantidade de impostos mascarados de outros nomes (contribuições, empréstimos, etc...) era tamanha que formavam um verdadeiro bloco carnavalesco que recebia o nome de “Unidos da Vila Federal”.

Os abre-alas eram o presidente da república e o Ministro da Fazenda, que dançavam ao som do fêmur dos contribuintes. Estes também haviam fornecido a pele para a confecção das cuícas, as roupas para os confetes e as tripas para as serpentinas.

A fantasia que restava, aos demais passistas, em virtude do excesso na carga tributária, era a tanga. Já havia o medo acerca do que usar se até mesmo esta fosse tributada.

Passados vinte carnavais os temores se verificaram. A carga tributária continuou a crescer a cada ano e tributou-se a tanga.

Os contribuintes continuam a desfilar na Unidos da Vila Federal ao som de cuícas, e com confetes feitos dos restos das vestimentas e serpentinas de tripas, caindo sobre suas cabeças. Agora desfilam desnudos e, em virtude da complexidade nas

normas tributárias, insistem em cantar “não entendi o enredo desse samba...”.

Apenas os abre-alas, em total descompasso, entoam a melodia “é a vida, é bonita e é bonita”, enquanto os demais aguardam ansiosamente a quarta-feira de cinzas.

## **5 - SAUDADES DO PASSADO**

Recebi de um amigo uma foto antiga. Foi tirada há mais de vinte anos. Nela, além de mim, estava um grupo de jovens que fora estudar inglês no exterior com o Phil Young. Não era somente na escola de inglês. Era com o Phil mesmo. Ele também estava na foto, e era o professor da minha turma.

Vendo o meu rosto jovem e ingênuo, sem quaisquer rugas, entrei em uma onda de saudosismo. Senti saudades daquela época. As coisas eram mais simples. Iniciando a faculdade de Direito. Poucas obrigações. Muitos sonhos. Praticamente três meses de férias. Brincando de músico em bandas de garagem. Pensando bem, eram de garagem enquanto eu estava nelas. Foi só eu sair que a turma fez sucesso na cidade. As duas bandas. A “Displícência” e o “Atrito”. Certamente fiz uma boa opção em encerrar a carreira de músico, e me dedicar ao Direito.

Foi, no entanto, importante lembrar essa época. Fechando os olhos pude rever mentalmente vários dos amigos que hoje só encontro no Facebook. Lembro do rosto de todos eles. Para mim parece que não envelheceram. Consigo revê-los com os cortes de cabelo esquisitos e as roupas, que hoje parecem

ridículas, que usavam: Cristóvão, Baby, Alexandre, Maurício, Carlos, Afrânio, Digo, Carla, Milane, Dani, Lu e todos os ‘Marcelos’. Marcelo era um nome tão comum que certa vez havia sete na mesma sala. Todos eram chamados pelo sobrenome. Lembrei também do Clóvis, que já se foi, e de muitos outros.

Enquanto escrevia fui revendo tudo e todos, e lembrando dos velhos anos 80. Para mim foi vida, e não uma festa “flashback”. O primeiro beijo no banco do colégio. Os campeonatos de tênis, em que viajávamos na Kombi. A tradicional viagem para o Rio de Janeiro do Colégio Bom Jesus na oitava série. Os vários amores que eram para sempre, mas que mal duravam um mês. A festa em que, impulsionados pelo videoclipe de Michael Jackson, fomos vestidos de “ganguê” usando jaqueta e óculos escuros. As rodas de violão na praia e na casa da Maria José. O meu coração foi se enchendo com a sensação de que aquela época foi a melhor de toda minha vida.

Subitamente sinto algo cutucar o meu pé. Era uma mão “pequeninha”. Olho para baixo, e vejo o Pedro sorrindo debaixo da escrivaninha querendo brincar. Creio que foi Deus que encontrou essa doce maneira de ajudar a terminar o artigo e também de me lembrar que o momento em que sou mais feliz é agora.

## **6 - SOMOS APENAS VIAJANTES**

Tenho pensado no melhor caminho para o futuro. Paulo Leminski, em uma de suas poesias, dizia que não acreditava em caminhos, mas eles existiam. Em minha busca, li também Martha Medeiros que define felicidade como uma combinação de sorte com escolhas bem-feitas.

Sempre acreditei que devem existir caminhos, mas me exaspera não saber onde estão. Depender da sorte e de escolhas corretas para alcançar a felicidade é equivalente a atribuir o nosso destino integralmente à sorte. Digo isso, porque na maioria das vezes não é possível saber de antemão quando uma solução é correta. Não há um único caminho. Há diversos paralelos. Há também bifurcações e encruzilhadas. Escolher um deles significa rejeitar os demais, e recusar as oportunidades que apresentariam. Para cada sim, existe um não.

É fácil reconhecer nossos erros e acertos quando olhamos pelo retrovisor, mas é difícil medir as consequências futuras de nossas ações. Por isso, creio que uma regra de bem viver é optar por ter remorsos pequenos ao invés de grandes. Não se pode fazer tudo durante a vida, e tudo que se faz tem um preço. Não há uma só estrada. O caminho de cada ser humano é único, mas deve ser fruto de uma escolha consciente. Mesmo que não seja a vida ideal, a possibilidade de escolher o que fazer muda tudo. Uma boa alternativa é buscar ser hoje melhor que ontem e amanhã melhor do que hoje, procurando a nossa própria verdade e, à esteira de Nietzsche, tentando nos tornar quem realmente somos.

Quando escolhemos errado só podemos ter paciência. Não somos apenas os nossos acertos, mas também a soma de nossos erros e renúncias. Crescemos quando aprendemos a conviver em paz com o que fizemos de errado. Martha Medeiros afirma que somente nos tornamos adultos quando perdemos o medo de nos equivocarmos. Errar é inevitável. Não somos medidos pelos nossos defeitos, mas pela forma como lidamos com eles. Crescer significa decidir e conviver em paz com os resultados de nossas decisões.

Precisamos lembrar que somos apenas viajantes e de que as nossas pegadas são o caminho, e ele se faz ao andar. Ao andar se faz o caminho e quando olhamos para trás vemos a senda que nunca mais iremos pisar. Palavras escritas por um poeta, mas nem por isso menos verdadeiras.

## **7 - BRINCAR DE ESCREVER**

Várias pessoas comentam sobre o que escrevo. Normalmente são comentários carinhosos. Algumas vezes mencionam que gostariam de escrever, mas por alguma razão não o fazem.

Creio que não escrevem por considerar que literatura é “coisa séria”. Dão à literatura uma importância que não possui. Literatura é brincadeira. Rubem Alves dizia que livros são brinquedos para o pensamento. É por isso que leio e escrevo. Gosto de brincar de pensar. Há tempos escrevo de brincadeira. Brinco porque literatura não é algo solene. É diversão para a mente.

Michelangelo dizia que dentro da pedra já havia uma obra de arte, e que ele apenas retirava o excesso de mármore. A pedra da escrita está em nossa mente. Todos temos mármore da melhor qualidade em nossas cabeças. Basta talhá-lo para transformá-lo em ideias que são colocadas no papel.

É divertido pegar um pensamento, expressá-lo em palavras e transformá-lo em uma frase. É gostoso colocar tudo no papel e depois talhar o texto, retirando o excesso. Mario Quintana afirmava que é preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.

É assim que faço. Pego uma ideia, coloco-a no papel até que surja um texto. Corto o texto, reescrevo e simplifico tantas vezes quantas forem necessárias para que “desça redondo”. O tema pouco importa. Não precisa ser algo relevante. Rubem Alves também dizia que escrever era como catar conchinhas. O tamanho da concha não interessa. Interessante é mostrá-la para quem nunca a viu. Escrever é descobrir e mostrar a descoberta para quem não a conhecia.

Não é preciso escrever difícil. Os melhores livros são aqueles que os leitores, ao lê-los, acreditam que eles mesmos poderiam tê-los escrito. Algo não é mais verdadeiro por ser dito com palavras grandiosas. A verdade se esconde nas palavras simples. Palavras rebuscadas servem apenas para complicar.

É assim que faço. Escrevo sobre coisas simples. Escrevo porque preciso. Faço como Leminski. “Escrevo porque amanhece e as estrelas lá no céu lembram letras no papel”.

## **8 - MORANDO NA PRAIA**

Recentemente realizei um sonho. Estou morando em Barra Velha. É provisório. Logo volto a residir em Joinville, mas é melhor viver no paraíso um pouquinho do que nunca ter nele estado. Levanto cedo para ver o sol nascer enquanto caminho no calçadão. No final da tarde aproveito o horário de verão para brincar com o meu filho na beira do mar, ou andar de bicicleta.

É a vida que pedi a Deus. Sempre tive uma íntima relação com a natureza, e a vida na praia me possibilita esse contato.

Pisar na areia, molhar os pés na água, sentir a brisa e ver o reflexo da lua no mar, com o molhe de pedra natural existente ao fundo, traz lembranças dos diversos verões que passei aqui.



Era uma época diferente. Não tinha as obrigações de um adulto. Praticamente três meses de férias. A família vinha para Barra Velha em dezembro e somente voltava em fevereiro. Todos vinham: avôs, avós, tios, tias, primos, cachorro e até papagaio. Os homens trabalhavam em Joinville e voltavam todas as noites. As mulheres ficavam por aqui cuidando das crianças.

A vida era mais simples. A televisão era horrível. Mal dava para ver a imagem. Colocava-se um Bombril na antena para melhorar o sinal. De noite o programa era conversar, tocar violão e cantar. A música era capitaneada pelos tios Paulo e Neco, que puxavam músicas no violão que até hoje sei de cor. Eu, sobrinho pequeno, olhava aquilo embasbacado, e ao chegar na adolescência acabei também me tornando um “violeiro”.

Muitos foram os “sons tirados” olhando para o mar com as “pedras de barra velha” ao fundo. Diversos foram os luaus na beira da praia, e as bagunças com os amigos de verão. Alguns deles, como o Carlinhos, o Júnior, o Dranka e o Edson, nem mesmo sei por onde andam. Faz tempo que perdi o contato. Outros se tornaram apenas amigos de Facebook.

Guardo com carinho a lembrança de todos aqueles momentos, e viver aqui por uns tempos abastece o meu coração com a energia de um tempo onde as preocupações eram menores. Volto todos os dias para trabalhar em Joinville renovado. Sei que não será para sempre, mas não tem importância, pois sonho não foi feito para durar, e Joinville, afinal de contas, é a cidade que chamo de lar.

## **9 - A MELHOR MISSA DA MINHA VIDA**

Fazia tempo que não entrava na catedral. Entrei observando e

vi as mesmas paredes de concreto, os mesmos bancos de madeira da época em que fiz catequese. Vi o padre Bertino conversando com algumas pessoas. Tinha o mesmo ar de homem santo de que eu me lembrava.

Fui com toda a família. Mãe, pai, irmã, esposa e filho. Era a primeira vez que levava o Pedro na igreja. Havia também avó, cunhado e tios. Estavam todos presentes para uma benção em virtude das bodas de prata de meus pais.

Quando a missa começou não consegui prestar atenção. A música parecia um zumbido ao longe. As orações soavam como um tímido barulho. Fiquei parado, quieto e quase em transe. Olhava vidrado para o Pedro que dormia no meu colo.

Acaricieei seus cabelos, beijei a testa, peguei naquelas mãozinhas tão lindas e pequenas. Olhei para a boca tão perfeita e para a pele branquinha, sem qualquer mancha. Dormindo parecia um bebê, e não o menino sapeca que vive correndo pela casa. Meu coração encheu-se de amor.

Embora não prestasse atenção à missa senti-me em verdadeira comunhão com Deus. Somente um ser divino poderia criar algo tão perfeito quanto o pequeno ser, que estava ali em meus braços a dormir em meio aos cânticos religiosos.

Lembrei-me de como a minha vida mudou para melhor desde que o Pedro nasceu. Ele trouxe sentido para a vida. Um norte. Uma direção a seguir. Tornou-me um homem melhor. A responsabilidade pela vida de um ser tão indefeso e ingênuo fez com que as escolhas fossem mais pensadas. A virtude tornou-se mais do que um dever. Transformou-se em uma obrigação. Ele certamente terá por espelho minhas atitudes. É

um pequeno repetidor de tudo o que eu e minha esposa fazemos.

Decidi rezar. Rezei com o coração. Foi uma prece tão profunda como nunca havia feito antes. Pedi sabedoria para orientá-lo em meio às dificuldades da vida. Orei pedindo discernimento para conduzi-lo pelo bom caminho. Coloquei o destino do Pedro nas mãos de Deus e, quando finalizava a oração, a missa terminou. Não prestei atenção em nada do que ocorreu. Essa, contudo, essa foi a melhor missa de toda a minha vida.

## **10 - BU E MAMÃ**

Meu filho divide o mundo em Bu e Mamã. Bu são as coisas. Para as coisas ele utiliza sempre o mesmo processo de cognição. Pega na mão e depois chacoalha para ver se faz barulho. O passo seguinte é bater no chão pra ver o som que faz. Finalmente arremessa longe para ver se desliza, rola ou faz qualquer outra coisa interessante. Quando o Bu é grande demais ele aponta espantado e bate com a mãozinha.

Mamã são as pessoas. Chama todos de maneira igual. Para ele vovô, vovó, mamãe, papai e qualquer outra pessoa são mamã. O processo de conhecimento aqui é diferente. Primeiro ele olha. Depois solta um sorriso tímido, e se esconde com vergonha. Quando vê que o sorriso é retribuído, sorri com vontade, e muitas vezes estende o braço pedindo colo. Sela a amizade com um gostoso abraço.

Fiquei pensando se as pessoas agem da mesma maneira, e para minha surpresa concluí que meu filho, de pouco mais de um ano, tem mais maturidade que grande parte dos adultos.

Digo isso, porque há quem inverta a ordem e trate pessoas como Bu (coisas). Começam chacoalhando para ver se fazem barulho. Caso não escutem nada batem com elas na parede, e até arremessam ao chão para ver se quebram. Finalizam pisando em cima.

As coisas que desejam tratam como se fossem Mamã (pessoas). Ao vê-las abrem um sorriso que primeiro é tímido, mas logo depois fica desavergonhado. Abraçam-nas como se fossem o que de mais importante há no mundo. Até mesmo as acariciam como se fossem pequeninos bebês.

Esse é um dos males de viver em nossos dias. O ter ganhou predominância sobre o ser. Antigamente, o ter era consequência do ser. Aquele que trabalhava muito, que tratava bem as pessoas, que se aperfeiçoava constantemente era valorizado e acabava, por consequência, sendo bem sucedido materialmente.

Hoje basta ter, e não há grande preocupação com o modo de se conseguir. Houve uma maquiavelização do mundo. Os meios não importam, desde que sejam adequados para atingir os fins buscados. Somos definidos pelo que temos, mas também pelo que não temos. Não possuir bens da moda torna o cidadão um pária social.

É justamente nessas horas, em que a ansiedade cresce pelas coisas que não conquistamos, que é preciso relembrar o software inaugural de todo ser humano. Mamã é mais importante do que Bu. Devemos lamentar pelos amigos que perdemos, pelas pessoas com as quais não convivemos, mas nunca pelo Bu que não temos. Bu pode ser atirado longe. Mamã é para sempre.

## 11 - DECEPÇÕES

É difícil suportar uma decepção. A sensação é de que algo morreu dentro de nós. Mário Quintana dá um testemunho a esse respeito dizendo: “Da primeira vez que me assassinaram perdi um jeito de sorrir que eu tinha. Depois, de cada vez que me mataram, foram levando qualquer coisa minha”.

Cada desilusão leva algo embora. Cada desapontamento retira um pouco de alegria. Cada desengano torna a vida mais escura. De tanto se levar, há quem acabe mudando o jeito de ser. Sente-se que o poeta dizia a verdade ao afirmar que “a saudade que dói mais fundo é a que temos de nós mesmos”.

Independentemente da idade, o ser humano apega-se a ideias, expectativas e situações. Cria imagens do futuro e crê que elas irão se concretizar. Quando o resultado é diferente do imaginado surge a dor, mesmo quando a nova realidade não é tão ruim quanto se imaginava. A simples frustração machuca, pois o homem prefere o demônio esperado àquele que não conhece. Opta pelo conforto e não pelo desafio. Prefere o veneno conhecido ao remédio ainda não provado.

É impossível passar a vida sem sofrer, e viver é arte de decepcionar-se sem perder o ânimo. Na vida raramente as coisas acontecem como planejamos. Lamentar-se pelas expectativas não concretizadas apenas torna a vida pesada. É como se fôssemos colocando cada desilusão em uma mochila e com ela fôssemos subindo a ladeira da vida.

É impressionante a sensação de alívio que obtemos quando reduzimos a carga carregada. Esse ensinamento me foi dado por um amigo que recentemente fez o “Caminho de Santiago”. Segundo ele, o maior ensinamento da peregrinação é que o

“menos é mais”. Quanto menos se carrega na mochila, melhor se faz a caminhada, e isso pode ser levado para todos os momentos de nossas vidas. Diminuir a ansiedade, a culpa, a raiva, o medo, o orgulho e os desejos traz vitalidade.

Esvaziar a mochila periodicamente permite perceber que ter uma vida plena está sempre ao nosso alcance. Depende exclusivamente de perceber a beleza dos momentos que vivemos, pois cada dia constitui uma vida nova para o homem que sabe viver.



IRMĂ CLEA FUCK

***Irmã Clea*** nasceu no dia 21 de outubro de 1926, em São Pedro de Alcântara, onde foi registrada e batizada com o nome de Irene Judith Fuck. No contexto da primeira colônia alemã de Santa Catarina, cresceu bilíngue e foi alfabetizada em alemão, com o antigo alfabeto gótico.

Aos 15 anos entrou no internato do Colégio Espírito Santo, em Tijucas, onde se formou no então Curso Complementar, iniciando sua carreira do magistério.

Aos 20 anos entrou na Congregação da Divina Providência, tomando o nome de Irmã Clea, como hoje é mais conhecida. Em 1962 formou-se em Letras Anglo-Germânicas na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, atual UFSC, no grau de bacharel. Em seguida, fez a Licenciatura na PUC, em Curitiba.

Em 1967 assumiu a direção do Colégio dos Santos Anjos, em Joinville. Ali também foi membro do Corpo Docente Fundador, cadeira de Latim, da então FURB, hoje Univille. Nessa época, participou das reuniões iniciais da Academia Joinvilense de Letras, em processo de fundação.

A serviço da Congregação e da Igreja passou os anos de 1975 a 1993 na Alemanha e em Roma, residindo atualmente em Tijucas, SC.

Motivada por momentos especiais da nossa história, publicou três livros: “*100 Anos de História*”, 1995; “*Eduardo Michelis – Presbítero*”, 2005; e “*Diário de Eduardo Michelis*” – edição bilíngue, 2010.

Irmã Clea acaba de completar 90 anos com invejável vitalidade, excelente aparência e plenamente ativa.



# DISCURSO E POESIA

## Discurso de Parainfa

É noite, mas eu vejo uma grande luz iluminando esta sala, pondo cintilações de dia nos olhos, fulgurações de sol nos corações e nos semblantes.

Vejo diante de mim, quase a intimidar-me, uma representação generosa da sociedade de Curitiba, que vem aplaudir uma vitória. E ninguém, que sabe ouvir nas entrelinhas, deixa de reconhecer que os aplausos vêm mais significativos e mais generosos das mãos que já embalaram o berço em que dormia essa esperança, hoje “vestida de azul e festa”.

E nessas arquibancadas do triunfo, sob o disfarce de outro uniforme, dispostas em outra ordem de fileiras, eu reconheço 36 rostos muito familiares, euintonizo com 36 pares de olhos que de há muito são a minha paisagem de cada dia.

E vós vedes, senhoras e senhores, ao lado desta Mesa de Honra que tão dignamente preside a esta Cerimônia de Gala, a humilde e obscura professora, que uma grande generosidade e um grande carinho consagraram parainfa de suas alunas nesta noite.

Permito-me ainda apontar para a pródiga presença das flores, indispensáveis à harmonia do quadro que nossos olhos contemplam, testemunhas silenciosas que são dos grandes momentos de emoção humana.

E assim, feito o reconhecimento do terreno, feito o levantamento inicial do ambiente, eis-nos localizados e em condições

de proceder à última aula desse ciclo de estudo e formação que ora se conclui.

Minhas caríssimas alunas, afilhadas desta noite:

Se não vos bastaram quatro anos para ouvir a palavra descolorida e pobre da mestra que a Providência Divina colocou ao vosso lado, nessa etapa final de vosso Curso, no Colégio que acabou de diplomar-vos, se a generosidade de vossos corações me pede, em público, esta última aula, aqui estou para repetir-vos, na emoção da despedida, o que vos dizia em nosso primeiro encontro, há quatro anos: *“É preciso estar onde somos chamados. É preciso responder ‘Presente’, onde o nosso nome é um compromisso”*.

Acabais de ser chamadas, uma última vez, em ordem alfabética, assim como os vossos nomes constam dos livros de registro e matrícula. E respondestes “Presente” – e por isso agora não estão vazias as mãos que ontem empunhavam o livro e a caneta.

Ontem, o vosso nome na chamada exigia a vossa presença no trabalho rotineiro e sem brilho. Hoje, a felicidade deste “Presente”, que vos foi dado responder, colocou em vossas mãos um troféu e em vossa frente uma glória. Amanhã, a vossa resposta à chamada da vida talvez vos faça calos nas mãos, talvez vos arranque lágrimas aos olhos que hoje sorriem, talvez vos ponha nos ombros uma cruz pesada.

E eu vos repito: é preciso responder “Presente”. É preciso estar onde o vosso nome for chamado. É preciso não fugir à responsabilidade do compromisso com a vida, que algema a nossa pusilanimidade, o nosso egoísmo, a nossa covardia.

Mas eu vinha dizer-vos sobretudo, caríssimas afilhadas, na aula singular desta noite, uma palavra de alegria e de beleza. Na voz da poesia, eu quis consagrar a vossa despedida com a “mensagem de beleza”, inspirada no conhecido verso do poeta inglês: “Toda beleza é uma alegria eterna”.

A um olhar desatento e superficial poderia parecer inadequado falar em termos de encantamento, quando a realidade da vida nos exige tanta seriedade, quando os termos-chave são “crise” e “problemas” e “revolução”, quando uma posição privilegiada nos confere, além disso, o direito de dizer palavras de peso.

Numa das mais belas páginas do Evangelho, que nos é particularmente cara, porque a chamamos de “evangelho da Divina Providência”, encontramos também o Mestre Divino diante do problema real e angustiante da pobreza humana – o problema da fome e o problema da nudez, que, em última análise, geram todas as crises e revoluções no mundo. “Que havemos de comer e que havemos de vestir?” – eram perguntas da angústia de então como o são hoje também.

E a resposta da pedagogia divina foram dois versos de inexcédível beleza: “Olhai as aves do céu! Olhai as flores do campo!”

Porque Ele, o Poeta divino, sabe que não escreveu em vão o poema da música alada no espaço, o poema do perfume matizado de mil cores nos campos e nos jardins.

Se é preciso que encaremos as contingências laboriosas do nosso dever de cada dia com a viril coragem de quem sabe que não deu bastante enquanto não deu tudo, também é preciso que as constantes preocupações materiais não nos venham

amordaçar a alma e enevoar a visão do espírito. É preciso que defendamos do embotamento do desencanto e da indiferença a sensibilidade jovem do nosso coração faminto de alegria e de beleza, alavancas poderosas dos caminhos de ascensão.

Eu vos dizia, numa hora feliz: todos somos famintos de rosas – do seu perfume e da sua mensagem. Sim, porque cremos na vida, que é uma floração de beleza, em mil tons e rescendências sutis. Na vida, em que os espinhos mais atrevidos e injustificáveis não impedem o orvalho amanhecer de um botão que desabrocha. Na vida, que é bela, porque ainda, à tarde, as pétalas caídas formam um tapete de esperança em torno da roseira que voltará a ser mãe.

Já compreendestes, nesta altura, minhas queridas afilhadas, que não é diferente a minha doutrina de hoje da que sempre me ouvistes na austeridade da sala de aula. Não é de uma beleza fútil que vos falo: não é a alegria fácil, não é um encantamento inconsequente e pueril que exalto. Porque o Mestre que apontou as aves do céu e as flores do campo aos que choravam por pão e agasalho, multiplicou pães e encheu barcas de peixes em demasia – e ensinou a doutrina de dar a segunda túnica, a supérflua, ao irmão que treme de frio.

O Poeta que decantou a beleza do traje branco dos lírios e a felicidade despreocupada das aves que confiam na sábia Providência do Pai, não furtou o rosto ao gesto traidor de um amigo e não recusou os ombros à cruz que devia esmagar-lhe a vida e a honra. Ele dissera o seu grande “Presente”, o seu “Sim” irreversível à vocação de sua vida.

É nessa beleza das horas transcendentais da vida, quando desabrocha em plena luz a personalidade humana capaz de heroísmos silenciosos e ocultos, heroísmos vestidos do

desbotado uniforme diário, porque em traje de gala ofenderiam o pudor – é nessa beleza de força e esforço, de luta e conquista, de trabalho e perseverança, de amor e de perdão que eu penso, quando desejo que leveis gravada nas cordas mais sensíveis da vossa harpa interior “a sinfonia desse instante belo, que concretiza um sonho, um grande anelo”.

Eu não esqueci que esta deve ser uma última aula para quem, já agora, está acreditada, perante a sociedade, para exercer o magistério. Sois professoras – assim o diz esse diploma que a vossa mão afaga feliz.

Sois professoras – vocação que tanto envolve de devotamento, de doação, de silenciosa esperança no desabrochar da semente. O mestre é o arquiteto do futuro. As delicadas alegrias de amizade e gratidão que os alunos lhe preparam, e que tanto lhe sensibilizam a alma, não lhe serão jamais compensação do seu trabalho de fé. O mestre não planta para colher. Outros colherão. A vida colherá, quando já se tiver feito silêncio em torno do seu nome obscuro.

Se o mestre souber estar presente, com essa presença benfazeja, que é feita de bondade, de compreensão e firmeza, a colheita do futuro verá o seu nome esculpido em mármore de gratidão.

Ide para as vossas escolas, professoras de amanhã. Levai a mensagem que o vosso Colégio da Divina Providência vos plantou na alma, desde a vossa infância. É a mais bela retribuição que o carinho do vosso coração poderá reservar para aqueles que caminharam ao vosso lado, como mestres, em todas as etapas de vossa formação.

Ide. Atrás de vós fecha-se o portão amigo, que tantas vezes vos

viu entrar temerosas e preocupadas com lições menos bem sabidas, e vos viu sair alvoroçadas, depois de um cansativo período de trabalho. O Colégio vos chama agora de ex-alunas, os mestres vos chamam de colegas, as pequeninas colegas de ontem, vestindo o uniforme que já abandonastes, talvez vos chamem, amanhã, de professoras.

Mas há alguém que não vos chamará diferente nesta noite, nem amanhã, nem nunca. Alguém que mais que o vosso Colégio, mais que os vossos mestres, mais que a vossa Parainfa, vibra convosco nesta hora de beleza e encantamento. Aí estão os vossos pais, orgulhosos de vós, imaginando ainda ser um sonho aquela realidade que sonharam um dia ao pé do vosso berço: minha filha será alguém na vida. Nossa filha vencerá galhardamente, porque nós, na retaguarda, nos sacrificaremos por ela.

Pais amigos, orgulhai-vos, sim, da filha que vos sorri do alto desse palco de luz – mas orgulhai-vos sobretudo de vós mesmos. Orgulhai-vos do vosso anônimo sacrifício, que é ele o pedestal do triunfo de vossa filha.

O Colégio vô-la devolve nesta hora. Mas a vida, a sociedade, a vocação que ela abraçou vo-la disputarão sempre de novo. Sede sempre generosos, dai-a sempre, porque é assim que pagais a Deus o tributo da felicidade que só um coração de pai e de mãe sabem sentir em momentos como este.

Adeus, meu 3°. Normal. Não fujo a esta palavra, porque ela não é triste, como alguns pretendem. É a mais bela palavra de despedida. É a palavra que, como nenhuma outra, encerra em si o condão de nos manter unidos. Porque é uma palavra de fé. Toda a nossa vida se resume em ir – a Deus. Se vale para mim o “a Deus”, se vale para vós, amigas que partis, se vale para nós

todos, então nunca haverá separação, porque é comum o caminho que trilhamos em demanda da última chamada, então somos todos inseparáveis companheiros de jornada no belo caminho da vida, em que, ao compasso de um grande amor, marchamos juntos – a Deus!

## **A mensagem da beleza**

Por que vestir de azul e festa  
 Quem sai a trabalhar?  
 Que significa esse momento de poesia,  
 Se todos que encontramos já na estrada  
 Que vamos percorrer,  
 Nos vêm dizer  
 Que é prosaica e solitária essa jornada?

Se nos aguarda a escola  
 – E dela o mundo tanto espera –  
 Se nos aguarda o lar  
 – E nele a vida quer-nos fortes –  
 Se somos investidas do mandato  
 De em árduo campo mourejar.

Por que o encantamento  
 Dessa inútil hora de beleza?  
 Que validade tem, no saldo do orçamento,  
 O brilho das estrelas?  
 Qual a mensagem das inúteis coisas belas,  
 Filigranas no painel da vida?

Por que a mão do Senhor  
 Que no espaço jogou

(Ó seriedade transcendente de um Deus a trabalhar!)  
 Esses mundos em órbitas seguras  
 (Misteriosos mundos que ninguém jamais contou...)

Por que essa mão  
 Se comprazeu em brincar,  
 Rendando as fraldas das montanhas  
 De flores  
 Multicores?  
 Tingindo de pudor  
 O berço do sol no horizonte?  
 E ensinando à fonte  
 Meneios caprichosos em direção ao mar?  
 Compondo partituras complicadas,  
 Ousadas,  
 Para o coral dos pássaros inúteis,  
 Que simplesmente gostam de cantar?

Deus perdeu seu tempo em coisas fúteis?

Por que o homem  
 (Incorrigível plagiador de Deus...)  
 Que dele herdou  
 Não só a filiação para o poder amar,  
 Também o instinto de criar,  
 Enquanto sonda os céus em busca do mistério,  
 Voando em cápsulas incríveis  
 Que o seu engenho arquitetou –

Por que esse homem sério  
 Constrói um pequenino e frágil avião  
 Que será destroços e alegria  
 Na pequenina mão  
 Do seu filhinho que pediu brinquedo?



E o sábio dedo  
Que desenhou o cérebro eletrônico  
Desperdiça um gesto inútil,  
Belo,  
Nos caracóis sedosos do cabelo  
Que, em desalinho,  
Se faz moldura do sorriso de um filhinho...

Mistério da beleza  
Dos gestos e das horas!  
De todos os gestos  
E todas as horas!

Beleza do agora num palco de gala  
Em noite de poesia!  
Beleza da acanhada sala  
Onde a mestra sorri um sorriso de mãe  
Para o tímido filho de outra mulher!  
Beleza da longa monotonia  
Que espera a semente no solo crescer!  
Beleza da hora silenciosa  
Em que floriu a rosa  
Que a nossa mão vai dar ou receber!

Clarão de alegria que a vida governa,  
Porque toda beleza é uma alegria eterna!





PAULO ROBERTO DA SILVA

O advogado Paulo Roberto da Silva, 49 anos, iniciou em 2005 um movimento visando reativar a Academia Joinvilense de Letras. Com esse fim, realizou pesquisas (inclusive no Arquivo Histórico local) e contatos com os acadêmicos remanescentes e familiares dos já falecidos.

Em 2013 reuniu, em Assembleia, um grupo de fundadores da AJL que decidiu reerguê-la, sob a presidência do Dr. Carlos Adauto Vieira. Paulo foi então nomeado secretário-geral da entidade e, após, seu tesoureiro “*ad-hoc*”.

Anteriormente atuara como vice-presidente da Sociedade Cultural Alemã de Joinville e do Instituto Cultural Brasil-Alemanha. Exerceu, ainda, as funções de conselheiro-titular na Subseção local da OAB e membro-titular do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB estadual.

Em 2004 e 2005 redigiu uma coluna cultural quinzenal no jornal “A Notícia” e implantou e coordenou até 2007 um Grupo de Estudos de Genealogia, Heráldica e História de Joinville.

Foi eleito acadêmico-honorário da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul em 2013 e da Academia Joinvilense de Letras em 2016.

É Paulo Roberto quem mantém ativa a página da Academia Joinvilense de Letras no Facebook

<https://facebook.com/academiajoinvilensedeletras>

# A ACADEMIA RENASCE

Acadêmica *Maria Cristina Dias*

Fundada em 1969, a Academia Joinvilense de Letras foi reconhecida desde o início nos meios literários do País. Na época, sua criação oficial reuniu em um mesmo salão personalidades como os escritores Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (representando a Academia Brasileira de Letras), Dinah Silveira de Queiroz, Anibal Pires, Elysio Condé e o poeta Lindolf Bell, além dos presidentes das academias paranaense e catarinense de Letras. Sob o comando do escritor e pesquisador Adolfo Bernardo Schneider, que foi o primeiro presidente. Schneider, porém, era o motor que a impulsionava e, com o passar dos anos, ela foi perdendo força. Com a morte de seu presidente, a academia ficou inativa por anos – e caiu no esquecimento.

Há alguns anos, o advogado Paulo Roberto da Silva, um apaixonado pela história de Joinville, estava lendo o livro “Joinville Ontem e Hoje”, da memorialista Elly Herkenhoff, e se deparou com a informação de que a cidade já havia tido uma Academia de Letras. “A partir dessa descoberta surgiu a curiosidade de saber mais: Ainda existe? Quem foram os fundadores? Se existe onde está instalada? Se não existe, por que encerrou as atividades?”, recorda o advogado, que teve a ideia de resgatá-la e reativá-la.

Paulo Roberto começou um movimento nesse sentido em 2005, na antiga rede social Orkut. Em uma comunidade com o título de “Academia Joinvilense de Letras” ele lançou a ideia e iniciou os debates sobre o tema. Em 2012, com o surgimento do Facebook, a antiga comunidade ganhou uma página e começou a tomar forma real. Paulo partiu para o Arquivo Histórico de Joinville para pesquisar o que havia sobre a antiga academia e conseguiu resgatar dados, como os nomes dos pri-

meiros fundadores e muitas outras informações da época.

A partir daí, tratou de obter informações sobre os 39 integrantes da academia, para saber quem eram, onde moravam, se ainda estavam vivos – e porque 39, se o estatuto previa 40. Era o primeiro passo para a reativação da Academia Joinvilense de Letras, que ocorreu de fato no ano seguinte, em 2013, com a presença dos escritores remanescentes e sob a presidência do Dr. Carlos Aduino Vieira. “Transposto o primeiro obstáculo e obtida a reativação em 2013, surgiram os demais desafios da AJL, que são os mesmos enfrentados por todos os que se dedicam à literatura e à cultura em nosso país: o de manter a instituição em atividade, viva, de portas abertas, cumprindo com seu objetivo, apesar das adversidades do caminho”, constata o advogado, que atua como secretário da entidade.



*Fotografia histórica no dia da reativação da Academia Joinvilense de Letras, 14 de outubro de 2013. Da esquerda para a direita: Paulo R. da Silva, Lucinda Boehm, Irmã Clea Fuck, Carlos Aduino Vieira e João Carlos Vieira.*

(foto: Maria Cristina Dias)

## OS FUNDADORES – 1 (série)

*Uma justa e necessária homenagem aos fundadores e aos patronos da Academia Joinvilense de Letras*

Paulo Roberto da Silva

### **JOSÉ ACCÁCIO SOARES MOREIRA FILHO: UM PIONEIRO DO DIREITO**

Nascido em 1897, desde muito cedo o tubaronense José Accácio Soares Moreira Filho vinculou-se a Joinville, onde, já em 1922, tornou-se colaborador da ACIJ (a associação empresarial da cidade) com a publicação de artigo de caráter econômico.

Seu pai, do mesmo nome, fora um advogado provisionado, jornalista e político, que fundara em 1897, no mesmo ano do nascimento do filho, o jornal “A Verdade”, em Tubarão. Nos anos seguintes, seu pai galgou, ainda, os postos de deputado estadual em 6 legislaturas, além de se tornar vice-governador do Estado nos idos de 1930

Por conseguinte, entre 1925 e 1930, residiu José Accácio Filho em Florianópolis, onde atuou na Assembleia Legislativa e, no final do governo de Adolfo Konder, foi incumbido da organização da futura Penitenciária Estadual (atual Penitenciária de Florianópolis), inaugurada que foi no governo seguinte, de Bulcão Viana, dela tornando-se o primeiro diretor. Ingressando na Faculdade de Direito de Curitiba, lá se formou em 1929. Passando a atuar como advogado em Joinville, tornou-se o segundo advogado de Santa Catarina a ingressar na seccional catarinense da recém-criada Ordem dos Advogados

do Brasil, pois esteve inscrito na OAB/SC sob o nº 002 desde 16 de maio de 1933.

Casou-se com a joinvilense Aracy Garcia, irmã do empresário e político Adhemar Garcia, aqui deixando descendência. Desde 1937 tornou-se editor de um boletim informativo da ACIJ – as "Cartas Mensais" – sobre as quais escreveria mais tarde o primeiro presidente da Academia Joinvilense de Letras, Adolfo Bernardo Schneider: "de cada linha transcende uma imensa cultura jurídica". No todo, desenvolveu intensas atividades junto à ACIJ, em várias campanhas da entidade, à qual se manteve vinculado durante 57 anos, ou seja, até dois anos antes de sua morte.

Nos anos 40 empenhou-se na criação de cerca de uma dezena de sindicatos patronais, além de manter, a partir de 1937, em rigorosa ordem um arquivo de Diários Oficiais, que hoje integra o acervo da Biblioteca Pública de Joinville.

A 15 de novembro de 1969 o nome desse jurista e intelectual figurou como um dos 14 fundadores originais da Academia Joinvilense de Letras (AJL), tomando posse na Sessão Solene realizada no Salão Nobre da Harmonia-Lyra. Em 1971, participou das discussões que resultaram na aprovação do primeiro Estatuto da entidade recém-fundada, estando presente também na eleição da primeira diretoria, a 16 de outubro daquele ano.

Constantes eram os contatos do primeiro presidente da AJL com o acadêmico "Dr. Accácio" (como era conhecido), em especial nas questões atinentes à redação dos Estatutos. Faleceu a 14 de novembro de 1981, aos 84 anos, um dia antes do 12º aniversário da Academia que ajudou a fundar. Sua casa,



na esquina da Rua São Francisco com a atual Avenida JK, tornou-se um símbolo na paisagem urbana da cidade.



*O acadêmico José Accácio*

## **BRASIL GERSON - UM JORNALISTA DE DOIS MUNDOS"**

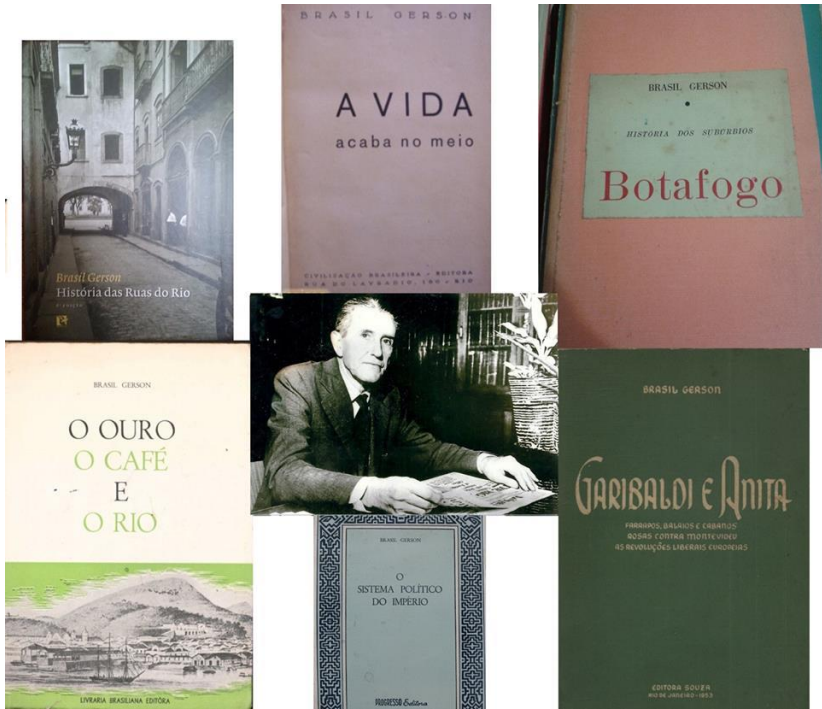
Sob este título, o acadêmico Hilton Görresen discorreu com perfeição sobre a vida e obra de seu tio, o também acadêmico Brasil Görresen, que adotou o nome de "Brasil Gerson" em suas obras. O texto merece ser conferido no seguinte link: <http://www.recantodasletras.com.br/homenagens/1743386>

Efetivamente, Brasil Görresen foi um intelectual bastante completo, que trafegou com segurança pelas letras, seja como historiador, jornalista, escritor, teatrólogo, crítico e roteirista de cinema.

Nascido em 1904 em São Francisco do Sul, foi em Joinville que se iniciou no meio jornalístico, à época no "Jornal de Joinville", de Eduardo Schwartz.

Em 1950 recebeu o prêmio Joaquim Nabuco (de história social), da Academia Brasileira de Letras (ABL), por sua obra "Garibaldi e Anita - Guerrilheiros do Liberalismo".

Desde 7 de dezembro de 1972 tornou-se membro-fundador da ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS (AJL), mas faleceu poucos anos depois, a 20 de agosto de 1981, no Rio de Janeiro.



*O acadêmico Brasil Gerson*

## MOACYR GOMES DE OLIVEIRA: O FIDALGO DAS LETRAS

Filho do ilustre coronel da Guarda Nacional Procópio Gomes de Oliveira, o menino Moacyr cresceu vendo seu pai embrenhar-se pela política de sua terra e em atividades empresariais.

Prefeito de Joinville a partir de 1903, ano do primeiro aniversário de nascimento de Moacyr, o coronel Procópio voltou a ocupar o cargo máximo da municipalidade em um

segundo mandato, em 1911. Mais adiante, tornou-se, ainda, deputado estadual por duas legislaturas: de 1913 a 1915 e de 1916 a 1918.

Nesse período, em 1913, inaugurou sua elegante mansão, a “Villa Maria”, na avenida que hoje leva seu nome. Eis o ambiente em que, a 16 de outubro de 1902, em Joinville, veio à luz Moacyr Gomes de Oliveira, que em homenagem ao pai por vezes adotou, nas letras, o nome de “Moacyr Procópio Gomes de Oliveira”

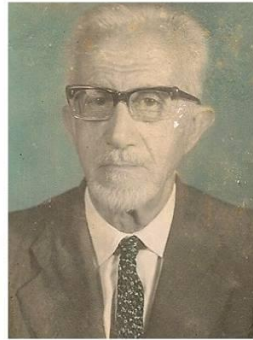
Desde cedo a literatura fez-se presente na vida desse joinvilense que, quis o destino, tornou-se farmacêutico, numa família em que, sendo o caçula de vários irmãos, viu-se cercado por uma plêiade de intelectuais, com um irmão engenheiro, outro médico e um cunhado jurista e senador da República, mas todos também escritores e jornalistas.

Em 1926, seu nome aparece vinculado ao lançamento do mensário ilustrado “Cock-tail”, publicação com finalidade artística, literária e social, que passou a dirigir juntamente com Hostílio Rattón e Arnaldo Douat. Em 1933, enveredou pelo jornalismo, passando à direção do “Correio-Jornal” juntamente com seu cunhado Carlos Gomes de Oliveira, jornal que sucedeu ao “Correio de Joinville”. Aliás, sua constante colaboração com artigos nos periódicos locais fez com que seu nome fosse considerado no rol dos mais frequentes colaboradores da imprensa joinvilense.

Amante das letras, sua biblioteca era composta por bons livros, e aprendeu até mesmo o método de leitura dinâmica. Trabalhou, ainda, na revisão da obra “Casa Feliz”, que trata da colonização açoriana em Santa Catarina, de autoria de seu irmão, o também acadêmico João Acácio Gomes de Oliveira.

A 15 de novembro de 1969 seu nome figurou como um dos 14 fundadores originais da Academia Joinvilense de Letras, tomando posse na Sessão Solene realizada no Salão Nobre do clube Harmonia-Lyra.

Esse homem generoso e de hábitos simples, um verdadeiro “fidalgo das letras”, veio a falecer na sua Joinville natal a 19 de novembro de 1981, na “Villa Maria” construída por seu pai.



*O acadêmico Moacyr Gomes de Oliveira*

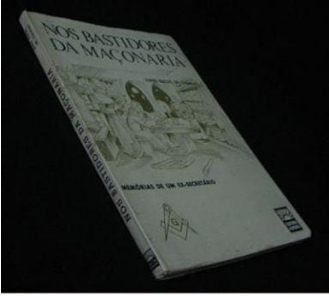
## HANS BACHL, o acadêmico maçom

Nascido na Baviera e imigrado para o Brasil na década de 20, nos anos que se seguiram Hans Bachl fixou residência em Joinville, vindo a se integrar e a se identificar com o país e com as nossas instituições.

Ingressando na maçonaria, desde cedo colaborou em jornais, revistas e periódicos, com crônicas, poesias ou material de pesquisa histórica, para tanto valendo-se de seu próprio nome ou de pseudônimos ("M. Claudius" e "Irmão Três Pontos"). Sua vasta produção pode ser encontrada em várias publicações, tais como: anuário "Serra-Post Kalender", jornal "O Acadêmico" (de Blumenau), revista "Vida Nova" (de Joinville), "Revista União" (de Porto Alegre), "Fraternidade" (de Curitiba), "O Prumo" (de Florianópolis), "O Malhete", "Die Bruderschaft", "Die Weisse Lilie", "Hanseatisches Logenblatt" e outros.

Colaborou, ainda, com o "Álbum Histórico do Centenário de Joinville", organizado pela Sociedade Amigos de Joinville, onde foi autor dos trabalhos "A Estrada Dona Francisca" e "A Maçonaria em Joinville".

Em 1976 publicou a obra "Nos Bastidores da Maçonaria – memórias de um ex-secretário", que mereceu reedição. Além de cronista, poeta, pesquisador e escritor, foi também tradutor, destacando-se seu trabalho com a obra "O Segredo do Maçom" ("Das Geheimnis des Freimaurers"), de autoria do historiador, escritor e maçom bávaro Franz Karl Endres, que traduziu do original em alemão e publicou no ano de 1954. Desde 1969 tornou-se um dos 14 membros pioneiros que fundaram a Academia Joinvilense de Letras, vindo a falecer em 1979, aos 77 anos incompletos.



## Pensamentos Dominicais

A periferia condizena o Centro.  
O SUPREMO acha-se fora e dentro.  
DEUS não é visível, não é substância,  
mas se encontra perto e na distancia.

ELE não tem forma, porém,  
apesar de existir no Além  
habita também dentro de nós,  
ouvís e escutais sua voz.

Dentro deste Espírito Sublime vivamos.  
As suas leis austeras obedecemos.  
Entretanto nos concedeu toda liberdade,  
pondo dest'arte à prova nossa dignidade.

Nas demais creaturas que conhecemos,  
nelas um intelecto não percebemos.  
O bem do mal nós sabemos distinguir,  
responsabilidade, pois, devemos possuir.  
Como peregrinos deste globo terrestre  
caminhamos pelo campo da vida agreste.  
Chegaremos a bom termo com Deus na mente,  
igual destino não terá um ateu descrente.

H. Bachl, Joinville

Autor do Livro "NOS BASTIDORES DA MAÇONARIA".

## A Estrada Dona Francisca

por H. Bachl

O futuro d'um paiz depende grandemente do desenvolvimento de sua rede de estradas.

— 1 —

Já nos primeiros tempos, logo depois da descoberta do Brasil, tornou-se um imperativo para as primeiras caravanas que quiseram penetrar no Interior do imenso continente, abrir caminho pelo sertão desconhecido, para poder tomar posse das terras, em nome do Rei de Portugal.

Sabemos que essas expedições que atravessaram o denso mato virgem, pagaram com "sangue e suor" o seu tributo, ao abrir as picadas à machado. E aconteceu nas margens do rio Itapocú (perto do Joinville de hoje) no ano de 1538, que apareceram um dia naufragos que tinham resolvido emprender uma viagem por terra, afim de alcançar a nova vila de Assunção do Paraguay. Ulrico Schmidl, um bavaro nascido em Straubing, em seu

"Na margem solitaria da vida,  
Onde duna a duna se superpõe,  
Onde a tempestade no escuro rugue,  
A tua ambição um termo pôe!  
Sob marcos já apagados,  
Mãi antepassados jazem.  
Aí! Novas e frescas tumbas  
Para Amigos, amigos fazem.  
De vez que assim te conformaste,  
Fulgure o universo em sua imensidade:  
E a eterna legião dos astros  
Reaviva em tu'alma a saudade,  
Das belas horas que aqui passaste,  
Com teus leais irmãos, fazendo o Bem.  
Corr'a encontrar os velhos companheiros,  
Que já te precederam no Além!"

(Trad. H. B.)

*O acadêmico Hans Bachl*

